REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO

E

GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862

N. 53

ANNO XXXVIII

Goza de tanto bem terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja,
E quanto a luz mais tarde te visita ;
Tanto mais abundante em ti se veja.

S. Rita Durão Caramurú. *(C. IV, Es'r. 59.)*



PERNMBUCO
Typographia do « Jornal do Recife »
47—Rua 15 de Novembro—47

1900

MESA ADMINISTRATIVA DO INSTITUTO

ANNO DE 1900 A 1901

PRESIDENTE

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

1º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro João José Pinto Junior.

2º VICE-PRESIDENTE

Major José Domingues Codeceira.

3º VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade

1º SECRETARIO

Dr. João Baptista Regueira Costa.

2º SECRETARIO

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

SUBSTITUTOS

Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão.
Augusto Cesar da Cunha.

ORADORES

Dr. José Izidoro Martins Junior.
Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

THESOUREIRO

Dr. Gaudino Eudoxio de Brito.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.
Dr. Joaquim Antonio de Castro Loureiro.
Dr. José Lopes Pessôa da Costa.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. João Baptista Regueira Costa.
Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão,
Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

PERO VAZ DE CAMINHA

PRIMEIRO CHRONISTA DO BRAZIL



Ao mundo de Colombo emfim rasgam-se os véos;
Outra terra apparece! arqueiam-se outros céos!

A. E. ZALUAR.

No domingo 8 de Março de 1500, a cidade de Lisbôa acordára em festas para assistir a pomposa solemnidade da partida de uma nova armada, que ia continuar no rumo das Indias Orientaes, as descobertas, que tres annos antes conseguira o genio ousado de Vasco da Gama, tão bellamente decantadas nas immortaes estrophes de Camões, o principe dos poetas portuguezes.

D. Manoel, o afortunado monarcha, reunira naquelle dia, na real capella de Belem, onde hoje campeia o bello e sumptuoso mosteiro dos Jeronymos, todos os grandes dignitarios da sua côrte, para assistirem a missa solemne que precedera a marcha procissional dos arrojados marinheiros, que se iam aventurar mar afóra, em demanda de novas plagas, —*por mares nunca d'antes navegados.*

Pedro Alvares Cabral, fidalgo de alta linhagem, e investido da chefia da expedição, a mais notavel que até então se aprestára para essas aventurosas emprezas, fôra admittido por el-rei á sua tribuna particular, como alta e significativa distincção, assistiu a todo o acto religioso ao seu lado, e terminado o qual, benzeu-se o chapéo que o Papa Alexandre VI mandara de presente a Cabral, sendo logo collocado sobre a sua cabeça por el-rei, que em seguida tirou do altar o real estandarte da Ordem de Christo, anteriormente bento, e o entregou ao novo almirante — *com*

aquella solemnidade de palavras, que os taes actos requerem (*) —na phraze de João de Barros, historiador contemporaneo.

Em todos esses actos religiosos, celebrados com a pompa do ceremonial solemne do ritual romano, officiara, pontificalmente, D. Diogo Ortiz bispo diocesano de Ceuta e posteriormente de Vizeu, cujo prelado, no momento opportuno dirigiu uma eloquente allocução a equipagem da frota, formada em ordem militar de marcha,—*accendendo nos animos o desejo de partilhar dos grandes perigos, a que se iam expor esses atrevidos navegadores.*

Terminadas as solemnidades religiosas, desfila o apparatoso cortejo para as margens do Tejo, e então tem lugar a scena enthusiastica e tocante do embarque de Cabral,— faustoso espectaculo, que raras vezes offerecem os povos, em que as lagrimas e os soluços da saudade se misturam com os risos e vivas, que retumbam nos ares em acclamações.

Effectuado o embarque, ventos contrarios impedem a partida da esquadra, mas no dia seguinte, segunda-feira 9 de Março, logo pela manhã, ao repontar da vazante, levantam ancoras pausadamente as dez caravellas e os tres navios redondos que compunham a frota, todos elles vistosamente embandeirados, tremulando no tópe dos mastros o pavilhão branco com a cruz vermelha da Real Ordem de Christo, e partem á mercê dos ventos, ás saudações dos canhões dos fortes de terra, do repicar alegre dos campa-

(*) Cabral, ao receber das mãos de el-rei o estandarte da Ordem de Christo, devia ter recitado a seguinte formula de juramento, que se impuzera a Vasco da Gama, ao receber igual estandarte por occasião da sua partida para as Indias em 1497 :

« Eu Vasco da Gama, que ora por mandado de Vós, mui Alto, e mui Poderoso Rei meu Senhor, vou descobrir os mares e terras do Oriente da India, juro em o signal desta Cruz, em que ponho as mãos, que por serviço de Deus, e vosso, eu a ponha hasteada, e não dobrada ante as vistas dos Mouros, Gentios, e de todo o genero de Povo aonde eu fôr : e que por todos os perigos de agua, fogo, e ferro sempre a guarde, e defenda até á morte. E assim juro, que na execução, e obra deste descobrimento, que Vós, meu Rei e Senhor, me mandais fazer, com toda a fé, lealdade, vigia, e deligencia eu Vos sirva, guardando e cumprindo vossos Regimentos, que para isso me forem dados, até tornar onde ora estou ante a presença de Vossa Real Alteza, mediante a Graça de Deus, em cujo serviço me enviaes. »

narios, e enthusiasticas acclamações do povo, que em ondas coalhava uma grande extensão marginal do Tejo.

Cabral dirige a armada, rumo direito das Indias, mas obedecendo ás instrucções regias que recebera, e conforme os conselhos de Vasco da Gama, afasta-se da costa africana quanto pôde, fazendo-se ao largo, para depois de attingir aos vinte gráos de latitude sul tomar a róta do Cabo da Bôa Esperança, afim de evitar as calmarias reinantes nas visinhanças do continente africano, as quaes tanto difficultam e demoram as viagens.

Cumprindo Cabral esses preceitos ditados já pela experiencia, faz-se ao largo, logo que chegou na altura de Guiné, mas, natural e insensivelmente arrastado pelas correntes occeanicas, cuja existencia não só não era calculada como nem ao menos conhecida, com surpreza sua, ao cahir da tarde de 21 de Abril começa-se a divisar de bordo signaes de terra ao sudoeste, os quaes cada vez mais se assentuam, e na tarde de 22 descobre-se a leste o cimo de um alto monte. Era o cabeço da Serra dos Aymorés, a que o venturoso almirante impoz o nome de *Monte Paschoal* por occorrer esse facto no oitavario da Paschoa, e a terra, que pouco a pouco surgia esplendida no horizonte, e maravilhosamente se descortinava a seus olhos, o de *Vera Cruz*, em reverencia á cruz de Christo, á cuja ordem cahiam as conquistas e descobertas de terras no ultramar.

....

Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fructo da Paixão na Igreja,
Da fé renovo pelo fructo nobre,
Que o dia nos mostrou, que te descobre. (*)

....

Terra porem depois chamou a gente
Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Assim ama o mortal o bem presente;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura gloria,
Aos bens attentos só da transitoria. (**)

....

(*) Santa Rita Durão, *Caramurú*, Canto V estancia LIX.
(**) Idem, Canto VI estancia LXI.

Estava descoberto o Brazil, o maior padrão de gloria colonial de Portugal, o futuro refugio da sua monarchia, e séde da sua opulenta côrte!

Da paragem em que a esquadra portugueza se aproximara de terra, e depois de um ligeiro reconhecimento da mesma, pelo capitão Nicoláo Coelho, que é por esse facto, conhecidamente, o primeiro portuguez que pizara em terras do Brazil, e praticára com os seus habitantes, levanta ancoras a frota no dia 24 e veleja ao longo da costa contra o norte em busca de um porto que lhe proporcionasse abrigado e seguro ancoradouro, bem como o provimento de agua e lenha

Depois de uma róta de dez leguas de cautelosa navegação, do ponto da primeira ancoragem, surge, em fim, um bom e seguro porto, abrigado por extensa linha de recifes, que interrompendo-se em certa paragem, forma uma larga entrada ou barra do mesmo, entram logo os navios pequenos e fundeiam, e as náos amainam e arribam um pouco antes do sol posto, e vão lançar ancoras a uma legua de distancia dos recifes, em onze braças de fundo.

Foi a esse excellente ancoradouro, que Pedro Alvares Cabral deu o nome de *Porto Seguro*. (*)

Se a aragem, em vez de soprar do sul, levando a armada para o norte, vem deste lado e a leva para o sul, observa o nosso historiador Varnhagen, grande risco houvera ella corrido entre os baixos e recifes dos Abrolhos,

(*) Este Porto Seguro onde fundearam os navios de Cabral, como refere José de Vasconcellos, nas suas *Datas celebres e factos notaveis do Brazil*, não é o que tem hoje semelhante nome. O primeiro, o que teve aquella denominação dada pelo chefe da frota descobridora, está duas leguas ao norte do que assim se chama actualmente, conforme escreveu Pero de Magalhães Gondavo em 1576, o Padre José de Anchieta em 1584, Gabriel Soares de Souza em 1587, o Padre Fernão Cardim em 1590, e Manoel Pimentel em 1762, e hoje é conhecido por *Enseada da Corôa Vermelha* ou *Porto de Santa Cruz*, nomes que o Padre Ayres do Cazal tentou de motu proprio, mudar para o de *Bahia Cabralia* em commemoração á memoria de Pedro Alvares Cabral, e que só foi adoptado por Monsenhor Pizarro, Visconde de Cayrú, e o contra almirante francez, E. Muchez, que assim o chama nos seus

que começam justamente, com os de Itacolomi, logo ao sul do Monte Paschoal.

No dia seguinte, depois de convenientemente examinado o porto, entram as náos e fundeiam na formosa e segura bahia, onde pela sua extensão, na phraze de Caminha, *podem jazer dentro della mais de duzentos navios e náos.*

Na tarde desse mesmo dia, (25 de Abril) desembarcam o almirante e os capitães da frota, em luzido cortejo de escaleres, percorrem a vasta bahia, e saltam por fim em um ilhéo, situado no centro da mesma bahia, e ao qual se dá hoje o nome de *Coróa Vermelha*; e sómente a noite deixam essa bella paragem e tornam para bordo. Cabral deliberou logo que se celebrasse ahi o santo sacrificio da missa, como que em acção de graças pelo descobrimento de tão bello paiz, e na manhã de 26 tem lugar com a pompa e apparato possiveis a celebração desse acto em pleno campo, officiando o guardião dos religiosos franciscanos, Frei Henrique Soares.

Dez dias se deteve Cabral em terras brazileiras, de cujas plagas tomara posse solemne em nome da coróa portugueza, e depois das notaveis occurrencias que se deram, já tão conhecidas e de que tão minuciosamente se occupa Pero Vaz de Caminha na sua carta, levantou ancoras em demanda do seu destino, tão providencialmente desviado, e despacha para Lisbôa um dos navios da sua frota, afim

trabalhos relativos a costa do Brazil, nome que é desconhecido inteiramente na propria localidade.

O lugar que Cabral chamou Porto Seguro, diz Capistrano de Abreu, em pouco tempo começou a chamar-se Santa Cruz, por causa da que alli foi deixada a 1 de Maio de 1500.

Esse interessante ponto da nossa historia acha-se hoje convenientemente elucidado em uma excellente memoria escripta pelo tenente general Henrique de Beaurepaire Rohan, sob o titulo —*O primitivo e o actual Porto Seguro*—, a qual, alem da publicação especial que teve no Rio de Janeiro em 1881, se encontra no T. XLIII da *Revista Trimensal do Instituto Historico Brazileiro*, e no vol. VI da *Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia.*

de dar logo as bôas novas a el-rei D. Manoel do novo e bello paiz que descobrira casualmente. (*)

Por esse navio fizera Cabral detida communicação official a el-rei D. Manoel de todas as occurrencias, bem como varios outros officiaes da armada, e bem assim Pero Vaz de Caminha, que embarcara no navio chefe, despachado escrivão do almoxarifado da fazenda real da feitoria portugueza que se ia crear em Calecut.

Deliberando Caminha, tambem dirigir a el-rei D. Manoel uma longa e minuciosa missiva sobre o auspicioso facto da descoberta da terra da Santa Cruz, foi como que tocado por uma inspiração superior, *posto que*, como diz elle, logo nas suas primeiras palavras, *o capitão mór da armada e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta terra nova*, comtudo, não quiz tambem por sua vez deixar de dar contas a el-rei do grandioso acontecimento, —*ainda que para bem contar e fallar o saiba peior que todos fazer.*— Effectivamente, a carta official do commandante em chefe da venturosa expedição, bem como as demais que se escreveram datadas de *Porto Seguro da Ilha da Vera Cruz*, todas ellas, infelizmente, desappareceram, de sorte que, a carta de Pero Vaz de Caminha,

(*) Temos por mais algumas vezes de nos referir ainda sobre o *casual* ou imprevisto descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral, opinião esta que é hoje corrente e acceita, se bem que se encontre algumas em sentido contrario, porem fracamente sustentadas. O facto é hoje convenientemento demonstrado á luz da critica historica e philosophica, e se acha magistralmente discutido, entre outros escriptos, principalmente nos seguintes :

O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indicios para isso? Programma desenvolvido por Joaquim Norberto de Souza e Silva. — *Revista Trimensal do Instituto Historico Brazileiro.* T. XV, 1852.

Reflexões acerca desta memoria, por A. Gonçalves Dias. Ibi, T. XVIII, 1855.

Refutação ás *Reflexões*, por J. Norberto de Souza e Silva. Ibi, ibi.

No mesmo T. XVIII se encontra ainda o seguinte : — *Memorias sobre o descobrimento do Brazil. Algumas reflexões*, por J. J. Machado Oliveira.

Joaquim Norberto, nega a *casualidade* do descobrimento, e Gonçalves Dias e Machado Oliveira, sustentam-na.

Pedro Alvares Cabral na historia e na legenda, — pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva.

acaso mais cuidadosamente guardada, foi a unica que se salvou e ainda se conserva no proprio original no archivo nacional da Torre do Tombo, em Lisbôa. (*)

Por quasi tres longos seculos permaneceu completamente desconhecida a preciosa carta de Caminha, —com justo motivo considerada o auto do nascimento do Brazil, até que, providencialmente encontrada naquelle archivo pelo historiador hespanhol João Baptista Muñoz, pelos annos de 1793, foi por elle convenientemente estudada, fazendo della um extracto para a sua collecção de manuscriptos historicos, como refere D. Martin Fernandez de Navarrete (**), o qual aliás, não teve publicidade.

Annos decorridos, e ao tempo em que o douto Padre Manoel Ayres do Cazal compunha a introdução ao T. I da sua preciosa *Corographia Brazilica*, impressa no Rio de Janeiro em 1817, communicando-se-lhe no Archivo da Real

(*) De par com a carta de Pero Vaz de Caminha, salvou-se tambem a do *Physico d'el-Rei*, João Emeneláo, de nacionalidade hespanhola e formado em medicina, carta essa que fôra dirigida a D. Manoel, do porto de Vera Cruz, e datada de 1 de Maio de 1500.

Esse documento, de grande valor scientifico, porquanto se refere ás primeiras observações astronomicas que se fizeram na terra descoberta, foi casualmente encontrado por Varnhagen, depois Visconde de Porto Seguro, no archivo real da Torre do Tombo, em Lisbôa, e logo publicado na *Revista Trimensal do Instituto Historico Brazileiro*, T. V (1843) pg. 342; e depois consignada pelo mesmo Varnhagen no tomo primeiro da sua *Historia geral do Brazil*, da primeira edição, impressa em Madrid em 1854—57, a pg. 423.

Alem dessas duas primitivas publicações, encontra-se ainda a *Carta do Mestre João Physico d'el-Rei, para o mesmo Senhor*, nas seguintes obras:

Chorographia historica... do Brazil, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes, T. I (1858) pgs 60—61.

Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia, por I. A. de Cerqueira e Silva, T. I e unico da segunda edição, por Hypolito Cassiano de Miranda (Bahia, 1892) pgs. 68—70.

Alguns documentos do Archivo Nacional. Lisbôa, 1892.

O Descobrimento da America e do Brazil, por Candido Costa, Pará, 1896, pgs. 327—30, documento n. 1.

(**) Coleccion de los viages y descubrimientos, que hicieron por mar los españoles; — T. III, Madrid, 1829, pg. 45.

Marinha daquella cidade uma copia da carta escripta de Porto Seguro a D. Manoel, por Pero Vaz de Caminha, inseriu-a elle, em sua integra, no mencionado T. I da sua *Corographia*, e d'est'arte, teve publicidade pela primeira vez, tão precioso documento, no Brazil, na propria terra em que foi traçado, e cujo feliz descobrimento particularmente descreve ao soberano portuguez.

Ayres do Cazal, porém, não foi completamente fiel ao texto na consignação que fez da carta de Caminha, pois julgou de bom aviso omittir aquellas phrazes com que o autor, com uma ingenuidade e franqueza admiraveis, descreve naturalmente a belleza physica das mulheres indigenas, *bem moças e bem gentis*, descendo mesmo a particularidades, facilimas de observação pela completa nudez e innocencia que ostentava essa gente, innocencia essa que — *é tal*, na propria phraze de Caminha, *que a de Adão não seria mais quanto em vergonha*.

Cazal, portanto, sacerdote que era, julgou prudente não *escandalisar* os seus leitores com essas realistas descripções, e omittiu-as; mas Varnhagen, (Visconde de Porto Seguro) que não se prendia por esses zelos, ou acaso, preconceitos, deu-nos uma transcripção fiel, exacta e completa do apreciavel codice quinhentista, cuidadosamente copiado do proprio original, e como elle, outros escriptores mais (*). Entretanto, essas ommissões de Ayres do Cazal, em nada desmerecem — « o assignalado serviço que prestou o erudito padre a historia patria, descortinando com essa sua publicação factos de summo interesse, até então ignorados, e rectificando os erros das primeiras datas do descobrimento do Brazil. »

Geralmente citada e excerptada por varios historiographos nacionaes e estrangeiros, como precioso elemento de narrativa fiel do venturoso acontecimento da descoberta da terra da Santa Cruz, — submettida a uma lumi-

(*) Nota acercá de como não foi na Corôa Vermelha na enseada de Santa Cruz que Cabral primeiro desembarcou e em que fez dizer a primeira missa, acompanhada do texto integro (e não truncado, segundo o publicou Cazal) da carta-chronica do descobrimento, escripta ao rei D. Manoel pelo cavalleiro de sua casa Pero Vaz de Caminha, que ia de escrivão na armada. — *Revista Trimensal do Instituto Historico Brazileiro.* T. XL (1877) parte 2ª.

nosa critica pelo sabio Humboldt, no seu *Examen critique de l'histoire de la geographie du nouveau continent*, fazendo sobre sahir o seu incontestavel valor,— consignada em sua integra, successivamente á *Corographia Brazilica* de Ayres do Cazal, em varios trabalhos historicos, revistas, e até mesmo em monographias especiaes, tem ainda a inapreciavel carta de Caminha condigna distincção em aprimoradas versões francezas, pelo douto Fernando Denis, e em allemão, por Olfers; e contentamo-nos com essa synthetica menção bibliographica, uma vez que não nos parece opportuno fazermol-a detida e circumstanciadamente. (*)

Nesse precioso documento historico, enfeixou o emerito chronista tudo que occorreu de notavel na viagem até o dia 1 de Maio, em que sellou esse monumento, que de modo tão solemne memora o seu preclaro nome, e d'est'arte transmitte a el-rei D. Manoel — « minuciosa relação da viagem de Pedro Alvares Cabral desde 9 de Março de 1500, em que a sua esquadra largara, descendo o Tejo, até 21 de Abril em que se aperceberam signaes de terra proxima e não conhecida, e desde 22 de Abril, em que se descobrira a nova terra até 1 de Maio, o dia da plantação da Cruz, á cujos pés se gravaram os signaes do dominio portuguez, e de 22 de Abril a 1 de Maio informações officiaes de tudo, das primeiras idéas sobre o paiz, do aspecto e dos costumes

(*) O leitor investigador, encontrará sobre o assumpto, um excellente trabalho inserto nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. IV. (1877—1878), pgs. 7—14, do qual, muito nos utilisamos no presente escripto. A esse trabalho, temos apenas que accrescentar as duas seguintes e ulteriores publicações da carta de Caminha:

Carta de Pero Vaz de Caminha um dos escrivães do almoxarifado ou recebedor do imposto real, que ia na armada de Pedro Alvares Cabral, escripta de Porto Seguro nesta data (1 de Maio de 1500) ao Rei D. Manoel dando-lhe noticia do descobrimento da *Ilha da Vera Cruz*. — Datas celebres e factos notaveis da historia do Brazil, por José de Vasconcellos. Pernambuco, 1890, Volume I e unico publicado, pgs. 18—29. Vasconcellos se utilisou da copia tirada pelo Visconde de Porto Seguro, e por elle publicada em portuguez moderno na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, T. XL, de 1877.

Carta de Pero Vaz de Caminha. 1 de Maio de 1500. — Candido Costa, *O descobrimento da America e do Brazil*. — Pará, 1896, pgs. 330—56. Documento n. 2, segundo o texto original.

bem mal apreciados embora dos indios seus habitantes, de quanto fizera e ordenara Cabral, de ligeiros episodios, de descripções de solemnidades, de todo o importantissimo relatorio emfim desses dez dias, que formam o primeiro, romanesco, poetico, e riquissimo livro da historia do Brazil. » (*)

Eis em quadro synthetico, traçado por mão de mestre, o que é e o que vale a carta de Pero Vaz de Caminha !

Se, porém, Caminha se ostenta um observador de subido quilate, para enfeixar em poucas phrazes, narrativas que em muito se poderia estender, das occurrencias da viagem, das scenas encantadoras do bello paiz que se rasgava esplendido aos olhos dos ousados marinheiros portuguezes ; se descreve com um colorido brilhantissimo, com uma naturalidade clarissima, tudo que se passara nesses poucos dias da estadia da frota de Cabral ancorada nas virgens aguas desses *mares nunca dantes navegados*, dessa bellissima e opulenta terra da Vera Cruz ; se com uma ingenuidade e franqueza de linguagem admiraveis, proprias do seculo em que viveu, descreve elle tão ao natural a belleza athletica do homem selvagem, e os primorosos contornos plasticos da mulher indigena ; todas essas bellezas e curiosidades da carta, portanto, passamos sem nos deter, mas não podemos resistir á tentação de ao menos attender ao trecho final, em que o autor descortina ao mundo o bello panorama do paiz que extasiado contemplara por dez dias, debruçado sobre a amurada do navio chefe da glorificada expedição, ou na propria terra, nas excursões que se fizeram !...

« Esta terra, diz Caminha, *nesse engano d'alma*, de que se tratava de uma grande ilha, esta terra, Senhor, me parece, que da ponta que mais está contra o sul, vimos até outra ponta, que contra o norte vem, de que deste porto houvemos vista, será tamanha, que haverá nella vinte ou vinte e cinco leguas por costa ; traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, dellas vermelhas e dellas brancas, e a terra por cima toda chan, e muito cheia de grandes arvoredos de ponta em ponta : é toda praia parma, muito chan, e muito formosa ; pelo sertão nos pareceu do

(*) J. M. de Macedo, *Anno Biographico Brazileiro*, vol. II pag. 1

mar muito grande, porque a estender olhos não podiam ver senão terra e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. Nella até agora não podemos saber se haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos; porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os d'entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assim os achavamos como os de lá: as aguas são muitas, infindas; em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-ha nella tudo por bem das aguas, que tem; porém o melhor fructo, que nella se póde fazer, me parece, que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente, que Vossa Alteza em ella deve lançar; e que ahi não houvesse mais que ter aqui esta pousada, para esta navegação de Calecut, bastaria, quanto mais disposição para nella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja a saber: accrescentamento da nossa santa fé. »

Assim conclue Pero Vaz de Caminha a sua bellissima epistola dirigida a el-rei D. Manoel, traçada de bordo do navio chefe da expedição de Cabral, e datada — *Deste Porto Seguro da Ilha da Vera Cruz. Hoje sexta-feira, primeiro dia de Maio de mil e quinhentos;*— e mal pensava elle, que ao escrever *essas venerandas sete folhas de papel florete*, na phrase do nosso historiador Varnhagen, e que constituem o mais antigo documento que existe em nossa lingua materna, escripto no proprio paiz que acabava de ser descoberto, abriria com ellas o prologo dessa bellissima epopéa nacional, que se chama *Historia do Brazil.*

O Dr. Joaquim Manoel de Macedo, consagrando o dia primeiro de Maio do seu *Anno Biographico Brazileiro*, á memoria desse illustre cavalleiro, cujo nome é tão caro a dous povos distinctos, mas irmanados por tantos sentimentos intimos, desse homem a quem o Brazil deve a felicidade de ter logo um historiador no proprio dia do seu descobrimento, paraphraseando o sabio escriptor francez Fernando Denis, assim escreve:

« Essa carta é o mais antigo, é o primeiro documento historico, é o auto solemne do descobrimento, é a primeira palavra da historia do Brazil.

« Sua importancia official é tão transcedente, seu merecimento real é tão grande, que essa carta de Caminha tem sido reproduzida, e renovadamente publicada em

muitas obras de historia, de corographia, e de informações do Brazil.

« Pero Vaz de Caminha é portanto o homem, cuja bocca primeiro fallou, cuja mão primeiro escreveu sobre o descobrimento, sobre os indios habitantes, sobre as cousas observadas, e sobre os factos passados nos primeiros dias da terra, á que inesperadamente chegara Pedro Alvares Cabral.

« A carta de Caminha vale ainda muito mais do que os escriptos de Gandavo, que valem tanto.

« Quem quer que seja o historiador do Brazil, hoje ou daqui a mil annos, a carta de Pero Vaz de Caminha será a fonte do primeiro capitulo da sua obra.

« Pero Vaz de Caminha e o Brazil não se podem separar; prenderam-se ambos á Cruz de Porto Seguro. »

....

Agora nos cumpre, vencendo difficuldades inauditas, e depois de improbo trabalho, recolhermos aqui o pouco, o muito pouco mesmo, que podemos conseguir sobre o autor dessa memoravel carta–prologo da nossa historia patria.

A epocha do nascimento de Pero Vaz de Caminha é inteiramente desconhecida. Entretanto, calculando-se que tivesse elle os seus cincoenta annos de idade quando embarcou na memoravel expedição de Pedro Alvares Cabral com destino ás Indias, em 1500, nasceu em meiados do seculo XV, uma vez que, naquella epocha tinha já uma filha casada com Jorge de Soyro, acaso de serviço em S. Thomé, porquanto conclue Caminha a sua carta supplicando a el-rei D. Manoel, como *singular mercê*, que mandasse buscar a seu genro daquella ilha, sem duvida para o reino, onde vivia sua familia.

Da sua ascendencia, educação e primeiros passos de sua vida, nada se sabe. A excepção dos dados positivos do seu despacho para a nova feitoria de Calecut, da sua viagem na frota expedicionaria, que descobrira o Brazil, tudo o mais são conjecturas por absoluta ausencia de noticias exactas e precisas á seu respeito.

Se usava elle legitimamente do appellido de *Caminha*, como é obvio, era oriundo da villa deste mesmo nome, situada nas regiões pittorescas da provincia do Minho, e

de preclara linhagem, porquanto os *Caminhas*, segundo os genealogistas portuguezes, trazem a sua origem de Galiza, e contam entre outros ascendentes a João Alvares de Caminha, — que foi o instituidor do grande morgado que tem esta familia, e de quem procede grande parte da fidalguia do reino ;— e na epocha em questão ligada ainda por laços muito intimos á casa de Belmonte, a que pertencia o almirante Pedro Alvares de Cabral. (*)

Se attendermos ainda, a que nesses tempos não se usava facil e impunemente de appellidos de familias illustres, tão ciosas que eram dos seus fóros de nobreza e fidalguia, Pero Vaz de Caminha é ainda um dos ascendentes do celebrado poeta quinhentista Pedro de Andrade Caminha, e parente de Sancho de Toar, um dos capitães das cara-

(*) Dom Diniz de Faro, da casa de Vimieiro e commendador de Santa Eulalia de Moras na ordem de Christo, — « casou com D. Luiza Cabral, que por morrer seu irmão João Alvares Caminha na batalha de Alcacer, veio a ser herdeira do morgado, e casa de seu pai João Alvares Caminha, irmão de—Ruy Vaz de Caminha—, vedor da fazenda da India, e conforme Diogo Gomes de Figueiredo, insigne genealogico, de quem se conservam os seus originaes na livraria do Duque de Cadaval, eram filhos de João de Durões de Castanheda, e de Catharina Caminha, filha de João Alvares Caminha, e de Izabel Alvares Sarria, o qual era filho de Maria de Caminha, irmã de Izabel de Caminha, mulher de João Tovar, e de Affonso Vaz de Caminha, fidalgo da casa do Duque de Bragança D. Fernando II, filhos de Ruy Vaz Caminha, que dizem ser filho de Fernão de Caminha, um fidalgo gallego, que passou a Portugal no anno de 1367, e serviu a el-rei D. Fernando ; foi João Alvares Caminha (pai de D. Luiza Cabral) casado com D. Izabel Cabral, filha de Diogo Vaz da Veiga, e de Brites Cabral, filha de Diogo Cabral o Velho, da Ilha da Madeira, que como escreve Henrique Henriques de Noronha mui versado na historia, e na Genealogia, que na parte, que toca ás que escreveu da Ilha da Madeira, de que era natural, se lhe deve todo o credito pela sua verdade, comprovada com documentos, que elle examinou, e viu, entende ser irmão de Fernão Cabral, alcaide mór de Belmonte, e filho de Fernão Cabral, guarda mór do infante D. Henrique, e senhor de Azurara. Falleceu D. Luiza Cabral a 10 de Abril de 1622. » — D. Antonio Caetano de Souza, *Historia genealogica da casa real portugueza*, T. IX, pag. 669.

velas da frota que descobrira o Brazil, e immediato de Alvares Cabral no commando em chefe da mesma frota. (*)

Varnhagen, que tão escrupuloso se revela nos seus escriptos, trata a Pero Vaz de Caminha por *fidalgo da casa de el-rei D. Manoel.*

Apezar dessas proposições, acaso conjecturaes, é de crer, porém, que Pero Vaz de Caminha fosse um homem de serviços notaveis ao seu paiz, e de superior hyerarchia social, porquanto nessa epocha os despachos de cargos publicos nas possessões ultramarinas, de uma tal ou qual importancia, eram de preferencia conferidos a esclarecidos fidalgos, e particularmente nobilitados por serviços de alta valia prestados ao estado. Alem disso, Caminha se revela um homem de regular instrucção litteraria, criterioso e dotado de um espirito de observação muito aprimorado, sabendo alem disso externar todos esses predicados com elegancia e precisão; o que, por conseguinte, justifica de um modo muito eloquente esses nossos conceitos.

Effectivamente, a historia tem tambem as suas deducções, e as suas provas circumstanciaes.

Como homem de merecimento, portanto, recebeu Caminha o despacho de escrivão da feitoria real que se ia fundar em Calecut, e embarcou com o respectivo feitor nomeado, Ayres Corrêa(**), e Gonçalo Gil Barbosa, tambem como elle despachado escrivão da nova feitoria portugueza, no navio chefe da frota sob a capitania mór de Alvares

(*) Como nobre, Pedro de Andrade Caminha entrou muito cedo para o serviço de camareiro do principe D. Duarte, duque de Guimarães que lhe deu depois, a alcaidaria mór de Celorico de Basto, e uma tença de duzentos mil réis. Andrade Caminha teve os seguintes irmãos:— Affonso Vaz Caminha, Gaspar Caminha, D. Joanna de Toar, D. Anna de Toar, D. Guiomar de Souza, e D. Catharina de Toar.— Theophilo Braga, *Historia dos Quinhentistas*, pag. 219.

(**) Ayres Corrêa foi tambem um dos missivistas d'el-rei D. Manoel, sobre o facto do descobrimento do Brazil, mas do seu escripto não ha noticia alguma; perdera-se, sem duvida, como tantos outros que por essa occasião foram dirigidos ao soberano, e datados daquelle *Porto Seguro da Ilha da Vera Cruz.*

Refere-se, porem, a essa missiva o Bacharel João Emeneláo, *Physico d'el-rei*, na carta que tambem dirigiu a D. Manoel, por essa occasião, e sobre a qual já nos referimos, dizendo elle sobre esse particular: —*de todo lo aca pasado largamente escrivieron á vosa alteza asy Arias Correa como todos los otros...*

Cabral, a qual partira do porto de Lisbôa no dia 9 de Março de 1500, no meio de estrondosas manifestações de enthusiasmo, feliz auguro da venturosa descoberta que o acaso lhe deparára.

Cremos, porem, que alem daquella mercê regia, conferira tambem el-rei a Caminha, o cargo de *Escrivão da armada*, com que o distingue Varnhagen, Fernando Denis e outros historiadores, acaso ditado esse despacho, para se aproveitar os seus serviços e aptidões na viagem.

Vem ainda em auxilio e apoio dos nossos externados conceitos sobre a nobreza e importancia social de Caminha, alem daquelles despachos regios, e do seu embarque no navio almirante, a sua intima privança com os officiaes de bordo, tomando parte nas recepções solemnes feitas aos indigenas na propria camara do capitão-mór Alvares Cabral, e ainda no conselho de officiaes que elle reuniu em seu navio para consultar —*se lhes parecia ser bem mandar nova do achamento desta terra a Sua Alteza pelo navio dos mantimentos*,— o que foi resolvido acquiescentemente com o parecer de todos.

No dia 2 de Maio parte a esquadra de Porto Seguro da Vera Cruz, em demanda das Indias, chega a Calecut em 13 de Setembro e desembarca depois a expedição que tinha de estabelecer ahi a nova feitoria portugueza, a qual por um revez da fortuna, estava condemnada a desapparecer desastrosamente dentro de muito pouco tempo.

Effectivamente, tres mezes depois, rebenta uma revolta em Calecut, e quatro mil homens atacam a feitoria inopinada e furiosamente, levam tudo a ferro e fogo, e fogem com os ricos despojos do saque, antes que a esquadra portugueza fundeada no porto da cidade providenciasse soccorros á gente da guarnição do estabelecimento. — « Dos setenta portuguezes ficaram mortos cincoenta, e entre elles Ayres Corrêa: os outros escaparam com muito custo na praia, onde os recolheram os bateis vindos dos navios á primeira revolta, a maior parte delles feridos, e sem forças de cançados, e do muito trabalho que tiveram para se recolher. » (*)

(*) *Historia dos descobrimentos e conquistas dos portuguezes no Novo Mundo*, T. I, Lisbôa, 1786. — Sobre o lugubre acontecimento do massacre de Calecut, se encontra minuciosa e particular mensão

A represalia dos portuguezes, porém, não se fez esperar muito. Alvares Cabra investe com a sua esquadra trese navios de mouros surtos no porto, aniquila-os completamente, e dá em seguida um desembarque na cidade; e depois de vingar a morte dos seus compatriotas e o ultrage do nome portuguez, abandona a praça de Calecut, bastante damnificada, com mais de 600 mortos dos seus habitantes, e levanta ancoras para o porto de Cochim.

O triste acontecimento do massacre dos portuguezes em a nascente e ephemera feitoria de Calecut, teve lugar no dia 16 de Dezembro de 1500. Caminha seria, porventura, uma das victimas dessa deploravel escaramuça que se deu sob a influencia dos commerciantes mahometanos alli estabelecidos, ou teria escapado, entre os poucos que isso conseguiram? Nada consta de positivo. Entretanto, nos parece antes, que foi elle uma das victimas, porquanto, depois da expedição de Cabral, não se encontra mais o seu nome em documento algum.

Eis unicamente o que nos é dado referir sobre a vida e feitos do primeiro chronista do Brazil.

Pero Vaz de Caminha, portanto, pelo brilho do seu nome, inolvidavel pelos serviços que prestou á historia e geographia dos dous paizes irmãos, é digno, muito digno mesmo, de compartilhar das honra e homenagens, que o Brazil e Portugal unida e fraternalmente prestam ao grandioso facto do descobrimento da *Terra da Santa Cruz*, nessa solemne commemoração do seu quarto centenario.

---

no cap. XVII de um trabalho contemporaneo sob o titulo —*Navegação de Pedro Alvares Cabral*,— escripta por um piloto portuguez que tomou parte na mesma navegação, e foi portanto, testemunha presencial de todas as occurrencias. O referido escripto vem publicado no T. II da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, sob o n. 3.

Carta á El-rei D. Manoel, escripta por Pero Vaz de Caminha, de Porto Seguro da Ilha da Vera Cruz, em 1 de Maio de 1500

Senhor. — Posto que o capitão-mór desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei tambem de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que, para o bem contar e fallar, o saiba peior que todos fazer; porém tome Vossa Alteza minha ignorancia por boa vontade, a qual bem certo creio, que, por aformosentar nem afeiar, haja de pôr mais que aquillo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e singraduras do caminho, não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado; e, portanto, Senhor, do que hei de fallar começo e digo:

Que a partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira 9 de Março, e sabbado 14 do dito mez, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canarias, mais perto da Gran-Canaria; e ahi andamos todo aquelle dia em calma á vista dellas, obra de tres ou quatro leguas.

E domingo, 22 do dito mez, ás 10 horas pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber: da ilha de S. Nicolán, segundo dito de Pedro Escobar, piloto; e á noite seguinte, á segunda-feira, lhe amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataide, com a sua náo, sem ahi haver tempo forte, nem contrario para poder ser; fez o capitão suas diligencias para o achar n'umas e n'outras partes, e não appareceu mais; e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo até terça-feira, oitava da Pascoa, que foram 21 de Abril, que topamos alguns signaes de terra, sendo da dita ilha, segundo os pilotos diziam, obra de seissentas e sessenta ou setenta leguas, os quaes eram muita quantidade de hervas compridas, a que os mareantes chamam *botelho*, e assim outras, a que tambem chamam *rabo de asno*, e á quarta-feira seguinte, pela manhãn, topamos aves, a que chamam *fura-buchos*, e

neste dia, á horas de vespera, houvemos vista de terra, a saber: primeiramente de um grande monte mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas no sul delle, e de terra chan com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôz nome o *Monte Pascoal*, e á terra o de *Vera Cruz*. Mandou lançar o prumo: acharam vinte e cinco braças, e ao sol posto, obra de seis leguas de terra, surgimos ancoras em dezenove braças, ancoragem limpa. Alli ficamos toda aquella noite.

E quinta-feira, pela manhãa, fizemos vela e seguimos direitos á terra, e os navios pequenos indo diante por dezesete, dezeseis, quinze, quatorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia legua de terra, onde todos lançamos ancoras, em direito da bocca de um rio. E chegariamos a esta ancoragem ás 10 horas, pouco mais ou menos. E d'alli houvemos vista de homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo os navios pequenos disseram, por chegarem primeiro alli. Lançamos os batéis e esquifes fóra; e vieram logo todos os capitães das náos a esta náo do capitão-mór, e alli fallaram, e o capitão mandou no batel em terra Nicoláu Coelho para vêr aquelle rio; e tanto que elle começou para lá a ir, acudiram pela praia homens, quando dois, quando tres, de maneira que, quando o batel chegou á boca do rio, eram alli dezoito ou vinte homens pardos, todos nús, sem nenhum cousa, que lhes cobrisse suas vergonhas; traziam arcos nas mãos e suas settas. Vinham todos rijos para o batel, e Nicoláu Coelho lhes fez signal, que puzessem os arcos, e elles os puzeram.

Alli não pôde delles haver falla, nem entendimento, que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa. Sómente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho, que levava na cabeça, e um chapéo preto; e um delles lhe deu um sombreiro de pennas de aves compridas, com uma copasinha pequena de pennas vermelhas e pardas, como as de papagaio e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas miudas, que querem parecer de aljaveira, as quaes peças creio, que o capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu ás náos, por ser tarde e não poder delles haver mais falla por causa do mar.

A' noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros, que fez cassar as nàos, e especialmente a capita-

nea; e á sexta, pela manhãn, ás 8 horas pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o capitão levantar ancoras e fazer vela, e fomos de longo da costa com os bateis e esquifes amarrados por pôpa contra o norte, para vêr se achavamos alguma abrigada e bom pouso, onde jouvessemos para tomar agua e lenha, não por nos já minguar, mas por nos acertarmos aqui.

E quando fizemos vela, seriam já na praia assentados, junto com o rio, obra de sessenta ou setenta homens, que se juntaram alli, poucos e poucos.

Fomos de longo, e mandou o capitão aos navios pequenos, que fossem mais chegados á terra, e que, se achassem pouso seguro para as náos, amainassem; e sendo nós pela costa, obra de dez leguas d'onde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos um recife, com um porto dentro muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada; e metteram-se dentro e amainaram, e as náos arribaram sobre elle, e um pouco antes do sol posto amainaram obra de uma legua do recife, e ancoraram-se em onze braças. E sendo Affonso Lopes, nosso piloto, em um daquelles navios pequenos, por mandado do capitão, por ser homem vivo e destro para isso, metteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dois daquelles homens da terra, mancebos e de bons corpos; e um delles trazia um arco, e seis ou sete settas, e na praia andavam muitos com seus arcos e settas, e não lhes aproveitaram. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição delles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos; andam nús, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estão ácerca disso com tanta innocencia como têm em mostrar o rosto; traziam ambos o beiço de baixo furado, e mettido por elle senhos onos de ossos, brancos, de compridão de uma mão travéssa, e de grossura de um fuzo de algodão, e agudo na ponta como furador; mettem-n'os pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque de xadrez, e em tal maneira o trazem alli encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a falla, nem comer, nem beber. Os cabellos seus são corredios, e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que

de sobre-pente, de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um delles trazia por baixo da solapa, de fonte á fonte, para detraz, uma maneira de cabelleira de pennas de aves amarellas, que seria de compridão de um couto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabellos penna e penna com uma confeição branda como cêra (*), e não n'o era, de maneira que andava a cabelleira mui redonda, e mui basta e mui igual, que não fazia mingua mais lavagem para levantar.

O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira, e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um collar de ouro mui grande ao pescoço, e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicoláu Coelho, e Ayres Corrêa, e nós outros que aqui na náo com elle imos, assentados no chão por essa alcatifa: accenderam tochas e entraram, e não fizeram nenhuma menção de cortezia nem de fallar ao capitão nem a ninguem; porém um delles pôz olho no collar do capitão, e começou de acenar com a mão para terra e depois para o collar, como que nos dizia, que havia em térra ouro; e tambem viu um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia tambem prata; mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz; tomaram-n'o logo na mão e acenaram para a terra, como os havia ahi; mostraram-lhes um carneiro, não fizeram delle menção; mostraram-lhes uma gallinha, quasi haviam medo della, e não lhe queriam pôr a mão, e depois a tomaram como espantados; deram-lhes alli de comer pão e pescado cosido, confeitos, fartes, mel e figos passados; não quizeram comer daquillo quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam-a logo fóra; trouxeram-lhes vinho por uma taça; puzeram-lhes assim á boca tão a lá vez, e não gostaram delle nada, nem o quizeram mais; trouxeram-lhes agua por uma albarrada, tomaram della senhos bocados, e não beberam; sómente levaram as bocas e lançaram fóra; viu um delles umas contas de rosario brancas; acenou, que lh'as dessem, e folgou muito com ellas e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e embrulhou-as no

(*) Icica ou alméciga, sem duvida.

braço e acenava para a terra e então para as contas e para o collar do capitão, como que dariam ouro pór aquillo; isto tomavamos nós assim pelo desejarmos; mas se elle queria dizer, que levaria as contas e mais o collar, isto não queriamos nós entender; porque lh'o não haviamos de dar; e depois tornou as contas a quem lh'as deu, e então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaes não eram fanadas, e as cabelleiras dellas bem rapadas e feitas; o capitão lhes mandou pôr ás cabeças senhos coxins; e o da cabelleira procurava assaz pôl-a não quebrar, e lançaram-lhes um manto em cima, e elles consentiram e jouveram e dormiram.

Sabbado pela manhã mandou o capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e alta de seis a sete braças; e entraram todas as náos dentro, e ancoraram-se em cinco, seis braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formosa, e tão segura, que podem jazer dentro nella mais de duzentos navios e náos. E tanto que as náos foram pousadas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta náo do capitão mór. E daqui mandou o capitão Nicoláu Coelho e Bartholomeu Dias, que fossem em terra, e levassem aquelles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e settas, aos quaes mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dois rosarios de contas brancas de osso, que elles levavam nos braços, e senhos cascaveis e senhas campanhias. E mandou com elles, para ficar lá, um mancebo degradado, criado de D. João Tello, a que chamam Affonso Ribeiro, para andar lá com elles, e saber de seu viver e maneira, e a mim mandou, que fosse com Nicoláu Coelho. Fomos assim de frecha direitos á praia; alli acudiram logo obrá de duzentos homens, todos nús, e com arcos e settas nas mãos. Aquelles que nós levavamos acenaram-lhes, que se afastassem e puzessem os arcos e elles os puzeram e não se afastaram muito; abasta que puzeram os seus arcos; e então sahiram os que nós levavamos, e o mancebo degradado com elles; os quaes assim como sahiram, não pararam mais, nem esperava um por outro, senão a quem mais correria; e passaram um rio, que por ahi corre de agua doce, de muita agua, que lhes dava pela braga, e outros muitos com elles; e foram assim correndo, além do rio,

entre umas moitas de palmas, onde estão outros, e alli pararam. E n'aquillo foi o degradado com um homem que, logo ao sahir do batel, o agazalhou e levou até lá. E logo o tornaram a nós, e com elle vieram os outros, que nós levamos; os quaes vinham já nús e sem carapuças; e então se começaram de chegar muitos, e entravam pela beira do mar para os batéis até que mais não podiam, e traziam cabaços d'agua; e tomavam alguns barris, que nós levavamos, enchiam-os de agua e traziam-os aos batéis, não que elles de todo chegassem a bordo do batel, mas, junto com elle, lançavam-o da mão e nós tomavamol-os, e pediam, que lhes dessem alguma cousa. Levava Nicoláu Coelho cascaveis e manilhas; e a uns dava um cascavel, e a outros uma manilha, de maneira que, com aquella encarva, quasi nos queriam dar a mão; davam-nos daquelles arcos e settas por sombreiros, e carapuças de linho, e por qualquer cousa, que lhes homem queria dar. Dalli se partiram os outros dois mancebos, que não os vimos mais.

Andavam alli muitos delles, ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beiços, e alguns, que andavam sem elles, traziam os beiços furados, e nos buracos traziam uns espelhos de páu, que pareciam uns espelhos de borracha, e alguns delles traziam tres daquelles bicos, a saber: um na metade e os dois nos cabos; e andavam ahi outros quartejados de cores, a saber: delles a metade da sua propria côr, e a metade de tintura negra, maneira de azulada, e outros quartejados de escaques. Alli andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabellos mui pretos, compridos pelas espaduas, *e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas, e tão limpas de cabelleiras, que de as nós muito bem olharmos não tinhamos nenhuma vergonha* (*). Alli, por então, não houve mais falla nem entendimento com elles, por a barbaria delles ser tamanha, que se não entendia nem ouvia ninguem; acenamos-lhes, que se fossem; e assim o fizeram e passaram-se além do rio, e sahiram tres ou quatro homens nossos dos batéis, e encheram não sei quantos barris dagua, que nós levavamos, e tornamo-nos

(*) Estas palavras faltam na edição da *Corographia Brazilica*.

ás náos; e, em nós assim vindo, acenaram-nos, que tornassemos; tornamos, e elles mandaram o degradado, e não quizeram, que ficasse lá com elles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas, para dar lá ao senhor, se o ahi houvesse; não curaram de lhe tomar nada, e assim o mandaram com tudo; e então Bartholomeu Dias o fez outra vez tornar, que lhes désse aquillo em vista de nós áquelle que da primeira vez agazalhou, e então veiu-se e trouvémol-o. Este que o agazalhou era já de dias, e andava todo por louçainha cheio de pennas pegadas pelo çorpo, que parecia assetado, como S. Sebástião. Outros traziam carapuças de pennas amarellas, e outros de vermelhas e outros de verdes, e uma daquellas moças era toda tinta, de fundo á cima, daquella tintura, a qual certo era tão bem feita e tão redonda, *e sua vergonha, que ella não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra vendo-lhe taes feições fizéra vergonha, por não terem a sua como ella* (*). Nenhum delles não era fanado, mas todos assim como nós; e com isto nos tornamos, e elles foram-se.

A' tarde sahiu o capitão-mór em seu batel, com todos nós, e com os outros capitães das náos, em séus batéis, a folgar pela bahia, a carão da praia; mas ninguem sahiu em terra pelo capitão não querer, sem embargo de ninguem nella estar. Sómente sahiu elle, com todos, em um ilhéo grande, que na Bahia está, que de baixa-mar fica mui vasio; porém é de todas as partes cercado d'agua, que não póde ninguem ir a elle sem barco ou a nado. Alli folgou elle, e todos nós outros bem uma hora e meia; e pescaram ahi, andando marinheiros com um chinchorro e mataram pescado miudo, não muito, e então volvemonos ás náos já bem noite.

Ao domingo de Pascoela, pela manhã, determinou o capitão de ir ouvir missa e prégação naquelle ilhéo, e mandou a todos os capitães, que se corregessem nos batéis e fossem com elle, e assim foi feito. Mandou naquelle ilhéo armar um esparavel, e dentro nelle alevantar altar mui bem corrigido, e alli, com todos nós outros, fez dizer missa, a qual disse o padre Fr. Henrique, em voz entoada e officiada com aquella mesma voz pelos outros padres e

(*) Estas palavras faltam na edição da *Corographia Brazilica.*

sacerdotes, que alli todos eram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Alli era com o capitão a bandeira de Christo, com que saiu de Belem, a qual esteve sempre alta da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre, e pôz-se em uma cadeira alta e nós todos lançados por essa arêa, e prégou uma solemne e proveitosa prégação da historia do Evangelho, e emfim della tratou da nossa vinda e do achamento desta terra; conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia vimos, a qual veiu muito a proposito e fez muita devoção.

Emquanto estivemos á missa e á prégação seriam na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como os de hontem, com seus arcos e settas, os quaes andavam folgando e olhando-nos, e assentaram-se. E depois de acabada a missa, assentados nós á prégação, alevantaram-se muitos delles, e tangeram corno ou bozina, e começaram a saltar e dançar um pedaço; e alguns delles se metteram em almadias, duas ou tres que ahi tinham, as quaes não são feitas como as que eu já vi; sómente são tres traves atadas juntas (*); e alli se mettiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quasi nada da terra, senão quanto podiam tomar pé.

Acabada a prégação, moveu o capitão e todos para os batéis, com a nossa bandeira alta, e embarcamos, e fomos assim todos contra terra, para passarmos ao longo, por onde elles estavam, indo Bartholomeu Dias em seu esquife, por mandado do capitão, com um páo de uma almadia, que lhes o mar levara para lh'o dar, e nós todos, obra de tiro de pedra, atraz delle. Como elles viram o esquife de Bartholomeu Dias, chegaram-se logo todos á agua, mettendo-se nella até onde mais podiam; acenaram-lhes, que puzessem os arcos, e muitos delles os hiam logo pôr em terra, e outros os não punham; andava ahi um que fallava muito aos outros que se afastassem, mas não já que me assim parecesse, que lhe tinham acatamento, nem medo.

Este que os assim andava afastando, trazia o seu arco e settas e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos e

(*) Aliás jangadas.

espaduas, e pelos quadris, coxas e pernas até baixo ; e os vasios, com a barriga e estomago, eram de sua propria côr, e a tintura era assim vermelha que a agua lh'a não comia nem desfazia ; antes, quando sahia da agua, era mais vermelha. Sahiu um homem do esquife de Bartholomeu Dias, e andava entre elles, sem elles entenderem nada nelle quanto para lhe fazerem mal, senão quanto lhe davam cabaços de agua e acenavam aos do esquife, que sahissem em terra ; com isto se volveu Bartholomeu Dias ao capitão, e viemos ás náos a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem lhes dar mais oppressão, e elles tornaram se a sentar na praia, e assim por então ficaram. Neste ilhéo, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muito a agua e descobre muita arêa e muito cascalho.

Foram alguns, em nós ahi estando, buscar marisco, e não o acharam ; e acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quaes vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo o vi tamanho ; tambem acharam cascas de brigões e de ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta náo, por mandado do capitão-mór, com os quaes se elle apartou, e eu na companhia, e perguntou assim a todos, se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza, pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir, e saber della mais do que agora nós podiamos saber por irmos de nossa viagem. E entre muitas fallas, que no caso se fizeram, foi por todos, ou a maior parte, dito, que seria muito bem ; e nisto concrudiram, e tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais, se seria bom tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, e deixar aqui por elles outros dois destes degradados. A isto acordaram, que não era necessario tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força, por alguma parte, dizerem que ha ahi todo o que lhe perguntam e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens destes degradados, que aqui deixassem, do que elles dariam, se os levassem, por ser gente que ninguem entende, nem elles tão cedo aprenderiam a fallar para o saberem tambem dizer ; que muito melhor estes outros não digam, quando cá Vossa Alteza mandar ; e que portanto não curassem aqui de, por força, tomar ninguem, nem fazer escandalo,

para os de todo mais amançar e a pacificar; senão sómente deixar aqui os dois degradados, quando daqui partissemos. E assim por melhor parecer a todos ficou determinado.

Acabado isto, disse o capitão, que fossemos nos batéis em terra, e ver-se-hia bem o rio quejando era, e tambem para folgarmos. Fomos todos nos batéis em terra, armados, e a bandeira comnosco; elles andavam alli na praia, á boca do rio, onde nós iamos, e antes que chegassemos, do ensino que dantes tinham, puzeram todos os arcos, e acenavam, que sahissemos; e tanto que os batéis puzeram as prôas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais ancho que um jogo de mangual; e tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre elles, e alguns aguardavam e outros se afastavam; porém era a cousa de maneira que todos andavam misturados; elles davam desses arcos, com suas settas, por sombreiros e carapuças d: linho, e por qualquer cousa que lhes davam; passaram além tantos dos nossos, e andavam assim misturados com elles, que elles se esquivavam e afastavam-se, e hiam-se delles para cima, onde outros estavam. E então o capitão fez-se tomar ao collo de dois homens, e passou o rio e fez tornar todos. A gente, que alli era, não seria mais que aquella que soía e tanto que o capitão fez tornar todos, vieram alguns delle a elle, não pelo conhecerem por senhor; cá me parece, que não entendem, nem tomavam disso conhecimento, mas porque a gente nossa passava já para aquem do rio, alli fallavam e traziam muitos arcos, continhas daquéllas já ditas, e resgatavam por qualquer cousa, em tal maneira que trouveram dalli para as náos muitos arccs, settas e contas; e então tornou-se o capitão aquem do rio, e logo acudiram muitos á beira delle. Alli verieis galantes pintados de preto e vermelho, e quartejados assim pelos corpos, como pelas pernas, que certo pareciam assim bem; tambem andavam entre elles quatro ou cinco mulheres moças, assim núas que não pareciam mal, entre as quaes andava uma com uma conxa, do giolho até o quadril e nadega, toda tinta daquella titura preta, e o al todo da sua propria côr; outra trazia ambos os giolhos com as curvas assim tintas, e tambem os collos dos pés, *e suas vergonhas tão núas, e com tanta innocencia descobertas que não havia*

ahi nenhuma vergonha (*). Tambem andava ahi outra mulher moça com um menino ou menina, no collo, atado com um panno, não sei de que, aos peitos, que lhe não parecia senão as perninhas; mas as pernas da mãi e o al não trazia nenhum panno. E depois moveu o capitão para cima, ao longo do rio, que anda sempre a carão da praia, e alli esperou um velho, que trazia na mão uma pá d'almadia; fallou, estando o capitão com elle, perante nós todos, sem o nunca ninguem entender, nem elles a nós, quantas cousas que lhe o homem perguntava do ouro, que nós desejavamos saber se o havia na terra. Trazia este velho o beiço tão furado, que lhe caberia pelo furado um grande dedo polegar; e trazia mettido no furado uma pedra verde ruim, que cerrava por fóra aquelle buraco, e o capitão lh'a fez tirar, e elle não sei que diabo fallava, e ia com ella para a bocca do capitão, para lh'a metter. Estivemos sobre isso um pouco rindo e então enfadou-se o capitão e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho; não por ella valer alguma cousa, mas por mostra, e depois a houve o capitão, creio, para com as outras cousas a mandar a Vossa Alteza.

Andamos por ahi vendo a ribeira, a qual é de muita agua e muito bôa; ao longo della ha muitas palmas, não muito altas, em que ha muitos bons palmitos; colhemos e comemos delles muitos. Então tornou-se o capitão para baixo, para a bocca do rio, onde desembarcamos; e além do rio andavam muitos delles, dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos, e faziam-no bem.

Passou-se então alem do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e de prazer, e levou comsigo um gaiteiro nosso, com sua gaita, e metteu-se com elles a dansar, tomando-os pelas mãos, e elles folgavam e riam, e andavam com elle mui bem, ao som da gaita; depois de dansarem, fez-lhe alli, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que se elles espantavam e riam, e folgavam muito; e com quanto os com aquillo muito segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza, como montezes, e foram-se para cima, e então

(*) Palavras faltas na edição da *Corographia Brazilica*.

o capitão passou o rio, com todos nós outros, e fomos pela praia de longo, indo os batéis assim a carão de terra; e fomos até uma lagôa grande de agua doce, que está junto com a praia, porque toda aquella ribeira do mar é apaúlada por cima, e sahe a agua por muitos lugares. E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito delles andar entre os marinheiros, que se recolhiam aos batéis, e levaram dalli um tubarão, que Bartholomeu Dias matou e levava-lh'o e lançou-o na praia, abasta que até aqui como quer que se elles em alguma parte amansassem, logo de uma mão para a outra se esquivavam, como pardaes de cevadouro, e homem não lhes ousa de fallar rijo por se mais não esquivarem, e tudo se passa como elles querem pelos bem amansar.

Ao velho, com quem o capitão fallou, deu uma carapuça vermelha, e com toda a falla, que com elle passou e com a carapuça que lhe deu, tanto que se expediu, que começou de passar o rio, foi-se logo recatando, e não quiz mais tornar do rio para aquem. Os outros dois que o capitão teve nas náos, a que deu o que já dito é, nunca aqui mais pareceram; de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos; elles porém comtudo andam muito bem curados e muito limpos, e naquillo me parece ainda mais, que são como aves ou alimarias montezes, que lhes faz o ar melhor penna e melhor cabello que as mansas; porque os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão formosos, que não póde mais ser, e isto me faz presumir, que não têm casas nem moradas, em que se colham, e o ar, a que se criam, os faz taes. Nem nós ainda até agora não vimos nenhumas casas nem maneiras dellas.

Mandou o capitão áquelle degradado Affonso Ribeiro, que se fosse outra vez com elles, o qual se foi e andou lá um bom pedaço, e á tarde tornou-se, que o fizeram elles vir e não o quizeram lá consentir, e deram-lhe arcos e settas, e não lhe tomaram nenhuma cousa do seu; antes disse elle, que lhe tomara um delles umas continhas amarellas, que elle levava, e fugia com ellas; e elle se queixou, e os outros foram logo após elle, e lh'as tomaram, e tornaram-lh'as a dar, e então mandaram-n'o vir; disse elle, que não vira lá entre elles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos, muito grandes, como dentre Douro

e Minho; e assim nos tornamos ás náos, já quasi noite, a dormir.

A' segunda-feira, *depois de comer* (*), sahimos todos em terra a tomar agua; alli vieram então muitos, mas não tantos como as outras vezes, e traziam já muito poucos arcos, e estiveram assim um pouco afastados de nós, e depois, poucos e poucos, misturavam-se comnosco, e abraçavam-nos e folgavam, e alguns destes se esquivavam logo. Alli davam alguns arcos por folhas de papel, e por alguma carapucinha velha e por qualquer cousa, e em tal maneira se passou a cousa, que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com elles onde outros muitos delles estavam com moças e mulheres, e trouveram de lá muitos arcos e barretes de pennas de aves, delles verdes e delles amarellos, de que creio, que o capitão ha de mandar amostra a V. A., e segundo diziam esses que lá foram, folgavam com elles. Neste dia os vimos de mais perto, e mais á nossa vontade, por andarmos todos quasi misturados e alli delles andavam daquellas tinturas quartejados, outros de metades, outros de tanta feição como em pannos de armar, e todos com os beiços furados, e muitos com os ossos nelles, e delles sem ossos. Traziam alguns delles uns ouriços verdes de arvores (**), que na côr queriam parecer de castanheiros, senão quanto eram mais e mais pequenos; e aquelles eram cheios de uns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando-os entre os dedos, fazia tintura muito vermelha, do que elles andavam tintos; e quanto se mais molhavam, tanto mais vermelhos ficavam; todos andam rapados até acima das orelhas, e assim as sobrancelhas e pestanas; trazem todos as testas, de fonte á fonte, tintas da tintura preta, que parece uma fita preta ancha de dois dedos; e o capitão mandou áquelle degradado Affonso Ribeiro, e a outros dois degradados, que fossem andar lá entre elles, e assim a Diogo Dias, por ser homem ledo, com que elles folgavam: e aos degradados mandou, que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos e andaram entre elles; e, segundo elles diziam, foram bem uma legua e meia a uma povoa-

(*) Faltam estas palavras na *Corographia Brazilica*.
(**) Sem duvida d'urucú.

ção de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quaes diziam, que eram tão compridas, cada uma, como esta náo capitanea, e eram de madeiras, e das ilhargas de taboas e cobertas de palha, de razoada altura, e todas em uma só casa, sem nenhum repartimento; tinham de dentro muitos esteios, e, de esteio a esteio, uma rêde atada pelos cabos em cada esteio, altas, em que dormiam; e debaixo para se aquentarem, faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outra no outro; e diziam, que em cada casa se colhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam, e que lhes davam de comer daquella vianda, que elles tinham; a saber: muito inhame e outras sementes, que na terra ha, que elles comem e como foi tarde fizeram-n'os logo todos tornar, e não quizeram que lá ficasse nenhum; e ainda, segundo elles diziam queriam vir com elles. Resgataram lá, por cascaveis e por outras cousinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de pennas verdes, e um panno de pennas de muitas côres, maneira de tecido, assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá; porque o capitão vol-as ha de mandar, segundo elle disse; e com isto vieram, e nós tornamo-nos ás náos.

A' terça-feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa. Estavam na praia, quando chegamos, obra de sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram-se logo para nós, sem se esquivarem, e depois acudiram muitos que seriam bem duzentos, todos sem arcos, e misturaram-se todos tanto comnosco, que nos ajudavam delles a acarretar lenha e metter nos batéis, e tratavam com os nossos e tomavam muito prazer, e, emquanto nós faziamos a lenha, faziam dois carpinteiros uma grande cruz, de um páo, que se hontem para isso cortou; muitos delles vinham alli estar com os carpinteiros, e creio, que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro, com que a faziam, que por verem a cruz; porque elles não têm cousa, que de ferro seja, e cortam sua madeira e páos com pedras feitas como cunhas, mettida em um páo, entre duas talas mui bem atadas, e por tal maneira que andam fortes, segundo os homens, que hontem ás suas casas, diziam, porque lh'as viram lá. Era já a conversação delles comnosco

tanta, que quasi nos estorvavam ao que haviamos de fazer; e o capitão mandou a dois degradados e a Diogo Dias, que fossem lá á aldeia, e a outras, se houvessem dellas novas, e que em toda maneira não se viessem a dormir ás náos, ainda que os elles mandassem, e assim se foram.

Emquanto andavamos nesta matta, a cortar a lenha, atravessavam alguns papagaios por essas arvores, delles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece, que haverá nesta terra muitos; porém eu não veria mais que até nove ou dez; outras aves então não vimos; sómente algumas pombas seixas, e pareceram-me maiores, em bôa quantidade, que as de Portugal. Alguns diziam, que viram rôlas, mas eu não as vi; mas, segundo os arvoredos, são mui, muitos e grandes, e de infindas maneiras; não duvido, que por esse sertão haja muitas aves; e ácerca da noite nos volvemos para as náos com nossa lenha.

Eu creio, Senhor, que não dei ainda aqui conta a Vossa Alteza da feição de seus arcos e settas. Os arcos são pretos e compridos, e as settas compridas e os ferros dellas de cannas aparadas, segundo Vossa Alteza verá por alguns, que creio, que o capitão a ella ha de enviar.

A' quarta-feira não fomos em terra, porque o capitão-mór andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejal-o, e fazer levar ás náos isso que cada uma podia levar. Elles acudiram á praia muitos, segundo das náos vimos, que seriam obra de trezentos, e segundo Sancho de Toar, que lá foi, disse. Diogo Dias e Affonso Ribeiro, o degradado, a que o capitão hontem mandou, e que em toda maneira lá dormissem, volveram-se já de noite por elles não quererem, que lá dormissem, e trouveram papagaios verdes e outras aves pretas, quasi como pêgas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos. E quando se Sancho de Toar recolheu á náo, queriam se vir com elle alguns; mas elle não quiz senão dois mancebos dispostos e homens de prol. Mandou-os essa noite mui bem pensar e curar, e comeram toda a vianda, que lhes deram, e mandou-lhes fazer cama de lençóes, segundo elle disse, e dormiram e folgaram aquella noite, e assim não foi mais este dia que para escrever seja.

A' quinta-feira, derradeiro de Abril, comemos logo,

quasi pela manhã, e fomos a terra por mais lenha e agua; e em querendo o capitão sahir, chegou Sancho de Toar, com seus dois hospedes, e por elle não ter ainda comido puzeram-lhe toalhas, e veio-lhe vianda e comeu; os hospedes assentaram-n'os em senhas cadeiras, e de todo o que lhes deram comeram mui bem, e especialmente cação cozido frio e arroz; não lhes deram vinho por Sancho de Toar dizer, que não bebiam bem. Acabado o comer mettemo-nos todos no batel, e elles comnosco. Deu um grumette a um delles uma armadura grande de porco montez, bem revolta, e tanto que a tomou metteu-a logo no beiço; e porque se lhe não queria ter, deram-lh'o uma pequena, de cêra vermelha, e elle corregeu-lhe detraz seu adereço para se ter, e metteu-a no beiço, e assim revolta para cima, e vinha tão contente com ella, como se tivera uma grande joia. E tanto que sahimos em terra, foi-se logo com ella, que não pareceu ahi mais.

Andariam na praia, quando sahimos, oito ou dez delles, e dahi a pouco começaram de vir, e pareceu-me, que viriam quatrocentos ou quatrocentos e cincoenta. Traziam alguns delles arcos e settas, e todos os deram por carapuças e por qualquer cousa, que lhes davam. Comiam comnosco do que lhes davamos, e bebiam alguns delles vinho, e outros o não podiam beber; mas parece-me, que se lh'o avezassem, que o beberiam de bôa vontade. Andavam todos tão dispostos, e tão bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mui bôa vontade, e levavam-n'a aos bateis, e andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andavamos entre elles. Foi o capitão, com alguns de nós, um pedaço por este arvoredo até uma ribeira grande e de muita agua, que a nosso parecer era esta mesma que vem ter á praia em que nós tomamos agua. Alli jouvemos um pedaço, bebendo e folgando ao longo della, entre esse arvoredo, que é tanto e tamanho, e tão basto e de tantas plumagens, que lhe não póde homem dar conta.

Ha entre elles muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Quando sahimos do batel, disse o capitão, que seria bom irmos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore, junto com o rio, para se pôr de manhã, que é sexta-feira, e que nos puzessemos todos em giolhos e a beijasse-

mos, para elles verem o acatamento, que lhe tinhamos; e assim o fizemos, e estes dez ou doze, que ahi estavam, acenaram-lhes, que fizessem assim, e foram logo todos beijal-a. Parece-me gente de tal innocencia, que se os homens entendessem e elles a nós, que seriam logo christãos; porque elles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo parece; e, portanto, se os degradados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua falla e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se christãos e crerem na nossa santa fé, á qual praza o Nosso Senhor, que os traga, porque certo esta gente é bôa e de bôa simplicidade, e imprimir-se-ha ligeiramente nelles qualquer cunho, que lhes quizerem dar; e logo Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, e elle, que nos por aqui trouve, creio, que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja accrescentar na santa fé catholica, deve entender em sua salvação, e prazerá a Deus, que com pouco trabalho será assim. Elles não lavram, nem criam, nem ha aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem gallinha, nem outra nenhuma alimaria, que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame, que aqui ha muito, e dessa semente e fructos, que a terra e as arvores de si lançam; e com isto andam taes, e tão rijos e tão nedios, que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos. Emquanto alli este dia andaram, sempre ao som de um tamborim nosso, dansaram e bailaram com os nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus; se lhes homem acenava se queriam vir ás náos, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se os homens todos quizera convidar, todos vieram; porém não trouvemos esta noite ás náos senão quatro ou cinco, a saber: o capitão-mór dois, e Simão de Miranda um, que trazia já por pagem, e Ayres Gomes outro assim por pagem. Os que o capitão trouve era um delles um dos seus hospedes, que a primeira, quando aqui chegamos, lhe trouveram, o qual veiu hoje aqui vestido na sua camisa, e com elle um seu irmão, os quaes foram esta noite mui bem agazalhados, assim de vianda, como de cama, de colchões e lençóes, pelos mais amansar.

Hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de Maio, sahimos pela manhã em terra, com nossa bandeira, e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pare-

ceu, que seria melhor chantar a cruz para ser melhor vista; e alli assignou o capitão onde fizessem a cova para a chantar. E, emquanto a ficaram fazendo, elle, com todos nós, outros, fomos pela cruz, abaixo do rio, onde estava. Trouvemol-a dalli, com esses religiosos e sacerdotes diante, cantando, maneira de procissão. Eram já ahi alguns delles, obra de setenta ou oitenta; e quando nos assim viram vir, alguns delles se foram metter debaixo della a ajudarnos. Passamos o rio, ao longo da praia, e fômol-a por onde havia de ser, que será do rio obra de dois tiros de bésta. Alli, andando nisto, viriam bem cento e cincoenta ou mais.

Chantada a cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que lhe primeiro pregaram, armaram altar ao pé della, e alli disse missa o padre Fr. Henrique, a qual foi cantada e officiada por esses já ditos. Alli estiveram comnosco a ella obra de cincoenta ou setenta delles, assentados todos em giolhos, assim como nós; e quando veiu ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, elles se levantaram comnosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabada; e então tornaram-se á assentar como nós; e quando levantaram a Deus, que nos puzemos de giolhos, elles se puzeram todos, assim como nós estavamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira assocegados, que certifico a Vossa Alteza, que nos fez muita devoção. E estiveram assim comnosco até acabada a communhão, e depois da communhão commungaram esses religiosos e sacerdotes, e o capitão com alguns de nós outros. Alguns, por o sol ser grande, em nós estando commungando, alevantaram-se, e outros estiveram e ficaram. Um delles, homem de cincoenta ou cincoenta e cinco annos, ficou alli com aquelles que ficaram; aquelle em nós assim estando, ajuntava aquelles, que alli ficaram, e ainda chamava outros. Este, andando assim entre elles fallando-lhes acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou o dedo para o céo, como quem lhes dizia alguma cousa de bem, e nós assim o tomamos. Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou na alva, e assim se subiu, junto com o altar, em uma cadeira, e alli nos pregou do Evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é, tratando emfim da pregação deste vosso proseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção. Esses, que á pregação sempre estiveram, estavam, assim como nós,

olhando para elle, e aquelle que digo chamava alguns, que viessem para alli. Alguns vinham e outros iam-se. Acabada a prégação, trazia Nicoláo Coelho muitas cruzes de estanho, que lhe ficaram ainda da outra vinda, e houveram por bem, que lançassem a cada um sua ao pescoço, pela qual cousa se assentou o padre Fr. Henrique ao pé da cruz, e ahi a um e um lançava a sua, atada em um fio ao pescoço, fazendo-lh'a primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos, e lançaram-as todas, que seriam obra de quarenta ou cincoenta, e isto acabado era já bem uma hora depois do meio-dia. Viemos ás náos comer, onde o capitão trouxe comsigo aquelle mesmo que fez aos outros aquella mostrança para o altar e para o céo, e um seu irmão com elle, ao qual fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca, e ao outro uma camisa d'est'outras. E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhe fallece outra cousa para ser toda christan que entenderem-nos, porque assim tomavam aquillo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde pareceu a todos, que nenhuma idolatria nem adoração têm; e bem creio, que se Vossa Alteza aqui mandar quem mais entre elles devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E para isso, se alguem vier, não deixe logo de vir clerigo para os baptizar, porque já então terão mais conhecimento da nossa fé pelos dois degradados, que aqui entre elles ficam, os quaes ambos hoje tambem commungaram. Entre todos estes, que hoje vieram, não veiu mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre á missa, á qual deram um panno, com que se cobrisse, e puzeram-lh'o ao redor de si; porém ao sentar não fazia memoria de o muito estender para se cobrir; assim, Senhor, que a innocencia desta gente é tal, que a de Adão não seria mais quanta em vergonha. Ora, veja Vossa Alteza, quem em tal innocencia vive, ensinando-lhe o que para a sua salvação pertence, se se converterão ou não. Acabado isto, fomos assim perante elles beijar a cruz, e despedimo-nos e viemos comer.

Creio, Senhor, que com estes dois degradados, que aqui ficam, ficam mais dois grumetes, que esta noite se sahiram desta náo, no esquife, fugidos, os quaes não vieram mais; e cremos, que ficarão aqui, porque, de manhã, prazendo a Deus, faremos daqui nossa partida.

Esta terra, Senhor, me parece, que da ponta que mais

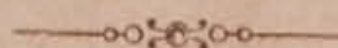
está contra o sul vimos até outra ponta, que contra o norte vem, de que deste porto houvemos vista, será tamanha, que haverá nella vinte ou vinte e cinco leguas por costa; traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, dellas vermelhas e dellas brancas, e a terra por cima toda chan, e muito cheia de grandes arvoredos de ponta em ponta: é toda praia parma, muito chãn e muito formosa; pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podiamos ver senão terra e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. Nella até agora não podemos saber se haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos; porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os dentre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assim os achavamos como os de lá: as aguas são muitas, infindas; em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se- ha nella tudo por bem das aguas, que tem; porém o melhor fructo, que nella se póde fazer, me parece, que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente, que Vossa Alteza em ella deve lançar; e que ahi não houvesse mais que ter aqui esta pousada, para esta navegação de Calecut, bastaria, quanto mais disposição para nella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: accrescentamento da nossa santa fé.

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi, e, se algum pouco alonguei, ella me perdôe, que o desejo, que tinha de vos tudo dizer, m'o fez assim pôr pelo miudo.

E pois que, Senhor, é certo, que assim neste carrego, que levo, como em outra qualquer cousa, que de vosso serviço fôr, Vossa Alteza ha de ser de mim muito bem servido, a ella peço, que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Thomé Jorge de Soyro, meu genro, o que della receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro da vossa ilha da Vera Cruz, hoje sexta-feira 1º dia de Maio de 1500.

PERO VAZ DE CAMINHA.



APPENDICE

PEDRO ALVARES CABRAL

De todos os bens da vida
A gloria é o mais alto bem ;
O corpo ha muito que é poeira,
E o nome echôa ainda alem.

SCHILLER, *trad. Tobias Barreto.*

Pedro Alvares Cabral nasceu em Portugal na segunda metade do seculo XV, e foi o segundo genito de Fernão Cabral, regedor da justiça da comarca e correição da Beira e Riba de Côa, (ou adiantado, ou governador da provincia da Beira, segundo alguns escriptores) senhor de Azurara, e alcaide mór de Belmonte, e de sua mulher D. Izabel de Gouvêa, filha de João de Gouvêa, senhor de Almendra e Valhelhas, e alcaide mór de Castello Rodrigo ; e neto paterno de Fernão Alvares Cabral, e de sua mulher D. Thereza Freire de Andrade. Este seu avô era um fidalgo de illustres ascendentes, e foi guarda-mór, ou governador da casa do infante D. Henrique, duque de Vizeu, — a quem tanto deve Portugal pelo seu espirito emprehendedor, e alento que deu ás conquistas e descobertas posteriores.

Pedro Alvares Cabral, nos primeiros annos de sua vida, e póde-se mesmo dizer, até 1500, chamara-se *Pedro Alvares Gouvêa*, adoptando este ultivo appellido de sua mãe e familia materna, — « *visto que era filho segundo e não estava obrigado a usar do nome paterno. Mais tarde mudou de appellido e passou a assignar-se Cabral.* » — A *Carta da capitanya moór e poderes que leuou quando foy enuyado as Indias per capitam,* — passada por el-rei D. Manoel em

Lisbôa no dia 15 de Fevereiro de 1500, trata-o ainda por *Pedraluarez guouuea* (Pedro Alvares Gouvêa). (*)

João de Barros, porém, Gaspar Corrêa e outros escriptores contemporaneos, tratam-no já por *Pedro Alvares Cabral*, mas fazendo por elisão, dos dous primeiros nomes um só, *Pedralvares*; e dahi a uniformidade de nóme em todos os outros escriptores que successivamente áquelles se tem occupado de Cabral e dos factos a que o mesmo seu nome está ligado.

Os feitos da vida de Pedro Alvares Cabral anteriores á incumbencia régia do commando em chefe da frota destinada ao proseguimento das descobertas e conquistas orientaes tão brilhantemente encetadas por Vasco da Gama, são inteiramente desconhecidos. Refere Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*, que Alvares Cabral era em Portugal conhecido como destemido militar, e estimado por el-rei D. Manoel, sem todavia especialisar nenhum dos seus feitos, como judiciosamente observa o Conselheiro J. M. Pereira da Silva. Entretanto, áquella distincção régia, assim mesmo isoladamente, como unico facto averiguado de sua vida, é por demais significativa do merecimento de Cabral, principalmente como homem do mar, e o feliz exito com que a empreza foi coroada immortalisou o seu nome nos fastos universaes, e principalmente na historia de dous paizes, o Brazil e Portugal.

Das particularidades da nomeação de Cabral, trata o contemporaneo autor das *Lendas da India*, referindo, que

(*) Esse precioso inedito foi ultimamente encontrado no Archivo Nacional do Torre do Tombo, em Lisbôa, na Chancellaria de D. Manoel, Liv. 13º fls. 10, e publicado segundo o texto original, na excellente revista illustrada *Brazil-Portugal*, daquella mesma cidade, em o n. 9 de 1 de Junho de 1899.

Nessa carta patente de nomeação de —Capitão-mór de toda a frota e armada—, conferiu el-rei D. Manoel a Pedro Alvares Gouvêa — « inteiro poder e alçada, da qual em todos os casos até morte natural usará inteiramente, e se darão a execução seus juizos e mandados, sem della haver appellação nem aggravo salvo os capitães das náos e navios, e fidalgos e outros que na dita frota e armada enviamos, quando alguns casos crimes commetterem pelo que devam ser castigados, porque sobre estes sómente se farão os processos de seus casos, e nos serão trazidos para os vermos e segundo as qualidades delles serem punidos e castigados como for de justiça. »

daquella armada — el-rei fez capitão mór a Pedralvares Cabral, homem fidalgo, de bom saber, muito apto para isso, e que el-rei muito folgou de lhe dar este encargo porque elle se offereceu para nisso o servir, por induzimento de Dom Vasco da Gama, que era seu grande amigo, que a isso o incitou; e que com elle Pedralvares bem como com Dom Vasco, muito pratigava el-rei sobre o que cumpria — á respeito dos negocios da expedição.

Cremos, que não vem ao caso referirmo-nos detidamente á viagem de Cabral, uma vez que a parte que diz respeito ao descobrimento do Brazil, comprehendendo todas as occurrencias que houveram desde a partida de Lisbôa até o imprevisto encontro das terras da Vera Cruz são particularmente descriptas por Pero Vaz de Caminha na sua carta, como vimos; e o que de mais occorreu na continuação da viagem do Brazil ás Indias, e dahi á Portugal, em nada nos interessa, uma vez que não tratamos particularmente do assumpto, e nem temos outro fim senão consignarmos uns ligeiros traços sobre a vida de Alvares Cabral.

Demais, essa viagem é muito conhecida pela sua celebridade, e alem disso tem uma chronica particular, minuciosamente escripta por um piloto portuguez que tomára parte na famosa e lendaria expedição. (*)

Depois de uma demora de dez dias nas terras do Brazil

(*) Essa narrativa, originariamente escripta em portuguez, foi traduzida em latim e publicada na cidade de Baziléa em 1532, entre as viagens de Luiz de Cadamosto, na collecção intitulada: — *Novus orbis regionem ac insularum veteribus incognitarum*,— que teve logo no mesmo anno uma edição em Paris, e uma outra mais completa na mesma cidade de Baziléa, em 1555.

Da lingua latina foi traduzida para o italiano por João Baptista Ramusio, e incluida no volume primeiro da sua collecção de viagens, impresso em Veneza em 1563; e como que se tivesse perdido o original em portuguez, ou desapparecido os exemplares impressos, se porventura foi dada ao prelo, resolveu a Academia Real das Sciencias de Lisbôa fazer uma versão do italiano para a lingua portugueza, e a publicou no T. II da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, impresso na mesma cidade em 1812, e em segunda edição no anno de 1867, cujo documento vem sob o titulo de: — *Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral*, escripta por um piloto portuguez.

despacha Cabral uma caravella de aviso para Portugal, afim de dar logo novas a el-rei D. Manoel do auspicioso facto do descobrimento da *Terra da Vera Cruz*, levanta ancoras em demanda das Indias, e tendo dado com muita honra e brio, exacto cumprimento á missão régia que o conduziu ao Oriente, regressa para Portugal, e de caminho já em uma das ilhas do Cabo Verde, encontra uma flotilha portugueza de tres navios, que D. Manoel expedira para reconhecer as terras do Brazil, logo que pela caravella de aviso recebera a noticia do seu descobrimento. No dia 23 de Junho de 1501 entra Cabral no porto de Lisbôa com os seis navios que restavam da sua gloriosa frota, e foi recebido por el-rei D. Manoel com todas as demonstrações de alegria e honrosas distincções.

Mal sabia, porem, o venturoso almirante, que essa empreza, seria a unica de sua vida, de que os seus contemporaneos legariam noticias á posteridade!...

Em 1502, tendo D. Manoel de mandar a India uma grande força naval para fazer respeitar no oriente a bandeira portugueza, nomeou a Pedro Alvares Cabral commandante da expedição, mas sabendo elle que Vicente Sodré estava nomeado commandante de uma das divisões, e com regimento especial que o insentava completamente da jurisdicção do commandante em chefe da esquadra, não acceitou a incumbencia; ou como refere Quintella, — *como era homem de muitos primores acerca do ponto de honra teve sobre este negocio alguns requerimentos, a que el-rei lhe não satisfez, de que resultou ser nomeado em seu lugar Dom Vasco da Gama.* (*)

Esse facto de hombridade e altivez de Pedro Alvares Cabral, concorreu para que incorresse elle no desagrado de D. Manoel, e de tal modo, que nunca mais lhe deram commissão alguma, e nem mesmo *se attendeu aos seus requerimentos.* E assim humilhado, e tão rudemente ferido nos seus brios e na sua propria honra militar, resolveu affastar-se da côrte de Lisbôa, e recolheu-se ao seu retiro de Santarem, onde amarguradamente viu escoar-se os ul-

(*) Ignacio da Costa Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, T. I pag. 267. Lisbôa, 1839.

timos dias de sua existencia, aliás em idade não provecta, porque fallecera aos cincoenta e tres annos de idade, segundo calculos provaveis. (*)

Entretanto, os factos que sobrevieram, plenamente justificaram o procedimento de Cabral, porque, investido Vicente Sodré daquellas prerogativas, e alem disso com a ascendencia de tio de Dom Vasco da Gama, commetteu villanias, desatinos e imprudencias taes, que por fim acabou sacrificando o navio do seu commando nas costas da Arabia, e com o mesmo a sua propria vida e a de toda a equipagem em um naufragio de que sómente elle foi o causador!... Vicente Sodré, cujas façanhas nas Indias, o illustre escriptor portuguez Pinheiro Chagas, qualifica de *aventuras de um flibusteiro*, morreu sacrificando ao seu amor da riqueza, a honra, a lealdade e o prestigio do nome

(*) Um escriptor portuguez, que occultou o seu nome na magistral *Noticia preliminar* á publicação das *Lendas da India*, precioso escripto quinhentista de Gaspar Corrêa, rebella-se justamente contra as ingratidões de D. Manoel e de seu filho D. João III, —*pagando com o vilipendio e a fome dividas de sangue aos varões mais prestantes*,— e conclue :

« Afóra as vozes de tantos milhares de victimas, Duarte Pacheco, morrendo na indigencia, mas bem vingado pela valente apostrophe de Camões ; D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei, aquelle cavalleiro tão nobre, tão leal, malquistado na côrte, e livrando-o a morte prematura das amarguras que ahi lhe preparavam ; Affonso de Albuquerque expirando mal com el-rei por amor dos homens, mal com os homens por amor d'el-rei ; Lopo Vaz de Sampaio, carregado de annos e de serviços crivado de feridas, porem ainda mais cortado dos grilhões de D. João III que do ferro dos inimigos, atravessando o Terreiro do Paço sobre uma azemola, escarnecido do populacho como infame faccinoroso ; Nuno da Cunha, a quem esperavam grossas cadeias na Ilha Terceira em premio de 10 annos de governo, repetindo ao render o espirito o dito de Scipião Africano, e mandando que o lançassem ao mar com duas balas, e as pagassem, *que mais não devia a seu rei* ; Antonio Galvão, modelo de probidade, intrepido, pio, civilisador, cognominado o apostolo das Molucas, que perdera o pai e juat o irmãos no serviço da patria, e nelle despendera toda a sua fazenda, vivendo por caridade durante annos n'um hospital, e recebendo por esmola da Confraria da Côrte o lençol em que o amortalharam : todos estes varões, illustres de sangue, illustres de nome, mais illustres pela desgraça, quasi martyres, levantam bem alto o pregão contra a inculcada bondade daquelles tempos, e reclamam da historia que faça

portuguez, e a gloria de sua patria pela infamia de suas villanias! (*)

Na situação tristissima em que se viu Pedro Alvares Cabral, retirado da côrte de Lisbôa e entregue á obscuridade de uma terra de provincia, morreu esquecida e despresadamente; e na mesma villa de Santarem tiveram descanço final os seus restos mortaes, e em modestissimo jazigo, reunidamente aos despojos mortaes de sua mulher, em uma humilde campa rasa na capella collateral da igreja do extincto convento da Graça.

A epocha do fallecimento de Cabral é completamente ignorada, e passou tão indifferentemente esse facto, que nenhum chronista o consignou. Meras presumpções assignalam o anno de 1526, mas ha quem opine que essa occurrencia se deu entre os annos de 1527 e 1555, e outros, que teve lugar antes de 8 de Julho de 1534, opinião essa a mais aceitavel como vamos vêr. O que não resta duvida, po-

---

comparecer no tribunal, incorruptivel e severo, os martyres e verdugos, para ouvir cada qual a sua sentença. »

O escriptor esqueceu-se de enfileirar naquelle triste cortejo, a Pedro Alvares Cabral e a Vasco da Gama, tambem heróes nas conquistas das Indias, tambem illustres pelos seus feitos e descobrimentos maritimos, e como os outros, victimas tambem da ingratidão dos reis!

E' a sorte do genio, dos heróes, dos *altos peitos*, na phrase de Camões, referindo-se a Duarte Pacheco,

> A baixo estado vir, humilde, e escuro:
> Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
> Os que ao rei, e á lei servem de muro!

(*) Sobre esse facto e a conducta irregular de Sodré naquella expedição, V. a *Historia Geral de Portugal*, por Mr. de la Clede, T. VII, p. 164-5, Lisbôa, 1785.

Outros escriptores, quer contemporaneos, quer modernos, tambem se occupam do assumpto, e particularmente, entre os primeiros, Gaspar Corrêa, nas suas *Lendas da India*, no livro —Armada de Vicente Sodré o primeiro capitão do mar. Anno de 1503;— nesse livro se inspirou o notabilissimo escriptor portuguez Manoel Pinheiro Chagas para a composição de um bello romance historico sob o titulo—*O naufragio de Vicente Sodré*, (Lisbôa, 1894) em o qual, como elle proprio affirma, *não ha um só elemento de phantasia*.

São de Pinheiro Chagas, convenientemente ordenadas, as palavras com que fechamos o periodo de que trata a presente nota.

rém, é que o illustre almirante portuguez ainda vivia em 1518 como consta do — *Livro da matricula dos moradores da casa del-rei D. Manoel, do primeiro quartel do anno de 1518*, — no qual figura elle entre os *Cavalleiros do Conselho*, percebendo a pensão ou *moradia* de 2$437 reis por mez. (*)

Em nossa opinião, porém, Cabral falleceu nos primeiros annos do reinado de D. João III (1521—1557), e assim conjecturamos em face do facto da nomeação de sua mulher D. Izabel de Castro para o cargo honorifico de camareira mór da infanta D. Maria filha de D. João III, *depois da morte de seu marido*, como se vê do epitaphio gravado sobre a campa que encerra os restos mortaes de ambos.

Ora, se a infanta D. Maria princeza das Asturias, nasceu em Coimbra a 15 de Outubro de 1527, onde então el-rei D. João III, seu pai, tinha a sua côrte, e casando-se em 12 de Maio de 1543 com D. Felippe principe de Castella, filho do imperador Carlos V, se retirou para a Hespanha, onde prematuramente falleceu em 12 de Junho de 1545 (**), é claro que D. Izabel de Castro foi nomeada sua camareira mór, entre os annos de 1527 do seu nascimento, e o de 1543 em que se retirou para a Hespanha em virtude do seu casamento ; e recebendo D. Izabel de Castro aquella nomeação *depois da morte de seu marido*, acaso como uma reparação posthuma ás injustiças e ao despreso a que fôra elle votado por D. Manoel, é obvio que Pedro Alvares Cabral falleceu dentro do periodo pré-fixado, isto é, entre o anno de 1527 em que nasceu a infanta D. Maria e o de 1543 em que ella se retirou de Portugal. E' dentro desse periodo, portanto, ou quando muito, de 1518, epocha averiguada, a 1543, que se deve investigar da morte de Pedro Alvares Cabral.

Como unicas recompensas dos seus serviços, quer se os encare pela gloriosa empreza do descobrimento do Brazil, quer pelos que prestara no Oriente — fazendo curvar a cerviz os poderosos rajahs do Indostão, — e ainda pelos seus antecedente, *desde a adolescencia em que frequentou*

(*) D. Antonio Caetano de Souza, *Provas da historia genealogica da casa real portugueza*, T. II p. 352 e 356.

(**) D. Antonio Caetano de Souza, *Historia genealogica da casa real portugueza*, T. III cap. XVI p. 567.

com tão espantosos successos a escola de Marte —, teve apenas a graça pecuniaria de 13$000 de tença, e uma outra mais de 30$000 conferidas por Cartas Régias de el-rei D. Manoel expedidas em 4 de Abril de 1502!... D. Izabel de Castro, sua consorte, recebeu a graça régia da nomeação de dama de honor da rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manoel, com a tença de 10$000 por anno; e seu filho primogenito Fernão Alvares Cabral, teve o fôro de moço fidalgo da casa real com a pensão de 1$000 por mez. (*)

Aventuramos que D. Izabel de Castro recebeu a graça régia da conferencia do titulo honorifico de dama de honor da rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manoel, como um premio em respeito aos serviços que seu marido acabava de prestar á corôa e ao estado; mas entendemos, que essa nossa proposição não deve ficar sem ao menos

*) O seu contemporaneo D. Vasco da Gama, da mesma classes de precedentes tão honrosos e de merecimentos não superiores aos seus, foi mais feliz, quanto a recompensas reaes. Em 1502 teve o titulo de almirante do mar da India, a doação de 300$000 annuaes, de jur- e herdade para elle e seus successores, provenientes da dizima do pescado e da siza de algumas villas, entrando o thezouro régio com o que faltasse da respectiva renda para o completo da consignação; a faculdade de poder em cada armada que partisse para as Indias enviar 200 cruzados para a compra de mercadorias, que não pagariam outros direitos a não serem de vintena da Ordem de Christo; o titulo de dom para elle e seus descendentes, bem como a seus irmãos Ayres e Thereza; novo escudo de armas com uma peça das do reino (o escudete das cinco chagas), subida honra raras vezes concedida, e por timbres como apanagio do seu renome e das suas glorias no Oriente, — um meio nayre vestido, ao modo da India, com uma trunfa e um bolante que lhe cahe pelas costas, braços nús, e na mão direita um escudo das armas conferidas, e na esquerda um ramo de canella verde com rosas de ouro; — o titulo de Conde da Vidigueira; entrada na Ordem de Christo; e a graça regia de Cavalleiro do Conselho com 3$900 réis mensaes de pensão ou moradia: e seu filho Fernão da Gama recebeu o fôro de fidalgo escudeiro da casa real com a tença de 800 réis por mez.

Entretanto, cahiu tambem o illustre almirante no desagrado de el-rei D. Manoel, curtiu longos annos de amarguras no seu retiro da Vidigueira, até que, em 1524, já adiantado em annoe e nos ultimos dias de vida o foi tirar dalli D. João III, com a incumbencia do honroso cargo de vice-rei da India, onde terminou os seus dias no mesmo anno, depois de pouco mais de tres mezes de exercicio.

umas ligeiras esplanações de conjecturas, uma vez que não conhecemos o acto régio que conferiu semelhante graça, e nem mesmo sabemos, precisamente, em que epocha teve ella lugar.

D. Manoel casou-se em segundas nupcias com a princeza D. Maria, sua cunhada, filha dos reis catholicos, em 1500 (*), *depois da partida de Pedro Alvares Cabral para as Indias*; em 1501 entrou elle em Lisbôa de volta da sua glorificada expedição, e em 1502 cahiu no desagrado do rei porque não acceitou o commando da nova expedição destinada ás Indias, nas condições humilhantes ao seu caracter, com que lhe foi offerecido, como vimos.

Portanto, a graça em questão não foi conferida antes da partida de Cabral, em face da epocha daquelle casamenta de D. Manoel; durante a sua ausencia, se bem que el-rei tivesse logo noticia do facto do descobrimento da Terra da Santa Cruz, tambem não foi, porque nada consta á respeito; e depois do seu rompimento com Cabral, tanto peior: fica, portanto, de pé a epocha do fastigio da sua gloria e da honrosa distincção com que era recebido na côrte, dentro da qual é que, sem duvida, teve lugar aquella manifestação régia em favor de sua consorte.

Afastada da côrte, acompanhando a seu marido no seu retiro de Santarem, gosou comtudo D. Izabel de Castro das honras e proventos, se os tinha, de dama de honor da rainha D. Maria; mas fallecendo ella em 1517, e contrahindo el-rei D. Manoel terceiras nupcias em 1518 com a princeza D. Leonor filha de el-rei Felippe I de Castella, não renovou aquella graça, que se extinguira com a morte de D. Maria, uma vez que nada consta a esse respeito, e tanto mais quando ainda existia Pedro Alvares Cabral. Mas, com o fallecimento de D. Manoel em 1521, e depois do de Cabral, em epocha que não vai muito adiante, de accordo com as nossas conjecturas, e subindo ao throno D. João III, recebeu D. Izabel de Castro deste monarcha

(*) O contracto de casamento de D. Manoel com D. Maria, infanta de Castella, foi firmado em 20 de Maio de 1500, pelos respectivos plenipotenciarios, e depois partiu ella para Portugal, em cujas fronteiras chegou a 30 de Outubro do mesmo anno, onde foi recebida por um emmissario de seu esposo, o bispo de Evora D. Affonso, seu tio, acompanhado de um luzido cortejo régio.

a reparação do acto de ingratidão praticado por seu pai, conferindo-lhe, como vimos, o titulo honorifico de camareira mór de sua filha a infanta D. Maria.

D. Izabel de Castro, a nobilissima esposa de Pedro Alvares Cabral, era filha de D. Fernando de Noronha, irmão de D. Pedro de Noronha, mordomo de el-rei D. João II, e seu embaixador, alcaide-mór de Obidos e commendador-mór de S. Thiago, e D. Constancia de Castro, sua mulher; e desse seu consorcio teve Cabral descendencia que muito honrou a sua memoria illustre e veneranda. (*)

De par com o ingrato esquecimento do nome e dos serviços de Pedro Alvares Cabral, de sorte que, nem ao menos a data do seu fallecimento cansignam as chronicas contemporaneas, e são bem escassos os dados que nos restam de sua vida (**), ficou tambem despresado e desconhecido o seu modesto jazigo por tres longos seculos, até que, um brazileiro, o notavel historiador Francisco

(*) Pedro Alvares Cabral teve do seu consorcio com D. Izabel de Castro os quatro seguintes filhos: Fernão Alvares Cabral e Antonio Cabral, que morreram sem successão; D. Constança de Noronha, que casou com o commendador de Cardiga, Nuno Furtado; e D. Guiomar de Castro, religiosa dominicana no convento da Rosa, de Lisbôa.

A descendencia directa de Pedro Alvares Cabral é hoje representada por uma filha do ultimo Marquez de Castello Melhor, a Senhora Viscondessa de Varzea, cujo retrato, bem como o de sua mãe, brazão d'armas da familia e alguns detalhes do velho e elegante palacio da Rosa, da casa de Castello Melhor, em Lisbôa, estampou a excellente revista illustrada *Brazil-Portugal*, em seu numero 7 de 1 de Maio de 1899. De par com essas estampas vem um bem lançado artigo sobre a casa de Castello Melhor, e o paço solarengo da mesma casa, o referido palacio da Rosa.

(**) Cabral não foi victima sómente do esquecimento do seu nome e dos seus serviços, pelos seus contemporaneos. Foram elles mais alem ainda, e até mesmo, procuraram, consciente ou inconscientemente, empanar o brilho da sua gloria como descabridor da Terra da Santa Cruz!

Camões, que occupa salientissimo lugar entre os seus contemporaneos, foi um desses ultimos, porque, não só esqueceu o nome de Cabral no seu esplendoroso poema *Os Luziadas*, como até mesmo, de envolta com o falseamento da verdade historica, attribue esse unico feito que nos resta da vida do illustre marinheiro, á Vasco da Gama, fazendo assim retroceder a descoberta do Brazil a 1497, pela *primeira frota* que elle commandára!...

Effectivamente, tratando o grande poeta, da descripção da Ame-

Adolpho de Varnhagen, depois Visconde de Porto Seguro, o descobriu em 1839 na capella collateral da vetusta igreja do convento da Graça, em Santarem, e vulgarisou essa sua descoberta!

Pedro Alvares Cabral não foi, certamente, sepultado na capella daquella igreja da Graça, porquanto, — « logo depois da sua morte, sua mulher contractou com os frades eremitas do mesmo convento a capella de S. João Evangelista, a qual mandou ornar de paramentos e dotou com o fôro de moio e meio de trigo, um carneiro, dous capões, uma gallinha e uma duzia de ovos para sempre, com a condição de ter jazigo perpetuo na dita capella, *para a qual mandou trasladar os ossos de seu marido*, e os de seu filho Antonio, sob condição dos frades agostinhos dizerem alli annualmente quinze missas. » (*)

Extincto o mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Santarem, quando se deu a abolição geral das ordens religiosas em Portugal, foi alienado em 1834 a um particular que o reduziu a casas para moradia. Esse mosteiro pertencia a ordem dos eremitas calçados de Santo Agostinho, e os seus religiosos eram vulgarmente conhecidos por *gracianos*.

---

rica, nas estancias CXXXVIII—CXLI, do canto X, do seu immortal poema, e referindo-se a Vasco da Gama, diz na estancia CLX :

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o páo vermelho nota ;
De Santa Cruz o *nome lhe poreis.*
Descobri-la-ha a primeira vossa frota :
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

Nestes dous ultimos versos refere-se Camões a Fernão de Magalhães, portuguez, o qual aggravado d'el-rei D. Manoel, se passou a Castella, donde partiu com cinco velas para as ilhas de Moluco, em cuja viagem descobriu o Estreito, que de seu nome se chama de Magalhães.

(*) V. o artigo (o ultimo de uma serie) — O descobrimento do Brazil (Narrativa de um marinheiro) — inserto n'*O Occidente*, importante revista que se publica em Lisbôa, em sua edição de 10 de Janeiro de 1900, n. 757.

Felizmente, porém, ainda se conserva a sua igreja, que é um bonito e antiquissimo templo, — com elegante fachada em que se nota um bellissimo portico de estylo gothico, primorosamente esculpido,— e o culto divino é regularmente mantido, e em nada soffreu em suas solemnidades com a extincção do convento.

E' pois, nesse templo vetustissimo e de bellissimas tradições historicas, e onde descançam os restos mortaes de varões illustres da velha e gloriosa patria portugueza, em que tambem descançam as venerandas cinzas do lendario almirante luzo Pedro Alvares Cabral, em uma simples sepultura rasa, situada ao lado da Epistola da referida capella, e apenas coberta com uma louza ordinaria, em que se lê o seguinte epitaphio gravado em caracteres gothico-floridos, e já semi-gastos pelo tempo e ainda mais, pelo caminhar da gente, que desde o seculo XVI, frequenta essa capella :

AQVY JAZ PEDRAL VA-
REZ CABRAL E DONA ISA-
BEL DE CASTRO SVA MO-
LHER CVJA HE ESTA CA-
PELLA HE DE TODOS OS
SEVS HERDEYROS
AQVALL DEPOIS DA MOR-
TE DE SEV MARYDO FOY
CAMAREYRA MOR DA IN-
FANTA DONA MARYA FY-
LHA DEL REY DÓ JOÃO
NOSSO SENHOR HO TER-
CEYRO D'ESTE NOME.

Por este epitaphio modestissimo, se vê que os restos mortaes de Pedro Alvares Cabral, reunidamente aos de sua consorte, foram encerrados naquella campa pelas piedosas mãos dos seus descendentes, trasladados das sepulturas que receberam os cadaveres de cada um delles, mas em epocha desconhecida; facto esse que teve lugar em virtude do contracto que sobre esse particular celebrara D. Izabel de Castro com os religiosos gracianos logo depois da morte de seu marido, como vimos.

O Dr. Joaquim Manoel de Macedo incluiu o nome venerando de Pedro Alvares Cabral na sua preciosa obra —*Anno Biographico Brazileiro*,— (T. I p. 503—5) como um testemunho solemne de gratidão nacional, e conclue a

bella e succinta noticia que deu á seu respeito, com estas palavras:

« Qualquer que seja o livro que se occupe da historia, ou que lembre e se empenhe em perpetuar a memoria dos homens illustres do Brazil, ou incorrerá no mais deploravel esquecimento, ou terá inscripto em sua primeira pagina o nome de Pedro Alvares Cabral.

« Aqui fica esse nome gravado não na primeira pagina; mas no artigo de *1 de Maio*, porque foi nesse dia, que o inclito capitão portuguez solemnemente arvorou no Brazil os signaes do dominio do soberano de sua patria; e perpetuou indelevel o monumento de sua gloria, gloria ufanosa de heroica e então esplendida nação. »

....

Aqui, nos é grato registrar, que a municipalidade do Recife rendeu modesta homenagem á veneranda memoria do descobridor do Brazil, impondo em 1870 o nome de *Alvares Cabral* a antiga rua dos Tanoeiros, situada no bairro de S. Frei Pedro Gonçalves.

A frota portugueza do descobrimento do Brazil

Dos treze navios que compunham a frota expedicionaria da India, que partiram do porto de Lisbôa no dia 9 de Março de 1500, sob o commando em chefe do almirante Pedro Alvares Cabral, sabe-se apenas, com certeza do nome de tres, que eram: *Annunciada*, *S. Pedro* e *El-Rei*, e por conjecturas, segundo um documento contemporaneo descoberto no archivo real do Torre do Tombo, pelo nosso compatriota o Visconde de Porto Seguro, de mais seis, que são: — as náos *Espirito Santo*, *Santa Cruz*, *Flor de la Mar*, *Victoria*, e *Espera*, e o galeão *Trindade*. — Algumas das embarcações foram armadas por negociantes particulares, mas todas subordinadas ao commando em chefe do almirante Pedro Alvares Cabral.

Nessa epocha a construcção naval em Portugal tinha attingido a grande perfeição, e apresentava typos diversos de accordo com os serviços especiaes da marinha de guerra; e para dar uma idéa de umas tantas particularidades curiosas para o nosso tempo, cremos não ser de mais repe-

tirmos, que — dividiam-se em náos, de lotação de quatrocentas toneladas, galés, fustas e basardas menores. Tinham as náos castellos á prôa e a pôpa, guarnecidos de canhões de artilharia: dos castellos corriam bailéos de um e outro lado, onde escondiam-se os mosqueteiros, quando em combate: ataviavam-se com esporões de aço na prôa para as investidas. Fortaleciam-se as galés com grossas peças de ferro no centro e pequenas nas extremidades, alem de columbrinas nos cestos das gaveas. Navegavam á vela e a remos, tendo bancos apropriados e seguros para os remadores, todos mais ou menos armados.

A esquadra conduzia um effectivo de 1,200 homens, entre marinheiros e soldados, todos de gente escolhida e bem armados, bem como oito capellães; e de passagem, oito religiosos franciscanos sob a guardiania de Frei Henrique Soares, natural de Coimbra, que foi depois bispo de Ceuta e confessor d'el-rei, e o pessoal da feitoria que se ia fundar em Calecut, em o qual se contava um vigario, um almoxarife e dous escrivães.

A esquadra ia bem provida de mantimentos e refrescos para uma longa viagem, de velame e todos os aprêstos de navegação, e bem assim de — generos de commercio para o trafico, constando o carregamento de espelhos, contas de coral, vermelhão, barretes encarnados, azougue, cobre, alambre, pannos de lã grossos e finos, setins, velludos, armas brancas, damascos de diversas côres, espadas, lanças, assucar, manteiga, mel, sal, medicamentos e outras mercadorias.

Cabral, investido do commando em chefe, não tinha, porém, o commando immediato da náo almiranta, o qual era particularmente exercido por official distincto; entretanto Castanheda registra os nomes dos commandantes dos doze navios subalternos, que são estes:

1º — Sancho de Toar, ou de Tovar filho de Martim Fernandes de Tovar, fidalgo castelhano, immediato da náo almiranta e do commandante em chefe da esquadra. No reinado de D. João III (1521—1557) governou as praças de Sofalla e Moçambique.

2º — Nicoláo Coelho, fidalgo cavalheiro da casa real, que tomara parte na famosa expedição de Vasco da Gama ás Indias, em 1497, commandando o navio de guerra *Berrio*, e do seu nome faz Camões honrosa referencia nos seus *Lusiadas*. Foi Nicoláo Coelho, conhecidamente, o primeiro

portuguez que pizou em territorio brazileiro, em virtude da incumbencia que recebera do chefe da expedição, em 23 de Abril, de examinar o porto em que fundeára a esquadra. Coelho tomou parte ainda na expedição que partiu para as Indias em 1503, commandando um dos tres navios da flotilha commandada por Francisco de Albuquerque, e na viagem lhe coube opportunidade de ver de novo a *Terra da Santa Cruz*, porquanto ventos contrarios impelliram a esquadra a essas paragens, onde ancorou, em lugar porém, não sabido.

3° — Simão de Miranda Azevedo, filho de Diogo de Azevedo, o qual, segundo Gaspar Corrêa nas suas *Lendas da India*, — « ia para capitão mór na succesão de Pedro Alvares Cabral se elle fallecesse. »

4° — Ayres Gomes da Silva, filho de Pedro da Silva.

5° — Simão de Pina.

6° — Nuno Leitão da Cunha.

7° — Pero de Athayde.

8° — Luiz Pires, que commandava um dos tres navios pequenos, ou *redondos*.

9° — Gaspar de Lemos, commandante do navio de mantimentos.

10° — Bartholomeu Dias, já tão celebre pelo descobrimento do Cabo da Bôa Esperança, e immortalisado por Camões nos seus *Lusiadas*.

11° — Diogo Dias, irmão de Bartholomeu Dias, os quaes embarcaram com destino de ficarem com uma feitoria que se ia estabelecer em Sofala. Diogo Dias tomou parte na primeira expedição de Vasco da Gama, na qualidade de escrivão da náo almiranta *São Gabriel*, e tem o seu nome celebrado por Camões nos seus *Lusiadas*.

Gaspar Corrêa, porém, em desaccordo com João de Barros e Castanheda, aos quaes seguimos na enumeração dos capitães commandantes dos navios expedicionarios, apresenta uma lista de treze, em que exclue a Alvares Cabral, Ayres Gomes da Silva, e Pero de Athayde, substituindo-os por Braz Mattoso, Pedro de Figueiró, e André Gonçalves, *capitães dos tres navios pequenos*.

A exclusão de Cabral, é logica, como bem reflexiona J. Capistrano de Abreu na sua primorosa monographia —*Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI* (Rio de Janeiro 1883), pois Pedro Alvares Cabral não commandava um navio determinado, porém toda a ar-

mada; e discute magistralmente este ponto, bem como a versão muito corrente, de que fôra Gaspar de Lemos quem levou a el-rei de Portugal a nova do descobrimento do Brazil, concluindo com o mesmo historiador Gaspar Corrêa, que fôra André Gonçalves.

Dos navios da expedição apenas seis regressaram a Portugal em fins de Julho de 1501, faltando sete, cujo fim é conhecido.

Logo em começos da viagem, desgarra-se um navio da frota, que alguns escriptores presumem ser o do commando de Vasco de Athayde, e outros o de Luiz Pires, ou de Pero de Figueiró. De preferencia, porém, seguimos a versão de Pero Vaz de Caminha, como testemunha presencial de todas as occurrencias, o qual, referindo-se em sua carta dirigida a el-rei D. Manoel, sobre o que houve de notavel na viagem no dia 23 de Março, diz que — se perdeu da frota Vasco de Athayde, com a sua náo, sem ahi (altura da ilha de S. Nicoláo) haver tempo forte nem contrario. — O que é certo, é que o navio regressou á Lisbôa, e ahi aportou dous mezes depois da partida da esquadra, *sem mastreação, e a tripolação curtida de fome, sede e escorbuto*. Um escriptor moderno conjectura, em face daquella *ingenua e maliciosa* declaração de Caminha, aliás em pleno accordo com o que diz sobre o facto, o escriptor da *Navegação de Pedro Alvares Cabral*, tambem de viagem na frota, — que o capitão dessa náo desgarrada tenha julgado mais prudente quedar-se tranquillo em Lisbôa, que commetter as ondas do mar iroso.

O navio de André Gonçalves, deixou o Brazil no dia 2 de Maio, de volta para Portugal, afim de communicar a el-rei D. Manoel a feliz noticia do inesperado descobrimento da *Terra da Vera Cruz*, de conformidade com o que se resolveu em conselho convocado á bordo do navio chefe, pelo almirante Pedro Alvares Cabral; esse descobrimento foi recebido na côrte com grande regosijo, e enthusiasticas festas populares em Lisbôa.

As quatro náos *perderam-se com toda a matalotagem sem se poder dar soccorro algum*, no regresso da armada do Brazil para as Indias, accommettidas por furiosa tempestade. Esses navios, segundo João de Barros nas suas *Decadas*, eram commandados pelos capitães Ayres Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Athayde e Bartholomeu Dias, valente e destemido marinheiro, a quem, na phrase

daquelle escriptor, — « tendo passado tantos perigos de mar nos descobrimentos que fez, e principalmente no Cabo da Bôa Esperança, esta furia de vento deu fim a elle e aos outros, mettendo-os no abysmo da grandeza daquelle mar oceano. » — Nessa narrativa de Barros nota-se um engano, quando refere, entre os capitães que pereceram no naufragio dessas quatro náos, o nome de Vasco de Athayde, porquanto, como vimos, foi esse o capitão da náo que desgarrou-se da esquadra em 23 de Março e regressou á Lisbôa, segundo o testemunho de Caminha.

Em fim, a *náo grande* do commando de Sancho de Tovar, de duzentas toneladas, carregada de especiarias do Oriente, pela volta da meia noite de 12 de Fevereiro de 1501, encalhou e perdeu-se completamente, salvando-se apenas a gente em camisas, e isso mesmo com muito trabalho. Os portuguezes ao deixarem o perdido navio, entregaram-no ás chammas. (*)

Os seis navios restantes, que então compunham a gloriosa esquadra, e que regressaram victoriosos á Lisbôa, foram os que eram commandados pelos capitães Simão de Miranda, Pedro de Athayde, Nicoláo Coelho, Nuno Leitão, Diogo Dias, e Sancho de Tovar, que sem duvida, por graduação de patente, teve novo commando depois da perda do seu navio.

Como objecto de curiosidade historica, concluiremos, consignando as vantagens que o governo offereceu a equipagem á se alistar na frota que se organisava para essa segunda viagem ao Oriente, segundo a resenha de Gaspar Corrêa nas suas *Lendas da India*.

« O capitão mór da armada haveria por viagem dez mil cruzados, e quinhentos quintaes de pimenta comprados em seu ordenado dos dez mil cruzados ao preço que el-rei a comprasse, e dez caixas forras, de que não pagaria direitos senão a dizima a Deos para o mosteiro de Belem.

« E aos mestres e pilotos a quinhentos cruzados por

(*) Sancho de Tovar deixou honrosa nomeada nos annaes da marinha portugueza. Ainda vivia em 1518, e percebia a moradia de 3$400 réis por mez, como cavalleiro fidalgo do conselho de D. Manoel.

viagem, e a trinta quintaes de pimenta, e quatro caixas forras; e aos capitães das náos mil cruzados por cada cem toneis, e seis caixas forras, e cincoenta quintaes de pimenta por viagem; e aos marinheiros a dez cruzados por mez, e dez quintaes de pimenta por viagem, e uma caixa forra; e cada dous grumetes como um marinheiro; e cada tres pagens como um grumete; e aos contra-mestres e guardião como um marinheiro e meio; e aos homens officiaes, a saber: em cada náo dous calafates, dous carpinteiros, e dous estrinqueiros, um despenseiro, um barbeiro sangrador, dous clerigos, a cada um destes a tres como a dous marinheiros.

« E a gente d'armas a cinco cruzados por mez e tres quintaes de pimenta por viagem. E em cada náo um condestavel e dez bombardeiros: ao condestavel duzentos cruzados e dez quintaes de pimenta por viagem, e duas caixas forras; e aos bombardeiros, como aos marinheiros; e a cada um homem d'armas sua caixa forra.

« E todos os quintaes de pimenta carregados de seus dinheiros com sómente o dizimo a Deos; e o pagamento desta pimenta lhe faria el-rei em dinheiro de contado pelo preço que a elle vendesse, tirando quebra se as houvesse, porque a pimenta seccava na viagem, que se descontariam soldo á libra; e pagamentos d'antemão á gente do mar, um anno d'antemão aos casados, e aos solteiros a metade; e assim a todos os officiaes das náos.

« E ao capitão mór cinco mil cruzados, e aos capitães a mil cruzados cada um, e aos homens d'armas, a cada um seis mezes, e nas caixas roupa branca.

« Os quaes apontamentos, pregados nas portas do armazem da Casa da Mina, e vistos pela gente, foi tanta, que os officiaes escolhiam á sua vontade. »

El-rei, diz o mencionado escriptor, referindo-se ao regresso da esquadra expedicionaria á Lisbôa, fez mui honrado recebimento a Pedro Alvares Cabral, e assim aos capitães e homens honrados, havendo muito sentimento pelos desastres de tanta gente perdida, e mórmente da traição que fizera o rei de Calecut; e mandou fazer pagamento á toda a gente seus soldos e quintaes, que lhe pagava a dinheiro na mão, pelo preço que se vendia em Lisbôa, tirados seus direitos e quebras; e tão grosso era então o

ganho, que estas cinco náos que tornaram a salvamento *ainda dobraram o gasto de toda a armada.* (*)

O monte Paschoal, a Terra da Vera Cruz, o Brazil

O *grande monte, muito alto e redondo,* que primeiramente avistara Cabral no dia 21 de Abril de 1500, á horas de vesperas, na phraze de Pero Vaz de Caminha, e ao qual impoz elle o nome de *Monte Paschoal*, em virtude do oitavario da Paschoa, que então decorria, era um dos mais alterosos picos da serra dos Aymorés, situado no Estado da Bahia aos 16° 56' de Latitude austral, ainda conserva esse nome imposto por Alvares Cabral, segundo o Visconde de Porto Seguro, e é mui conhecido dos mareantes, que o consideram entre as melhores balizas para a conhecença dessa parte do littoral. Tem 356 metros de altitude.

Com relação ao nome de Vera Cruz, tambem imposto por Cabral á terra descoberta, consignamos aqui o autorisado juizo de Capistrano de Abreu no seu já citado escripto sobre o *Descobrimento do Brazil.*

« Outro ponto contravertido é o motivo porque Cabral deu á terra que descobriu o nome de Vera Cruz.

« Segundo Castanheda foi por causa da Cruz que alli mandou plantar a 1 de Maio.

« Gaspar Corrêa (*Lendas da India*, I, p. 152) diz, que porque a ella chegaram a 3 de Maio.

« Ambas estas affirmações não têm, porém, consistencia, porque Cabral poz o nome á terra, segundo se deduz de Vaz de Caminha, no mesmo dia em que poz o nome de Monte Paschoal — isto é, a 22 de Maio.

« Caminha nos dá o verdadeiro motivo do nome:

...... « pregou (Frei Henrique) uma solemne e proveitosa pregação da historia do Evangelho e em fim delle tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, *conformando-se com o signal da Cruz, sob cuja obediencia viemos.*

(*) Sobre a organisação militar e economica dos navios de guerra nessa epocha, soldo, ração, e vantagens de commercio concedidas a toda a equipagem, sem distincção de classe. V. os *Annaes da marinha portugueza*, por Ignacio da Costa Quintella, T. I, p. 225—9, (Nota). Lisbôa, 1839.

« O nome de Vera Cruz imposto por Cabral, como é sabido, durou muito pouco tempo. Em 1501, nas instrucções a João da Nova, é transformado no de Ilha da Cruz; na carta escripta por D. Manoel (Apud Navarrete. *Viages* III, p. 95) aos reis catholicos a 29 de Julho do mesmo anno tem o nome de Santa Cruz; no roteiro de Gonneville (1503—1505) já tem o nome de Brazil (este nome já figura em Empoli, 1508), que naturalmente lhe foi communicado por Diogo do Couto e Bastião de Moura, portuguezes da equipagem; em 1511 apparece já este nome em documento official. (*Roteiro da não Bretôa.*) »

Tambem se deu ao Brazil, na epocha do seu descobrimento, o nome de *Terra dos Papagaios*, provocado pelos bellos specimens de araras enviadas para Portugal, entre outras cousas da terra, na caravella expedida por Cabral para communicar a el-rei D. Manoel a feliz nova; — nome esse que se encontra em diversos mappas antigos, sendo assim chamada por Lourenço Cretico, agente da senhoria de Veneza, residente então em Lisbôa.

A denominação de Brazil vem do descobrimento da existencia da preciosa madeira *páo-brazil*, de grande commercio na epocha, descoberta essa que teve lugar logo nas primeiras expedições de reconhecimento e exploração do territorio brazileiro pelas frotas especialmente enviadas pelo governo portuguez para semelhante fim. Era ao *páo-brazil* que os nossos indios davam o nome de *ibira-pitanga*, que quer dizer *páo-vermelho*, e cuja leguminacea tem hoje em botanica a denominação de *Cæsalpina brasiliensis*, dada por Linneo.

Arvore rarissima hoje em nossas mattas, pela quasi completa devastação que soffreu para extracção do precioso lenho, de exclusivo monopolio do governo portuguez, pela grande applicação que tinha na tinturaria, em virtude da bellissima, rubra e firme tinta que fornece, e que tem o nome muito vulgar de *brasilina*, foi esse vegetal, outr'ora objecto de grande commercio entre nós, que deu o nome ao nosso paiz, e não, como judiciosamente discorre Capistrano de Abreu, da palavra *braza*, á semelhança de cuja côr é o páo-brazil.

Consoantemente com esse conceito, já no seculo XVIII dizia D. Antonio Caetano de Souza, na sua *Historia genealogica da casa real portugueza* (T. III p. 168), que a piedade do primeiro descobridor do nosso paiz deu-lhe o nome de

Santa Cruz, ao qual, a ambição converteu depois no de Brazil, *pela estimação do páo assim chamado.*

Sobre tão importante objecto, ouçamos o que escreveu o nosso illustre e operoso conterraneo José de Vasconcellos nas suas *Datas celebres e factos notaveis da historia do Brazil*, em nota á pag. 10 do primeiro e unico volume publicado (Pernambuco, 1890):

A denominação de *Ilha da Vera Cruz* e não *Terra da Santa Cruz*, como erradamente alguns escreveram, foi substituida pela de Brazil logo que se divulgou a existencia no paiz da madeira de tinturaria a que os indigenas chamavam *ibiripitanga*, e os portuguezes *páu-brazil* em consequencia da côr avermelhada della assemelhar-se á da braza.

O Visconde de Porto Seguro, porém, diz que o nome Brazil só começou-se a empregar para a Costa Oriental da da America do Sul em 1511.

Esta asserção não é exacta, como bem o demonstrou Capistrano de Abreu n'uma nota inserta á pagina 48 da *Historia do Brasil* de Frei Vicente do Salvador por elle annotada, fazendo ver que já em 1504 era tal nome usado, e apresenta documentos incontestaveis.

Este mesmo illustrado escriptor diz ainda em uma outra nota da mesma obra, a de numero 10, o seguinte:

« A palavra Brazil tem duas origens: uma latina sobre á qual J. C. da Silva escreveu uma dissertação magistral na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, Vol. XXIX, Seg. Par. Pag. 5 a 35 e de que tambem trataram José Silvestre Rabello nos dous primeiros volumes da mesma Revista, e Candido Mendes na introducção aos *Principios de Direito Mercantil e Leis de Marinha* de Silva Lisbôa. Rio 1874, I CCCXL—CCCLV; outra celtica, a que alludem Gumbleton Daunt na *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, Vol. XLVII, 1884, Par. 1ª Pag. 119 e 120 e Beauvais *Rev. de l'hist. des religions*, Vol. VII, Pag. 316. »

O historiador João de Barros na *Decada* I, liv. 5, cap. 2. possuido das idéas religiosas, que tanto occupavam os antigos escriptores portuguezes, diz: « Admoesto da parte da cruz de Christo a todos os que este lugar lerem, que dêm a esta terra o nome, que com tanta solemnidade lhe foi posto, sob pena de a mesma cruz que, nos ha de ser mostrada no final, os accusar de mais devotos do páo-

brazil que della. E por honra de tão grande terra chamemos-lhe *provincia*, e digamos *Provincia da Santa Cruz*, que sôa melhor entre prudentes que *páo-brazil*, posto pelo vulgo sem consideração, e não habilitado para dar nome ás propriedades da real corôa. »

Não obstante esta exhortação a substituição vingou, e a este respeito Southey escreveu o seguinte:

« O nome pegou talvez mais facilmente, por já o terem os geographos antes posto em voga, parecendo, comtudo, tão perplexos sobre o modo de dispor delle, como do famoso titulo de Preste João. »

« Hervas (Tomo 1º, Pag. 109) faz menção de um mappa da bibliotheca de S. Marcos em Veneza, feito em 1439 por André Blanco, no qual se indica na extremidade do Atlantico uma ilha com o nome de *Ilha do Brazil*; outra chamada *Ilha da Antilha*, e uma terceira, na posição do Cabo de Santo Agostinho na Florida com a extranha cognominação de *Isla de la mano de Satanaxio*. Esta *Ilha do Brazil* suppõe-na o anthor do mappa uma das Terceiras. »

« D. Christoval Cladera, na sua resposta á memoria de Otto sobre a descoberta d'America, descreve cinco mappas desenhados por Juan Ortis em Valença mostrando com bons argumentos, que não podiam ter sido feitos antes de 1496, e nem depois de 1509. A quarta destas cartas contém as costas de Hespanha, França, Hollanda, Gram-Bretanha, e em 52 gráos N. uma ilha dividida por um grande rio e chamada Brazil. D'aqui infere Cladera que o mappa foi feito depois da descoberta do Brazil por Cabral, mas muito pouco depois, aliás não teria sido este paiz tão erroneamente collocado. »

« Comtudo, se era realmente o Brazil que se queria indicar, seria possivel fazel-o tão erradamente? E ter-se-hia naquella epocha dado este nome?

« Entre varios povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada, chamada Brazil. Era pois, natural que appenas aparecesse um paiz, a que se podesse applicar, se fixasse nelle este nome, que até então andava vago e incerto, e d'aqui, provavelmente, veio o ter elle prevalecido sobre e denominação official, e até mesmo santificado pela sancção religiosa. »

Segundo Muratori a primeira vez que a palavra brazil se empregou foi no anno de 1128, n'um tratado entre os

povos de Bolonha e Ferrara, no qual figura n'uma resenha de mercadorias a *grana de bruzile*.

Na sua obra sobre a geologia brazileira, disse o professor Hartt que, « estudando a derivação da palavra—*Brazil*— achou estudos cabalmente feitos por Humboldt sobre a mesma palavra. Em mappas italianos, publicados entre 1352 e 1439, achou Humboldt o dito termo sobre tres formas : *Barcie. Brazil e Berzil.* Era então o nome applicado a alguma ou algumas das Açores e mais particularmente a um ponto da Terceira, que ainda conserva a mesma denominação.

« Tres seculos antes de se descobrir a rota para as Indias, pelo Cabo da Bôa Esperança, conhecia-se na Europa um páo de tingir chamado *bresil*, *brasilly*, *braxilis* e *brasile*, que crê-se, era uma especie das *Casalpina* ou *Pterocarpus* da India. Agora como foi que esse páo começou a ser chamado *Brazil*, é o que não se sabe. O certo é que o nome Brazil não vem da palavra *braza*, á semelhança de cuja côr é o páo-brazil. O naturalista Grynéas falla de páo-brazil visto em Paira, em 1499, e Anghiera, que tambem escreveu antes do descobrimento da terra de Santa Cruz, viu páo-brazil no Haity e refere-se a elle com esta mesma denominação. »

A primeira missa no Brazil

A piedade christã de Pedro Alvares Cabral, levou-o a determinar a celebração solemne de uma missa, no ilhéo situado no meio da bahia de Porto Seguro, como que em acção de graças ao Todo Poderoso pelo auspicioso facto da descoberta de um tão bello paiz ; e effectivamente, na manhã de 26 de Abril, domingo de Paschôa, em pleno campo desse ilhéo que se chama hoje *Corôa Vermelha*, e em lugar azado, em que se erguia sob um pavilhão o altar do sacrificio, bella e festivamente decorado, tem lugar a ceremonia religiosa da celebração da missa, em que officiára o guardião dos franciscanos Frei Henrique Soares, coadjuvado por todos os sacerdotes que iam de passagem na frota.

Não nos aventuramos, porém, em descer á minuden-

cias descriptivas dessa bella e tocante solemnidade pela primeira vez celebrada no Brazil, e em que, tambem pela primeira vez, se fizeram ouvir os sons harmoniosos do orgão (*), attendendo a que deixou-nos um bellissimo painel desse acto, a penna singela, mas clarissima, de Pero Vaz de Caminha na carta que dirigiu de Porto Seguro a el-rei D. Manoel, que vimos já consignada em sua integra; e tão bello painel, inspirou a dous pintores notaveis immortalisal-o na téla: Condeixa em Portugal, e Victor Meirelles no Brazil. (**)

(*) Refere Gaspar Corrêa, que os religiosos trouxeram — retabulo da Piedade, e todos os ornamentos e cousas necessarias para o officio divino, como orgãos, tudo em muita perfeição com rica prata.— Entre os religiosos, vinha um organista e musico, chamado Frei Maffeu, que sem duvida executou os hymnos da igreja, acompanhando aos religiosos nos canticos da musica da missa.

(**) *A primeira missa no Brazil*, bellissima téla de Condeixa, emerito pintor historico portuguez, foi á pouco tempo reproduzida em estampa colorida pela *Mala da Europa*, importante orgão da imprensa portugueza (Lisbôa), e distribuida como brinde aos seus assignantes; e ultimamente n'*O Occidente*, interessante revista litteraria e illustrada, que se publica em Lisbôa, em sua edição de 22 de Dezembro de 1899: e *A primeira missa no Brazil*, do nosso compatriota Victor Meirelles, — *essa obra capital, a gemma mais preciosa do seu diadema de artista*,— é tão conhecida e popular entre nós, que dispensa-nos as minudencias sobre as suas multiplas reproducões em oleographia, gravura, etc.

Na sexta feira 1 de Maio seguinte, vespera da partida da frota expedicionaria, tem lugar a celebração de uma segunda missa campal, no continente, e após o levantamento de um grande cruzeiro de madeira do paiz, com as divisas de el-rei de Portugal, como signal de posse material e solemne da terra descoberta, em nome da corôa portugueza.

Essa segunda missa foi tambem celebrada por Frei Henrique Soares, e com o me mo ceremonial e pompa religiosa, como na primeira, solemnidades essas que particularmente descreve Pero Vaz de Caminha na sua carta, como vimos.

Refere o Visconde de Porto Seguro na sua *Historia do Brazil*, —que foi no meio da solemnidade dessa outra missa, que se effectuou a tomada de posse da nova região, levantando-se n'um morro visinho uma grande cruz de madeira, com as divisas do venturoso rei D. Manoel.

E' portanto, na segunda missa, que figura o cruzeiro, junto ao altar; e não como por um descuido historico-artistico representam no n'*A primeira missa no Brazil*, tanto Condeixa, como Meirelles.

Porém, Caminha, legou-nos essa descripção em prosa, se bem que amena e correcta, e o nosso epico Frei José de Santa Rita Durão, deixou-a em bellissimas e inspiradas estrophes, no canto VI do seu monumental poema *Caramurú*, e d'est'arte, vamos descortinar aos olhos do leitor o bellissimo painel que traçára o estro inspirado e brilhante do cantor brazileiro.

XLVII

Do Téjo ao China o Portuguez impéra,
De um pólo ao outro o Castelhano vôa,
E os dous extremos da redonda esphéra,
Dependem de Sevilha, e de Lisbôa : (*)
Mas depois que Colon signaes trouxéra,
(Colon, de quem no Mundo a fama vôa)
Deste novo admiravel continente
Discorda com Castella o Luso ardente.

XLVIII

Já se dispunha a guerra sanguinosa :
Porém o commum Pai aos dous intima
Arbitrio na contenda duvidosa,
Que a parte competente aos Reis estima.
Desde Roma Alexandre imperiosa,
Deixando ambos em paz á empreza anima,
E uma linha lançando ao Céo profundo,
Por Fernando, e João reparte o Mundo. (**)

(*) Sevilha, então Côrte de Hespanha.

(**) O poeta refere-se á celebre *linha de demarcação* traçada pelo Papa Alexandre VI, por Bulla de 4 de Maio de 1493, pela qual se fixaram os limites das descobertas emprehendidas e por emprehender pelos reis D. Fernando de Hespanha e D. João II de Portugal.

XLIX

Na vasta divisão, que ao Luso veio,
O precioso Brazil contido fica:
Paiz de gentes, e prodigios cheio,
Da America feliz porção mais rica:
Aqui do vasto Oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral com fausto acaso
Sobre gráos dezeseis do nosso Occaso.

L

Da nova Região, que attento observa,
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso, a fertil herva
Na viçosa extenção do aureo terreno:
Coberta a praia está de grã caterva
De incognita Nação, que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida,
Erguendo-lhe o trophéo do Autor da vida.

LI

Era o tempo, em que alegre resuscita
A verde planta, que murchou no Inverno;
E quando a solar méta o tempo excita,
Em que o Rei triumphou da morte eterno;
Tão sagrada memoria a frota incita
A celebrar ao Vencedor do Inferno
O sacrificio, donde a fé venera,
A Paixão, que em tal tempo succedêra.

LII

Em frondosa ramada o Lusitano
Um Altar fabricou no prado extenso,
Donde assista ao Mysterio soberano
Da Lusitana esquadra o povo immenso:
Ao Rei triumphante do infernal tyranno,
Odorifero fuma o sacro incenso,
E a victima do Céo, que a paz indica
A' gente, e nova terra sanctifica.

LIII

Notar o Americano alli contende
  Do sacrosanto Altar o acto sublime ;
  E tanto a simples gente o aceno entende,
  Que parece que a acção por santa estime :
Algum que olhava ao celebrante, emprende
  O gésto arremedar, que orando exprime,
  E as mãos une, e levanta, e talvez solta ;
  E quando o vê voltar, tambem se volta.

LIV

Como as nossas acções talvez espia
  O pelloso animal, que o mato hospeda,
  E quanto vê fazer, como á porfia,
  Tudo posto a observar, logo arremeda :
Tal o Gentio simples parecia,
  Que nem um pé, nem passo dalli arreda,
  E ao santo sacrificio attento, e mudo,
  O que aos mais vio fazer, fazia-o tudo.

LV

Aqui depois que ás turbas eloquente
  Dicta o sacro Orador pio conceito,
  E a fé dispensa no animo valente
  Do nobre Povo a propagal-a eleito :
Participa da céa a Christã gente,
  E o dom recebem com fiel respeito ;
  E é fama que Cabral, que os convocára,
  Montando sobre um alto, assim fallára :

LVI

Gloriosa Nação, que a terra vasta
  Vais a livrar do Paganismo immundo,
  A quem esse Orbe antigo já não basta,
  Nem a immensa extensão do mar profundo :
Neste occulto Paiz, que o mar affasta,
  Tem teu zelo por campo um novo Mundo ;
  E quando tanta fé seus termos sonde,
  Outro Mundo acharás, se outro se esconde.

LVII

Oh prafundo conselho! Abysmo immenso
Do poder, e saber do Omnipotente!
Que estivesse escondida no Orbe extenso
Tanta parte do Mundo á sabia gente!
Cincoenta e cinco seculos sem senso
Das Nações deste vasto continente,
E em tanta indagação dos sabios feita.
Não cahir-nos na mente nem suspeita!

LVIII

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta Providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Christo o perdão ora;
Quando morre na Cruz, no proprio dia:
Na bandeira do mar triumphadora
Tremolamos as Chagas com fé pia,
E nellas quiz á grei, que em sombras langue,
Vir neste dia a offerecer seu sangue.

LIX

Goza de tanto bem, terra bemdita
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fructo da Paixão na Igreja,
Da fé renovo pelo fructo nobre,
Que o dia nos mostrou, que te descobre.

LX

Dizendo assim ajoelha, e Cruz em tanto
Sublime n'um oiteiro se colloca;
O exercito formado ao signal santo
Se prosta humilde, pondo em terra a bocca:
Pasma o Gentio, e admira com espanto
A melodia, com que o Céo se invoca,
Hymno entoando á Cruz pios Cantores,
E respondendo as trompas, e os tambores.

LXI

Terra porém depois chamou a gente
Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Assim ama o mortal o bem presente;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura gloria,
Aos bens attento só da transitoria.

....

LXV

Com acenos depois á gente bruta
Os seus que lhe deixava, recommenda,
E no claro perigo, em que os reputa,
Arma lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lhe a especie, que alli bem se commuta,
Em que possam tratar por compra, e venda;
Espelhos, cascaveis, anzóes, cutélos,
Campanhias, fuzís, serras, martellos.

LXVI

Nem se demora mais a forte Armada:
E convidando o vento, estende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque nas náos da Tropa bella:
E, ao que póde entender-se, magoada
Por saudade, que tem de mais não vella,
Com acenos, e voz enternecida
Faziam a seu modo a despedida.

D. Frei Henrique Soares

Frei Henrique Soares (*) nasceu na cidade de Coimbra, em Portugal, como refere o nosso chronista Frei Antonio de Santa Jaboatão no seu *Novo orbe serafico brazileiro*, em epocha desconhecida, mas certamente contida na segunda metade do seculo XV.

De educação esmerada, porquanto formou-se em direito, seguiu a carreira da magistratura e chegou a vestir a toga de desembargador da Casa da Supplicação em Lisbôa, abandonou depois a elevada posição social que occupava, e foi humildemente bater ás portas do convento dos religiosos franciscanos, na villa de Alemquer, onde professou, depois de concluir o seu noviciado, o qual fez com — *tanto fervor, que logo deu indicios claros de suas virtudes eminentes*.

Não se sabe o nome que tinha no mundo social, pelo qual, talvez se podesse obter seguros e amplos dados da sua vida anterior á religiosa; sabe-se apenas, que ao vestir o humilde e grosseiro habito do patriarcha de Assis, o illustre desembargador, ministro do mais elevado tribunal de justiça da côrte portugueza, tomára o nome religioso de *Frei Henrique Soares*.

Sacerdote por vontade propria e espontanea, porquanto entrou para o claustro em idade, posição social e

(*) O nome completo de Frei Henrique Soares é uma novidade historica, graças ao apparecimento das *Lendas da India*, escriptas por Gaspar Corrêa, contemporaneo da epocha, e cujo manuscripto permaneceu inedito por quasi tres seculos, até que foi impresso em Lisbôa em 1858—1866.

Sobre o assumpto, (T. I p. 148) na parte em que o autor trata da partida da frota de Cabral, refere que embarcára no navio chefe ou — *náo capitanea frey Anrique Soares, frade de Sam Francisco*, — com os seus companheiros d religião.

Alguns escriptores, quer antigos, quer modernos, tratam-no simplesmente por Frei Henrique, e outros, tomando como seu appellido o nome da cidade d seu nascimento, Coimbra, chamam-no Frei Henrique de Coimbra. Corrêa, porém, dá-nos o verdadeiro appellido do religioso franciscano que ligou o seu nome ao facto do descobrimento da Terra da Santa Cruz, e particularmente da celebração da primeira missa no Brazil.

indepennencia taes, que não podia absolutamente ser coagido á isso, Frei Henrique soube bem compreheader a espinhosa e ardua missão do sacerdote catholico, e por isso conquistou logo pelas suas virtudes e illustração lugar distincto na sua ordem, e respeitavel nomeada fóra da religião. E é assim, que os escriptores contemporaneos fallam abonadamente do seu merecimento e das suas virtudes, entre os quaes, o historiador João de Barros que o qualifica de — *varão de vida mui religiosa e de grande prudencia ;* — Fernão Lopes de Castanheda, que era elle — *grande letrado na santa Theologia para pregar* ; — « e taes os seus exemplos, não vulgar talento e semelhante espirito, diz Frei Fernando da Soledade, que assim a religião como el-rei D. Manoel, edificados e affectuosos, lançavam mão delle para negocios de particular ponderação. »

Uma dessas incumbencias por parte de D. Manoel, foi a missão ás Indias, na frota que se aprestava sob o commando do almirante Pedro Alvares Cabral, e que aceita por elle, partiu de Lisbôa no dia 9 de Março de 1500 com mais sete religiosos da sua ordem, no caracter de *prelado e superior a todos assim nos meritos como na autoridade da pessôa.*

Foram estes os religiosos franciscanos que Frei Henrique escolheu para seus companheiros, e que com elle embarcaram na frota expedicionaria : Frei Gaspar, Frei Francisco da Cruz, Frei Simão de Guimarães e Frei Luiz do Salvador, todos quatro pregadores e excellentes letrados ; Frei Maffeo, sacerdote organista e musico, — que tambem com estas prendas podia ter parte na conversão das almas, havendo experiencia certa de que o demonio tambem se afugenta com as suavidades das harmonias ; — Frei Pedro Neto, corista de ordens sacras, e Frei João da Victoria, frade leigo, — « *do numero daquelles idiotas, em cuja bocca imprime o Senhor dos Humildes o que hão de responder na presença dos tyrannos, e muitos dos quaes tem honrado a nossa religião padecendo martyrios.* » (*)

(*) Frei Fernando da Soledade, *Historia seraphica chronclogica de S. Francisco da provincia de Portugal*, T. III, Lisbôa, 1705 p. 489—90.

Frei Fernando, firmando precisamente o numero dos religiosos

O que occorreu na viagem, o imprevisto descobrimento da Terra da Vera Cruz, e o acto da celebração da primeira missa no Brazil, com o qual Frei Henrique Soares abriu o prologo da historia da Igreja Catholica na America portugueza, são factos já conhecidos, quer pela carta de Pero Vaz de Caminha, quer pelas nossas narrativas anteriores, o que portanto, não nos é licito repetir de novo, muito embora constituam episodios salientes e importantes da vida desse respeitavel religioso franciscano.

Terminada a ceremonia religiosa da missa, proferiu Frei Henrique um eloquente sermão dirigido á tripolação reunida ante o altar, e depois dirigindo-se aos indios, absortos e admirados de tudo quanto viam, destribuiu entre alguns delles insignificantes presentes, que foram recebidos com demonstrações da mais viva satisfação; e esses presentes se repetiram em constantes visitas que o virtuoso sacerdote fez aos pobres selvagens durante os poucos dias da estadia da frota em Porto Seguro.

Os gentios chegaram a familiarisar-se tanto com os religiosos, diz um escripto que temos sob as vistas, e dar-lhes taes provas de contentamento, que de certo teriam conseguido a conversão de muitos delles, se tivessem conhecido a sua lingua, pois elles não sómente demonstravam affeição por Frei Henrique e seus companheiros, como tambem escutavam com toda docilidade suas palavras, beijavam com o maior fervor a santa cruz e davam muitas outras provas, com as quaes demonstravam as melhores disposições para abraçarem o christianismo. Trabalhou Frei Henrique para conseguir de Cabral que os deixasse no Brazil, ou pelo menos a alguns delles, mas não pôde obter nenhuma das duas cousas.

Chegando o dia da partida da esquadra, que foi em um sabbado, 2 de Maio de 1500, em cuja vespera celebrara Frei Henrique, pela segunda vez, o incruento sacrificio, após o levantamento de um alto cruzeiro feito de madeira do paiz pelos carpinteiros de bordo, e em que se viam

que embarcaram na expedição commandada por Pedro Alvares Cabral apresenta o nome de cada um delles, com as suas patentes ou gráos que tinham na religião, e diz peremptoriamente: — « foram oito os que partiram nesta primeira armada, *e se alguem contou menos*, bom será que os numere segunda vez. »

tambem as armas reaes portuguezas, como padrão de assignalamento da posse que Alvares Cabral tomára da terra em nome da corôa de Portugal, despedem-se os religiosos dos indios, e deixam para sempre as plagas brazileiras em demanda das Indias onde os esperava a corôa do martyrio.

A frota portugueza toca em Moçambique, Quilôa e Melinde, em cujos portos se demora por algum tempo, e neste ultimo se entregou Frei Henrique ao exercicio da prédica annunciando a bôa vinda aos povos pagãos, valendo-se para esse mistér de um interprete indiano, que Vasco da Gama levára para Portugal de volta da sua primeira expedição ao Oriente em 1497, e a quem, ao converter-se ao catholicismo, impuzera o nome de Gaspar da Gama no acto do baptismo. Frei Henrique, porém, apezar dos seus esforços e do seu zelo, nada conseguiu senão insultos e despresos, e até mesmo lhe estava reservada a morte traiçoeira, se Alvares Cabral, informado á tempo de um attentado que os infieis tramavam contra elle, não providenciasse de modo a livrar a todos os religiosos do tragico fim a que estavam condemnados.

De Melinde toma novamente a armada o rumo das Indias, e ancora em Anchediva, perto de Gôa, onde nos poucos dias de estadia nessas paragens conseguiu Frei Henrique reduzir vinte e tres indigenas ao christianismo e ministrar-lhes o baptismo.

De Anchediva levanta ancoras a esquadra portugueza, abre as azas ao mar, e vai fundear em Calecut, importante cidade commercial, que dá o seu nome a um reino situado na costa de Malabar, e onde Frei Henrique, graças á liberdade illimitada que obtivera do soberano para pregar por todo o reino a lei evangelica, conseguiu innumeras e prodigiosas conversões, quer directamente por si, quer pelos poucos, mas valerosos e intrepidos companheiros de peregrinação evangelica.

D'entre as conversões que conseguira Frei Henrique, uma, sobretudo, de um *jogui* (anacoreta ou solitario), de grande ascendencia entre a sua gente, e homem dos mais sabios da terra, foi de immensa vantagem pelos bens que produziu. Tendo ouvido aquelle *jogui* — « que se divulgava uma nova fé, foi escutar os religiosos, e depois de algumas conferencias com Frei Henrique, pediu o baptismo, recebendo-o com o nome de Miguel de Santa Maria. A

conversão deste *jogui* foi um motivo poderoso para que muitos dos seus companheiros fizessem outro tanto. A estas conversões seguiram se as dos *nayres*, isto é, dos nobres, e a destes seguiu-se a de grande multidão de povo. »

Quando, porém, tudo annunciava prodigiosa messe naquellas ingratas paragens, fermenta occulta revolta fomentada pelos commerciantes mahometanos, e explodindo de improviso no dia 16 de Dezembro de 1500, cahe furiosa sobre a nascente feitoria installada na cidade, e bem poucos dos portuguezes que então se achavam no estabelecimento logram escapar com vida na tremenda refrega.

Depois, seguem os revoltados gentios para o sitio da missão que os religiosos tinham estabelecido, não muito distante da cidade, atiram-se furiosos sobre elles, barbaramente esquartejam a fios de espada a tres, e assim arrancam-lhes a existencia; e começavam já a praticar tão barbara morte sobre os demais, quando providencialmente chega Alvares Cabral com a sua gente, e ferindo-se então renhida peleja, fogem os indios completamente batidos, mas deixam a Frei Henrique e a quatro de seus companheiros tão cruelmente maltratados, que apenas se podia perceber que ainda tinham vida.

Suffocada a revolta, e vingada condignamente pelos portuguezes as vidas dos seus compatriotas, foram os feridos recolhidos á bordo, e cuidadosamente tratados, conseguiu Frei Henrique, bem como os seus companheiros, a completa cura dos ferimentos que receberam no furioso assalto de que foi victima a sua nascente e prospera missão.

Recolhidos os despojos da feitoria, e deixando vingado o ultrage feito aos portuguezes, partiu Cabral com a sua esquadra para Cochim, não muito distante daquelle theatro de lugubre memoria.

Tinha, porém, precedido aos portuguezes a noticia dos acontecimentos de Calecut, pelo que lhes foi muito difficil conseguir o estabelecimento de relações commerciaes em Cochim; e se não fôra os bons officios de Miguel de Santa Maria, o *jogui* que convertera-se ao christianismo em Calecut, nada absolutamente teriam conseguido. Graças, porém, a sua influencia, começaram os indigenas a familiarisar-se com os portuguezes, e principalmente com os religiosos, de sorte que, chegaram mesmo a lhes conceder completa liberdade para pregar o Evangelho, até mesmo nas ruas e praças da cidade.

Foi sobretudo, em Cochim, que Frei Henrique Soares expandiu com mais fervor o seu zelo apostolico e exhibiu-se o sacerdote christão tal qual os moldes traçados por Jesus.

Effectivamente, no intuito de não gravar com as despezas das suas missões as avultadissimas da armada real portugueza, assentou em esmolar com os quatro companheiros que restavam a caridade publica, batendo em todas as portas, e destribuindo depois, o que ficava livre com os pobres da cidade; facto esse que concorreu immenso para que conquistasse elle as sympathias da população. Mas, o que de um modo eloquente concorreu á pasmar de admiração a esse povo, que bem se póde chamar de selvagem, foi o heroismo, a abnegação e a caridade congenita do sacerdote catholico com que os religiosos se portaram na situação afflictissima de uma epidemia contagiosa que naquella occasião irrompera terrivel, não só na cidade como em grande parte do paiz, — « não poupando elle trabalho nem esforço para attender os pobres infieis, nem descançando noite e dia, servindo os doentes, e até levando os cadaveres sobre os seus hombros para lhes dar sepultura. » — (*) E foi tão avultado o numero de indigenas que procuravam os auxilios christãos dos religiosos, que Frei Henrique, no intuito de melhor attender a corrente, construiu diversas capellas em paragens differentes.

Terminados os negocios do estabelecimento de relações commerciaes dos portuguezes com a praça de Cochim, singraram os navios em obediencia ao seu roteiro de viagem, e todo o povo viu partir com saudade a Frei Henrique e aos seus companheiros de cruzada christã, prestando a todos elles as homenagens da sua gratidão pelos beneficos influxos de caridade que tão heroica e prodigamente recebera delles, principalmente na situação calamitosa e tristissima porque passara no periodo epidemico da cidade.

De Cochim, refere um escriptor antigo, partiram os

(*) *Subsidio historico relativo a Frei Henrique de Coimbra*, por Octavio de Freitas Martins, publicado na *Revista Trimensal do Instituto Historico Brazileiro*, T. LIX (1896) parte I, p. 395—405, cujo trabalho nos tem prestado excellentes subsidios no escripto dos presentes traços biographicos do venerando Frei Henrique.

religiosos com grande fervor a outras partes, em que plantaram nossa santa fé, trazendo a ella milhares de almas, juntamente com o rei de Cananôr e Narsinga, soffrendo por esta causa gravissimos opprobios e combates, até que conseguiram a morte aos fios da espada, no dia 3 de Abril de 1501, escapando sempre com vida o Veneravel Padre Frei Henrique, que os pastoreava, para chronista dos seus innumeraveis trabalhos e gloriosos trophéos. (*)

Depois de tão trabalhosa empreza, em que o heroico guardião dos franciscanos viu perder todos os seus companheiros ás mãos dos infieis, martyres do dever christão e da missão sublime de sacerdotes catholicos, regressa a Portugal com a esquadra e salta em Lisbôa no dia 23 de Julho de 1501, depois de um anno, quatro mezes e quatorze dias que dalli partira.

Frei Henrique Soares teve condigna recepção real, e ao relatar minuciosamente a D. Manoel a historia da sua missão religiosa, manifestou todo o interesse em voltar ás Indias para continuar os seus trabalhos tão bellamente encetados; mas el-rei não o permittiu — « para não se ver assim privado de um subdito, que lhe podia prestar tanta utilidade no bom governo dos seus estados, ainda que não fosse senão pelos seus conselhos, e para tel-o mais perto de si, nomeou-o seu confessor, e lhe confiou diversos negocios, que Frei Henrique desempenhou á satisfação de el-rei. »

Do pontifice romano, que se manifestára *captivado pela prudencia e sabedoria de Frei Henrique*, recebeu tambem condignos testemunhos dessa consideração, entre os quaes a conferencia do cargo de inquisidor geral em Portugal.

Dando sempre cabal desempenho ás incumbencias régias que lhe eram commettidas, prestigiado e respeitado pelas suas virtudes e sabedoria, mereceu a eleição de bispo da diocese africana de Ceuta, e confirmado pelo papa Julio II, recebeu a sua sagração solemne em 1505, mas não partiu logo para tomar posse da mitra episcopal em virtude de importantes missões que lhe foram confiadas na Europa.

(*) Jorge Cardoso, *Agiologio Luzitano*, T. II, p. 403. Lisbôa, 1657.

Effectivamente, em meiado de Dezembro de 1506, partiu D. Frei Henrique para o visinho reino da Hespanha para visitar a soberana desse paiz em nome d'el-rei D. Manoel, e dar-lhe os pezames pelo fallecimento de seu marido el-rei D. Felippe, para o que recebeu instrucções régias datadas de 4 daquelle mez e anno. (*)

Sómente depois do desempenho das varias incumbencias régias que lhe foram commettidas na Europa, e da sua missão diplomatica á Hespanha, foi que D. Frei Henrique tomou posse da sua cadeira episcopal de Ceuta, na qual, porém, não permaneceu por muito tempo. Entretanto, nos poucos annos que lhe coube dirigir o governo diocesano de Ceuta, melhorou muito o serviço do seu bispado, principalmente attendendo ao das missões, que se estendêra consideravelmente pelas costas africanas, sob a zelosa direcção de seus irmãos de habito, os religiosos franciscanos.

Em 1511 já tinha D. Frei Henrique deixado o solio episcopal de Ceuta, estava em Portugal, e lhe coube então desempenhar a incumbencia pontificia de visitar o mosteiro das irmães de Santa Clara, na villa do Conde; e no anno de 1517 partiu para Roma, a chamado do papa Leão X, para fazer um relatorio juridico sobre a morte de Gonçalo Vaz, martyrisado na Africa.

Em que epocha D. Frei Henrique regressou de Roma, se ignora; sabe-se apenas, que em 1528, governava o arcebispado de Lisbôa, e todos esses factos indicam claramente que não voltára mais para a sua diocese.

(*) Sobre o fim e a epocha dessa missão diplomatica de D. Frei Henrique, seguimos de preferencia a lição do Visconde de Santarem, consignada na sua obra — *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo,* — T. II p. 14, nestes termos:

« An. 1506. Dezembro 4 — Capitulos, que El-Rei dêo ao Bispo de Ceuta D. Fr. Henrique, para se governar na visita, que da sua parte ia fazer á Rainha de Castella.

« An. 1506. Dezembro 4 — Instrucções do Senhor Rei D. Manoel ao Bispo de Ceuta para fallar á Rainha de Castella no fallecimento d'El-Rei seu marido. »

A rainha em questão, é a princeza D. Joanna, *a louca*, filha dos reis catholicos Fernando e Izabel, e casada com el-rei D. Felippe, *o formoso*, archiduque d'Austria, prematuramente fallecido no dia 25 de Novembro de 1505.

Consta de alguns autores, que recebera elle a graça do arcebispado de Braga, mas, como diz Frei Fernando da Soledade, — « não chegou a possuir a cadeira primaz de Braga, como escrevem alguns mal informados, porque o apanhou a morte antes que tivesse a confirmação pontificia, como dizem outros, e é mélhor o seu fundamento, porque nós não achamos seu nome no catalogo dos pastores daquella igreja. »

D. Frei Henrique Soares, que na primeira phase de sua existencia attingira á elevada posição social, e abraçando depois a vida ecclesiastica chegára á culminancia de principe da igreja, morreu em avançada idade, honrado e respeitado, na villa de Olivença, em Portugal, aos 4 de Dezembro de 1532, e foi sepultado na igreja da Magdalena.

Tal foi em ligeiro escorço a vida do illustre e respeitavel religioso franciscano, cujo nome fulgura como estrella de primeira grandeza logo nas primeiras paginas da nossa historia patria, e nas dos annaes da igreja catholica na America Portugueza. (*)

F. A. PEREIRA DA COSTA.

(*) O nome de *Frei Henrique* é memorado entre nós no de uma das ruas do bairro de S. José da cidade do Recife, por deliberação da nossa municipalidade em 1870, — *para commemorar o religioso que celebrou a primeira missa na terra da Santa Cruz.*



Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

Acta da sessão solemne de 26 de Janeiro de 1900

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, presentes os Srs. ajudantes de ordens dos Exms. Srs. Dr. Governador do Estado, Commandante do Districto Militar e do Coronel Commandante do 14 Batalhão de infantaria, deputados federaes e estadoaes, lentes da Faculdade de Direito e de Engenharia, officiaes dos corpos de linha e de policia, academicos, jornalistas, distinctas senhoras e grande numero de pessôas gradas da sociedade, verificou-se tambem a presença dos seguintes socios do Instituto: Desembargador Adelino Antonio de Lunha Freire, presidente, Conselheiro João José Pinto Junior, Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade e Major José Domingues Codeceira, vice-presidentes, Drs. Francisco Augusto Pereira da Costa, 2º secretario, occupando a cadeira do 1º, Pedro Celso Uchôa Cavalcante, orador, Sebastião de Vasconcellos Galvão, substituindo o 2º secretario, Gaudino Eudoxio de Britto, thesoureiro, Carlos Porto Carreiro, Luiz José da Silva, Adelino Antonio de Luna Freire Filho, João Baptista Regueira Costa, Manoel Cicero Peregrino da Silva, Henrique Capitulino Pereira de Mello, Joaquim Antonio de Castro Loureiro, Desembargador Luiz de Albuquerque Martins Pereira e dos Srs. Augusto Cesar da Cunha e Manoel de Carvalho Soares Brandão.

O Sr. Presidente depois de breve e bem elaborado discurso, abriu a sessão.

Em seguida deu a palavra ao Dr. Luiz José da Silva, que fazendo o elogio do socio benemerito Major José Domingues Codeceira, offereceu ao Instituto em nome de diversos consocios o retrato do mesmo Major o qual foi immediatamente inaugurado na galluria do Instituto.

O Sr. Major Codeceira, pedindo a palavra, em voz bastante commovida agradeceu a honrosa surpreza que lhe acabavam de fazer seus dignos consocios.

O Sr. Presidente declarou em nome da associação que acceitava com reconhecimento a offerta feita e que o retrato seria conservado em memoria dos valiosos serviços prestados por tão distinctos consocios.

O Sr. Dr. Sebastião Galvão, occupando a cadeira de 1º secretario, leu um excellente e minucioso relatorio do movimento do Instituto durante os dous ultimos annos.

Em seguida occupou a tribuna o Sr. Dr. Pedro Celso que proferio um luminoso discurso analogo a solemnidade commemorativa do anniversario da installação do Instituto e da restauração de Pernambuco do dominio hollandez, concluindo com o elogio dos socios fallecidos nos dous ultimos annos.

Occupou depois a tribuna o socio Dr. Carlos Porto Carreiro que em brilhante discurso tratou especialmente do 4º centenario do descobrimento de Pernambuco por Vicente Yanez Pinzon.

Finalmente fez-se ouvir sobre o mesmo assumpto o Sr. Dr. João Coimbra que correspondeu de modo satisfactorio a espectativa de seus ouvintes.

O Sr. Presidente agradecendo ás pessôas que se dignaram de honrar com a sua presença a festa do Instituto declarou, encerrada a sessão.

Durante o acto duas bandas de musica uma do 14 batalhão de infanteria e outra do 1º corpo de policia fizeram ouvir lindas peças de seus repertorios.

Uma guarda gentilmente prestada pelo Exm. Sr. Governador do Estado fez as honras da festa.

A digna Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes em officio communicou que por motivos justos não podera fazer-se representar.

ADELINO A. DE LUNA FREIRE.
Presidente.

F. A. PEREIRA DA COSTA,
1º Secretario interino.

SEBASTIÃO DE V. GALVÃO.
2º Secretario interino.



DISCURSO

Pronunciado pelo Sr. Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, na sessão solemne do Instituto de 26 de Janeiro de 1900.

Senhores.

Ha dois annos, deste mesmo logar e em festa identica, tive occasião de manifestar-vos meu desanimo, meu abatimento de espirito, sempre que tinha de subir a esta cadeira, occupada outr'ora por varões preclaros de conhecida venerabilidade.

Já então sentia alquebradas as minhas forças tão debilitadas pela edade, e a vista enfraquecida a ponto de ler com difficuldade aquillo que eu proprio escrevia.

Essas tristes condições de minha saúde aggravaram-se ultimamente. Conheço que com passos rapidos me abeiro da eternidade, e que as trevas dos olhos antecederão por pouco tempo as trevas do sepulchro.

Carecia de orgão mais robusto e de voz mais eloquente esta sessão solemne, na qual alem de commemorarmos, na forma do costume, os anniversarios da installação do Instituto Archeologico e da restauração de Pernambuco, devemos occupar vossa attenção com o quarto centenario da descoberta da terra querida que todos estremecemos e a que nos desvanecemos de pertencer.

Pronunciarei desta vez poucas palavras, em cumprimento da lei que nos rege ; em compensação ouvireis illustrados oradores que vos darão conta do movimento dos dois ultimos annos desta modesta aggremiação que desde 1862 tem prestado os mais valiosos serviços a historia patria, como attestam, alem de outros monumentos, os 52 volumes de nossa *Revista*, em que temos tratado de assumptos importantissimos, salvando do esquecimento documentos preciosos e tradições curiosas que estariam em breve inteiramente perdidas.

Ouvireis a narração do muito que temos feito, apezar dos recursos escassos de que dispomos.

Alegar-vos-eis com a numeração feliz dos novos consocios que vieram juntar-se a nossa afanosa perigrinação de 38 annos.

E comnosco vos entristecereis de saudade, ouvindo o necrologio dos socios que nestes dois ultimos annos nos foram roubados pela mão inexoneravel da morte.

Ouvireis, em seguida, a narração dos feitos homericos daquelles que durante os quinze annos da primeira phase de nosso captiveiro, luctaram sem cessar contra os ferozes dominadores de nossa terra e admirareis de novo a historia assombrosa do que praticaram os pernambucanos para a expulsão do vil estrangeiro ao cabo de vinte e quatro annos de atrozes soffrimentos, e entre os heróes da restauração serão pronunciados os nomes veneraveis de Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Camarão e tantos outros entre os quaes, em que pese aos sectarios de uma nova escola de homens ingratos, occupará, em todo tempo, o primeiro plano o immortal João Fernandes Vieira.

A Pernambuco, Senhores, cabe ainda a gloria de uma prioridade historica.

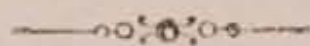
Antes de ser o Brasil descoberto por Pedro Alvares Cabral, em 22 de abril de 1500, Pernambuco que, fazendo parte do continente brasileiro, já havia surgido das aguas quando o resto do mundo ainda se achava submergido no mar universal, Pernambuco já era conhecido desde o dia 26 de janeiro daquelle anno memoravel, no qual o hespanhol Vicente Yanez Pinzon desembarcou com a gente de sua frota, no cabo de Santa Maria da Consolação, depois denominado de Santo Agostinho neste Estado.

O Instituto Archeologico, ao aproximar-se o quarto centenario desse magno acontecimento, resolveu, como lhe cumpria, tratar profundamente do assumpto, e encarregar-se da propaganda de um facto ainda pouco conhecido, nomeando para esse fim uma commissão especial.

Nesse intuito mandou publicar um excellente trabalho de seu illustrado socio Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, cunhar medalha commemorativa do feito e adoptará outras demonstrações que o perpetuem, servindo-se para esse fim da subvenção patriotica concedida pelo Congresso do Estado.

Por fim subirá á tribuna o nosso illustre consocio Dr. Carlos Porto Carreiro, uma de nossas glorias litterarias, incumbido de tratar especialmente desse ponto importantissimo de nossa historia.

Está aberta a sessão.



RELATORIO

Do 1° Secretario interino, lido em sessão solemne do Instituto, a 27 de Janeiro de 1900.

Meus Senhores.

Coube-me, este anno, no impedimento do muito digno e illustre 1° Secretarto desta patriotica Associação, a grata e honrosa incumbencia de inventariar o passado de quanto em seu gremio deu-se, e, portanto, narrar-vos, como os estatutos ordenam, o que de mais notavel occorreu entre nós, desde 27 de Janeiro de 1898 até hoje, afim de que o futuro historiador possa encontrar nesta exposição, como já o ha feito em outras, a proveitosa utilidade destes fastidiosos registros que são, sem duvida, uma parte dos annaes da humanidade.

A esteril exposição das idéas e dos factos, sem as louçanias da linguagem, depressa traz o cansaço da attenção. Conscio, pois, de não possuir a bella e galharda roupagem com que sempre reveste todas as suas expressões e dá magnifica fórma a todos os seus pensamentos, aquelle a quem, só provisoriamente, agora substitúo, breve serei no cumprimento de minha missão, sem que prejudique entretanto de nenhum modo, a successão dos acontecimentos.

Agora ao que me é dever pelos estatutos :

Em 15 de Fevereiro de 1898 reuniu-se o Instituto em assembléa geral e procedeu a eleição de sua meza administrativa, e das differentes commissões da Associação, do anno academico de 1898 a 1899, cujos membros tomaram posse de seus cargos, em 1 de Abril seguinte, com excepção, do presidente eleito, o Desembargador Manoel Clementino Carneiro da Cunha, que, em officio solicitou sua dispensa, em face de graves encommodos de saúde, de que

veio depois a finar-se; e do thesoureiro Manoel Gomes de Mattos, que tambem pedio escusa de sua reeleição, allegando justas razões. Attendendo-os o Instituto conferiu o honroso posto de seu presidente ao nosso actual, o Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, e elegeu para thesoureiro, ao digno consocio Dr. Gaudino Eudoxio de Britto.

A meza administrativa actual, porém, bem como os membros de que se compõem as suas differentes commissões, cujo mandato está a terminar, foi reeleita toda em sessão de assembléa geral, em 9 de Março de 1899, sendo empossada a 2 de Abril.

Na tarde de 3 de Fevereiro de 1898, em solemne procissão civica, promovida pelo Instituto, á qual se associou o povo, foram trasladados para o Cemiterio Publico, afim de serem depositados em jazigo, especialmente construido para tal fim, os restos mortaes do arrojado tribuno e patriota pernambucano, o Desembargador Joaquim Nunes Machado, sacrificada victima da rebelião praeira de 1848, de que tornou-se o chefe mais proeminente. Quasi abandonados, desde ha muito, aquelles preciosos restos, foram elles recolhidos pelo Instituto, por indicação do nosso venerando consocio o major José Domingues Codeceira, realisando-se antes, pela manhã desse mesmo dia, na matriz de Santo Antonio uma cerimonia funebre, que foi seguida de immenso cortejo de povo até o local, no largo da Soledade, onde justamente cahira fulminado pelo raio da morte, aquelle legendario vulto, e sentou-se no sitio do acontecimento uma lapida commemorativa com a seguinte inscripção: — NESTE LOCAL FOI MORTO EM COMBATE DO DIA 2 DE FEVEREIRO DE 1849 O GRANDE PATRIOTA JOAQUIM NUNES MACHADO DEFENDENDO AS LIBERDADES PATRIAS, POSTERGADAS PELA POLITICA DO SEGUNDO IMPERIO. — HOMENAGEM DO POVO PERNAMBUCANO. — EM 3 DE FEVEREIRO DE 1898.

Foi um tributo de justa e merecida homenagem a que prestou o Instituto e o povo, áquelle heróe, querendo mostrar assim que os homens superiores passam pela terra, mas deixam a admiração das turbas!

Em sessão de 15 de Fevereiro do mesmo anno, desempenhado-se da commissão para que fôra nomeado, o Dr. Alfredo Carvalho, com a competencia que mais de uma vez deu provas entre nós, apresentou o plano sobre o qual deve ser escripto o trabalho projectado pelo Instituto e denominado — *Memorias para a Historia de Pernambuco.* E' um serviço bem meditado e consciencioso esse, e pena é que o Instituto, até agora, para realisal-o, nada tivesse feito, embora precise vencer enormes difficuldades! E' necessario fazel-o, impõe-se ao nosso patriotismo que a historia de Pernambuco, a mais gloriosa de todas da nação brasileira, seja escripta, desde já, ou pelo menos que todo o material esteja reunido, para os que vierem depois de nós poderem escrevel-a.

Em 28 de Julho foi inaugurado na galeria de retratos do Instituto, o de seu actual presidente e socio benemerito, o Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, offerecido e tirado a oleo pelo habil artista o Sr. Odilon Tucuman.

Assás grata para a Associação uma tal offerenda, pelo muito que lhe merece tão digno associado, tambem aqui outra vez, consigno, como signal de apreço, aquelle facto já mencionado em uma das actas das sessões do Instituto.

Em sessão daquella mesma data, o Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, leu um trabalho seu intitulado —*Memoria justificativa do direito de propriedade que assiste á Municipalidade do Recife sobre o edificio em que funcciona o forum da mesma cidade.* O Instituto approvou a parte historica e narrativa das circumstancias dadas para a construcção daquelle edificio, deixando, porém, de tomar parte quanto a questão de direito, e sobre a conclusão do autor do referido trabalho, por não considerar-se competente, visto exceder do objecto e fins de sua instituição.

Em reunião ordinaria de 1 de Setembro, depois de

largas considerações, o mesmo illustre Dr. Pereira da Costa, infatigavel trabalhador do nosso gremio e o do nosso meio litterario, propoz que o Instituto festejasse o 4º centenario da descoberta de Pernambuco, occorrida em 26 de Janeiro de 1500, cuja data, estabelecida a posterior alteração do calendario, é equivalente hoje a 5 de Fevereiro, que similhante festa tivesse o esplendor possivel, podendo entre outras lembrar sobretudo — erigir-se, no Cabo de Santo Agostinho, local em que naquelle dia saltou Vicente Yanez Pinzon com sua marinhagem,—um monumento commemorativo, a cunhagem de 1,500 medalhas allusivas ao anno do descobrimento, e uma polyanthéa composta de escriptos de nacionaes e estrangeiros que trataram do assumpto. Accrescentou em seguida que o Rvm. Provincial do Carmo, Frei Marianno do Monte Carmello Gordon, offerecera seu concurso no concernente á obtenção de novos dados, possiveis unicamente de serem colhidos na Hespanha, quer sobre o facto, quer sobre Vicente Pinzon, cujos descendentes constituem ainda hoje importante familia naquelle paiz, offerecendo ainda como um concurso á festa, celebrar na egreja de seu convento, um solemne *Te Deum*, em acção de graças pelo memoravel acontecimento.

O Instituto nomeou commissões para tratar do assumpto da proposta.

E realmente, como disse muito bem o distincto professor de historia, João Capistrano de Abreu, — « com os documentos de que dispomos, é incontestavel que o descobrimento do Brazil foi em 1500. E foram os hespanhoes que o descobriram, porque Cabral viu terra mais de meado de Abril, Pinzon viu-a em Janeiro e Diogo de Lepe, quando Cabral nem ainda percebera signaes de terra, já dobrara o Cabo de Santo Agostinho para o sul, e tornava para o norte. Esta é a solução chronologica. A solução sociologica é differente; nada devemos aos hespanhoes, nada influiram sobre nossa vida primitiva, prendem-se muito menos á nossa historia do que os francezes. Sociologicamente fallando os descobridores do Brazil foram os portuguezes. Nelles inicia-se a nossa historia; por elles se continua por seculos; á elles se deve principalmente os esforços que produziram uma nação moderna e civilisada, em territorio antes povoado e percorrido por bronças tribus nomadas. » Sim, por amor á chronica, Pernambuco póde

e deve festejar o dia 26 de Janeiro, sem que lhe deixe de ficar por isso a obrigação ainda de associar-se á todas as solemnidades da Nação, de 3 de Maio, quando Cabral descobriu o Brazil pela terra que então chamou da *Vera-Cruz*.

Em sessão solemne de 29 de Abril de 1899, com a presença do Exm. Sr. Dr. Governador do Estado, do General Commandante do Districto, dos corpos da guarnição federal, batalhões estaduaes, crescida concurrencia de convidados e mais pessôas que, expontaneamente, compareceram, recebeu o Instituto, por offerta do 14 Batalhão de Infantaria, as reliquias da bandeira que servira a esse batalhão na lucta de Canudos, sendo então a entrega feita em eloquentes e patrioticas expressões, proferidas pelo Exm. Sr. General Arthur Oscar, ás quaes respondeu o orador do Instituto.

Deliberada a reforma dos nossos Estatutos em sessão de 25 de Maio, nas duas sessões de assembléa geral, de 8 de Julho e 17 de Agosto, foram approvadas as disposições que, presentemente, nos dirigem.

Nessa mesma sessão de 25 de Maio, o Dr. Pereira da Costa leu um protesto publicado no jornal *Progresso*, de Santa Catharina contra os brindes feitos na capital de Minas Geraes, entre os Drs. Campos Salles, presidente da Republica, e o Dr. Silviano Brandão, presidente daquelle importante Estado, no qual era saudado esse mesmo Estado como a terra do primeiro martyr republicano, se esquecendo alli caber semelhante prioridade republicana á Pernambuco. Egualmente exhibiu o major Codeceira numeros do jornal *O Paiz* do Rio de Janeiro, onde era tambem feito semelhante protesto em favor de Pernambuco. Em seguida ainda o referido major apresentou, em manuscripto, outro trabalho seu sobre a ideia republicana, resposta aos alludidos brindes, ao qual denominou *Os Precursores da Republica*, deliberando o Instituto que fosse impresso por conta sua.

Havendo o Instituto Litterario Olindense levantado a idéa de ser erigido um monumento, na antiga capital pernambucana, no mesmo sitio do antigo Senado, onde Bernardo Vieira de Mello em 10 de Novembro de 1710, propuzera em plena sessão do mesmo, que a capitania fosse declarada em *Republica ad instar de Veneza*, este Instituto, associado áquelle, em 10 de Novembro proximo findo, assistiu ao assentamento da pedra fundamental do projectado monumento, sendo distribuido em tal dia um numero especial de um jornal sob o titulo —*Bernardo Vieira de Mello* dedicados, exclusivamente, todos os seus artigos, ao assumpto que se commemorava.

Varias offertas importantes foram feitas ao Instituto, entre as quaes avultam: — A collecção completa do *Annuario do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro*, pelo Sr. Luiz Crulls. Um retrato a oleo do finado Marquez de Olinda, offerecido do Rio de Janeiro pelo socio fundador do Instituto, o Dr. Joaquim Pires Machado Portella, por intermedio do major Codeceira. Uma medalha de ouro, com a inscripção *Amor e Fraternidade*, cunhada em 1890 e offerecida pelo Conselheiro Joaquim Correia de Araujo. Uma moeda de prata, hespanhola e antiga, achada n'uma escavação do antigo palacio episcopal de Olinda, e offertada pelo nosso consocio o Deão da Sé, Monsenhor Antonio Fabricio de Araujo Pereira. Uma medalha, cunhada em 1843, commemorativa do casamento de D. Pedro II, ex-imperador do Brazil, offertada pelo consocio major José Domingues Codeceira.

Rareadas annualmente as nossas fileiras pelo fatal sopro da morte forçoso é que tambem sejam annualmente reforçadas com a acquisição de novos combatentes. Declino os nomes dos cavalleiros ultimamente inscriptos em nossos quadros:

SOCIOS HONORARIOS

O Monsenhor D. Joaquim Arco Verde, actual arcebispo do Rio de Janeiro.

O Barão Homem de Mello, litterato brasileiro, sobretudo distinguindo se em trabalhos de historia e geographia.

O Conselheiro Jayme Constantino de Freitas Muniz, secretario da Academia de Sciencias de Lisbôa.

SOCIOS CORRESPONDENTES

Dr. Samuel Bliscen, litterato Uruguayano.

Dr. Alexandre José de Mello Moraes Filho, historiador e litterato.

Dr. J. F. Xavier da Veiga, autor das *Ephemerides Mineiras.*

Dr. Julio Meili, autor de varios e importantes trabalhos sobre numismatica brasileira.

Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Black, autor do *Diccionario Bibliographico Brasileiro.*

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, actual director da Bibliotheca Nacional, litterato distincto e autor das *Ephemerides Nacionaes.*

General Arthur Oscar de Andrade Guimarães.

Dr. Herman Von Hering, actual director do Museu Paulista, e autor de varios trabalhos scientificos.

Dr. Luiz Cruls, director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro.

Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo Junior, litterato brasileiro.

Augusto Duprat, da Academia de Sciencias de Londres.

Coronel Joaquim Silverio de Azevedo Pimentel, autor do livro *Episodios Militares.*

Dr. Jhon Carls Branner, autor de varios trabalhos scientificos, especialmente sobre geologia de Pernambuco.

SOCIOS EFFECTIVOS

Monsenhor Thuribio Tertuliano Fiuza.

Coronel Eugenio de Mello.

Dr. Alfredo Arnobio Marques.

Dr. João do Rego Barros.

Dr. Elpidio de Figueiredo Abrêo e Lima.

Conego Cassimiro Teixeira Dias.

Dr. Francisco Phaelante da Camara Lima.
Dr. José Octavio de Freitas.
Dr. Pergentino Saraiva de Araujo Galvão.
Dr. João Vicente da Silva Costa Junior.
Dr. João Coimbra.

Désta vez ainda o anjo da morte riscou do quadro de nossos consocios para inscrevel-os na sombria pagina do livro da tremenda eternidade, os seguintes nomes:

Dr. Carlos Eugenio Duarche Mavignier, a 17 de Fevereiro de 1898.

Desembargador Miguel Archaujo Monteiro de Andrade, em igual data.

Conde de Santo Agostinho e Arcebispo de Darnis, D. José Pereira da Silva Barros, em 17 de Abril de 1898.

Dr. Arminio Coriolano Tavares dos Santos, em 7 de Maio de 1898.

Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina, a 8 do mesmo mez e anno.

Conselheiro Luiz Felippe de Souza Leão, a 31 de Agosto do mesmo anno.

Barão de Caiará, Dr. Augusto de Souza Leão, a 4 de Setembro do mesmo anno.

Desembargador Manoel Clementino Carneiro da Cunha, a 5 de Fevereiro de 1899.

Dr. Francisco Amyuthas da Costa Barros, em 22 de Fevereiro do mesmo anno.

João Alves Mendes da Silva.

Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão, em 4 de Setembro do mesmo anno.

E o Dr. Manoel Joaquim de Andrade Luna, em 15 de Janeiro corrente.

Daqui ha momentos tereis de ouvir a palavra do vosso eloquente orador, fazendo conhecer ao tão selecto auditorio que nos honra, a profunda magua de que se possue o Instituto pela dolorosa perda de tão uteis collaboradores nossos; e por outro lado, a nós todos os bons attributos que aquelles amigos possuiram, e as suas virtudes publicas e privadas.

Actualmente possue a Associação :

Socios effectivos........................	87
Socios honorarios........................	52
Socios correspondentes.................	113
Socios benemeritos......................	6
Socios Protectores, nenhum..........	

Na assembléa geral que em 15 de Fevereiro proximo deve reunir-se, vos será apresentado o orçamento da receita e despeza do anno social de 1899 a 1900, para ser discutido na seguinte reunião, como determinam os estatutos.

Muito agradavel me é dizer-vos que o nosso Instituto continúa a manter as melhores relações com as academias, museus e associações scientificas nacionaes e estrangeiras, dando-lhe constantemente, cada uma dellas as mais subidas provas de consideração e apreço em que o tem. Assim, credor desta distincção conquistada, esforça-se elle não só por mantel-a, como por mais amplial-a, já na sua correspondencia, já não deixando de remetter cuidadosamente todas as publicações que faz.

Continuamos a merecer o conceito que de nós fazem os elevados poderes da União, do Estado e do Municipio, pelos serviços que temos prestado e os bens que de nós se esperam. Entretanto, como tudo está sugeito á lei da morte e do desapparecimento, e o Instituto apezar da robusta, estrenue perseverança e coragem daquelles que o tem mantido até hoje, por 37 annos, póde ceder a essa lei; e como o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, guarda zeloso das gloriosas tradições da patria, archivo de preciosidades, de livros de grandes licções para os vindouros, e que pelo molde de sua indole deve durar por seculos; é necessario, impõe-se ao nosso patriotismo que, a similhança do Instituto Historico e Geographico da Bahia

seja considerado em lei especial uma associação de interesse publico. Si pôr infelicidade, si por desgraça nossa mesmo viésse a cahir, si uma sociedade corajosa como a nossa fraquejasse e não se podesse dirigir mais, o governo faria delle um archivo publico, e assim estaria tudo salvo, salvas preciosissimas reliquias, não seriam perdidos os esforços de tão longos annos, nessa hypothese, não absurda, mas sim, natural.

Meus Senhores, aqui me detenho pedindo-vos para as lacunas e imperfeições do meu hnmilde trabalho a benevolencia vossa, da qual já uma parte concedestes honrando-me com generosa attenção.

SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO.

DISCURSO

Proferido no dia 26 de Janeiro de 1900, por occasião de iuaugurar-se no salão de honra, o retrato do venerando socio benemerito Major José Domingues Codeceira, pelo socio Dr. Luiz José da Silva.

Illustrado auditorio.

Não é a vaidade de exhibir aqui dotes e prédicados, que não possúo, nem a louca pretenção de, nesta tribuna. fruir glorias unicamente devidas aos que por sua notavel intelligencia, reconhecido saber, todas as vezes que á ella se approximam, tornam-se credores de merecidos louvores de enthusiasticos applausos como justamente serão dispensados aos provectos e posteriores oradores.

Não. Sinceramente vos affirmo não serem estes os meus designios no actual momento, nem tão pouco o objectivo que me impelle, timido e receioso, desconhecendo a real insufficiencia, ousar ante vós balbuciar desalinhadas phrases, moduladas pela minha humilde palavra sem os atavios da arrebatadora eloquencia, filha dos perfumes do aprimorado e christalino estylo destes inspirados engenhos que daqui a pouco, em grande copia, devem inebriar-vos com as harmonias de suas bem elaboradas orações.

Sem duvida, a minha presença neste festival não se justifica por taes sentimentos, e sim, sómente para realisar o cumprimento de um dever imposto pela sincera amizade, estima e respeito que ha muito tempo dedico ao nosso venerando e nobilissimo presidente, o Exm. Sr. Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire, que olvidando a escassez dos indispensaveis requisitos para sufficientemente satisfazer o seu *mandactum*, determinou, apezar dos meus tenues e fraquissimos recursos, viesse eu, por alguns instantes, abusar da vossa benevolencia.

Assim, pois, sêde indulgentes.

***

Neste immenso oceano a que chamamos mundo, exis-

tem duas religiões, igualmente espirituaes; ambas necessarias: a religião da fé e a religião do entendimento.

Nas grandes afflicções, tormentosas angustias, infinitos pesares, constantes martyrios, originados da quotidiana luta pela vida, só ha duas consolações tambem grandes, balsamo divino: crer e saber; que lenitivam as cruciantes dores da nossa amargurada existencia.

E' por isso que os dous maiores thezouros da humanidade têm sido e serão eternamente a *religião* e a *sciencia*.

A religião da fé, como perfeitamente sabeis, tem confessores, martyres, apostolos, evangelistas e doutores. A religião da sciencia tambem possue benemeritos, heróes e bemaventurados.

Embora momentaneamente muitas vezes o fanatismo e a impiedade destruam os liámes com que estreitamente se prendem a fé e a razão, o dogma e a sciencia.

Não ha entre ellas antagonismo. Não ha contradicção.

***

A Igreja ornamenta-se de pomposas galas, entôa celestiaes hymnos em honra dos prodigiosos feitos de seus dilectos filhos, factores de estupendos triumphos, glorificadores do christianismo, combatentes sem descanço, de todos os mementos, dia e noite, penetrando por encapellados mares até os confins do globo, não temendo a morte, impavidos affrontando maximos rigores, crueis adversidades, enchugando lagrimas, aliviando dores, mitigando soffrimentos, quer aos poderosos da terra, quer aos desgraçados e numerosos filhos do infortunio, ungindo a todos com o delicioso nectar da carinhosa doutrina do seu Divino Mestre.

Os templos da sciencia, das artes e das industrias, tambem se revestem de valiosas louçanias, riquissimos adórnos para commemorar, conforme este Instituto hoje effectúa, as grandiosas acções, o impetuoso proceder de seus heróes, dos seus martyres, dos seus evangelistas, inclitos defensores da patria, que já são idos e que la na eterna morada em perennes extasis, elevam a Deus, entre as aspiraes do incenso da sua gratidão, uma prece por amor dos seus pósteros.

Porem, meus senhores, se os distinctos membros do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, pra-

ticando dest'arte, patenteiam robustas provas dos altos fins da sua creação e aos que está destinado, bem merecem de seus conterraneos, não menos dignos e credores são dos encomios de todos, quando procura, na medida de suas forças, prestar justas homenagens a aquelle consocio que, em virtude do reconhecido talento, saber, honra, honestidade, probidade e excessiva modestia, é o *primus inter pares* desta nobilissima instituição, benemerito protector, de elevada cathegoria nos seus conselhos, saliente por excellentes e primorosos trabalhos nos quaes se revela constante e accerrimo propugnador dos immensos, extraordinarios e admiraveis factos da grandiosa historia da terra que lhe foi berço, onde seus olhos viram pela vez primeira essa luz que se tem enfraquecido nos continuados e laboriosos estudos relisados pelo estremecido amor de sua querida e adorada patria.

Illustre varão, que no perpassar de oitenta annos, ha marcado os dias de sua preciosa existencia (que desejo muito mais longa) por fidalgas praticas, todas assignaladas pela correcta orientação peculiar a esses espiritos fortes sempre promptos para a luta da acquisição do bem em prol da humadidade.

Não quizera já declinar o seu nome, mas descubro que vossos labios, com as santas alegrias dos vossos bem formados corações o estão pronunciando *soto voce* e assim não posso demorar-me em traduzir as vossas intenções, declarando que os meus dizeres se referem ao nosso respeitavel vice presidente o Sr. Major José Domingues Codeceira, que hoje recebe sua apotheose na inauguração do seu retrato na galeria deste Instituto, que lhe é assaz caro e que será reverentemente guardado com carinhoso affecto e zelo, bem como todos estes dos notaveis personagens para nossa constante lembrança e proveitoso exemplo das gerações vindouras.

Ainda ha pouco, dizia eu, que os dous thezouros de superior valia da humanidade eram a *Religião* e e *Sciencia*. *Crer* e *Saber*, e temos, meus senhores, em José Domingues Codeceira a prova provada desta asserção.

Nascido em 8 de Março de 1820, teve de seus progenitores os mais ternos carinhos. Sua infancia, deslisa-se entre os desvelos de uma amante e bôa mãe, exemplar, distincta senhora, perfeitamente educada nos divinos preceitos do martyr do Golgotha. Ella não perde um mo-

mento no preparo de todas as virtudes domesticas do filho, que tanto estremece não destoando por esta forma o habitual das mães brazileiras.

Esse filho, que ella adora, que adevinha será mais tarde um predestinado para elevar bem alto o renome de seus descendentes, vulgarisar os gloriosos feitos de preclaros filhos desta terra envolvidos no pó do esquecimento.

Esta predestinação verifica-se. A Exma. Sra. D. Francisca Joaquina dos Anjos, assim chamava-se a virtuosa mãe do digno consocio, possuidora de eminentes qualidades, concentrava em si, conforme os dizeres de um notavel escriptor: a formosura que em tudo sorri, a caridade que tudo cura, a fé que communica-se perpetuamente com o céo, tudo envidou para que, o penhor dos seus santos amores, se nutrisse e se desenvolvesse nas divinas regras da religião e da moral, fazendo crer em Deus, como nosso supremo bem e nossa vida. Sem Elle, o seu ensino seria um effeito sem causa, um céo sem estrellas, porque Deus, na phraze de um eminente pensador, é a suprema palavra que tudo explica, o ser que tudo contem, o eterno sol da natureza e do espirito.

E assim, meus senhores, volveram-se os primeiros tempos da juventude do nosso benemerito consocio.

Completado o estudo das primeiras lettras, emprehende o de humanidades com louvavel dedicação, no decidido empenho de adquirir os precisos meios para descortinar os segredos das sciencias.

Muito embora, elle saiba que isto depende de insanos labores, de severas pesquisas, continuos combates, arduas indagações.

Não importa: nada diminue o seu desejo.

O joven Codeceira não ignora que o homem traz o cunho do meio onde nasceu. O Brazil, ainda infantil nação, póde figurar no pantheon das lettras; que nenhum paiz do mundo terá melhor porvir, de vastissimo e uberrimo territorio que unicamente precisa de trabalho bem entendido e executado para tornar-se um dos mais bellos do universo. Cortado de magestosos rios, dividido por immensas cadeias de montanhas, replecto de magnificas florestas onde resôam os melodiosos canticos de innumeros trovadores alados, de variegada plumagem, flora e fauna de riqueza sem igual, necessitando unicamente de dous energicos incentivos: trabalho e paz.

Sim, o joven Codeceira, igualmente não desconhece que a sciencia, essa montanha negra do paiz de Lahor, de accesso assaz penoso, escabrosa, cheia de espinhos, mas que chegando-se ao vertice descobre-se o delicioso vale de Cachemira.

***

As emigrações dos povos, obedecem a uma constante lei, inexoravel e imperativa; assim Portugal della não podia estar isento.

Necessitava descobrir mais pujante e vasto territorio que o proprio, uma nova patria para seus filhos.

A Providencia revelou-se na sublime perseverança de Colombo, no occasional desvio de Cabral. Os intentos dos subditos de D. Manoel, estavam realisados. —O Brazil foi descoberto. Este auspicioso acontecimento, inicio dessa corrente emigratoria em busca da nova terra, onde a par das esplendidas magnificencias da natureza, encontrassem os Portuguezes amplo campo para o desenvolvimento de sua actividade.

Não foi sem providencial destino que os olhos enthusiastas do audacioso e immortal marinheiro genovez depararam as plagas do novo mundo, que elles não procuravam.

Não foi um mero capricho da fortuna de Pedro Alvares Cabral, mostrando lhe em bôa hora a inesperada e portentosa região brazileira.

O Sr. Custodio Domingues Codeceira, pai do nosso venerando consocio, pertenceu a essa colonia portugueza que ha encontrado na terra pernambucana uma segunda mãe que lhe tem prodigalisado immensas prosperidades originadas do seu constante labor.

O Sr. Custodio Codeceira era commerciante, e assim quando o joven Codeceira preparava-se para o inicio de seu *desideratum* elle o destina para igual profissão.

Se o pai é, segunde exprime-se uma autorisada voz : a razão que ordena, o pensamento que ensina, a autoridade que encaminha, o amparo providencial, a força protectora, o nome que symbolisa a familia. O que fazer? Obedecer. E obedece o nosso consocio a determinação paterna. Entrega-se as lidas da carreira commercial, porém jamais olvida o livro, continuando sempre na crença religiosa de seus maiores, sempre enriquecendo o espirito por meio de

um acurado e proveitoso estudo, cujos sazonados fructos, tem esplendorosamente illuminado os annaes deste Instituto.

Eis, meus senhores, os proveitosos resultados da religião da fé e da religião do entendimento.

Assim, pois, o Sr. Major José Domingues Codeceira recebe hoje de seus collegas deste Instituto, que tanto lhe deve, a consagração destes dous grandes sentimentos que exornam o seu bello caracter.

Em nome do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, offereço-lhe o seu retrato, como uma sincera prova da immensa estima em que o tem.

Elle alli perdurará para servir de emulação, excitamento e nobres estimulos ás gerações vindouras aos nossos substitutos, aos que mostrarem-se dignos de occupar estas cadeiras, afim de que, zelosos pelos creditos desta instituição trabalhem com afinco a bem do seu indispensavel engrandecimento conforme operosamente pratica o seu original adiantado em annos tendo por divisa : — *Tudo por Deus, Patria e Liberdade.*

Liberdade, sim, igualdade e fraternidade, respeitada e executada; primeiro, pelos que governam, tendo por base o codigo evangelico, a religião dos desherdados, dos desvalidos. Liberdade, sim, e justiça tendo por ideia fundamental o direito de cada um, como synthese de todas as leis da personalidade humana. *Crer* e *Saber*, para que exista sabedoria nas determinações dos que mandam consultando sempre o bem da communidade, real e legitimo, e não imaginario, phantaseado pelas mesquinhas paixões individuaes ou das parcialidades. *Crer* e *Saber*, para que exalte-se e anime o homem de talento de qualquer condição social. *Crer* e *Saber*, para que haja trabalho, trabalho compensado.

Crer e *Saber* para levar luz até as ultimas extratificações para difundir a liberdade do credito, do commercio, das industrias, das artes, de modo que, os povos em fraternal amplexo sejam amparados pela justiça ridente, como o brilhante astro do dia em um céo sem nuvens e as gerações futuras firmando-se em vossas crenças, em vosso saber aproveitem todas as forças da natureza, em beneficio do collectivismo tendo em seus corações a chama ardente da fé alliada aos sublimes fulgores da sciencia.

DISCURSO

Proferido na sessão magna celebrada pelo Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em 26 de Janeiro de 1900, pelo orador Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcante.

Exm. Sr. Presidente!

Meus Senhores!

Não ha muito, coube-me a honra de, na qualidade de orador deste Instituto, represental-o na imponente solemnidade em que lhe foi confiado á guarda o estandarte victorioso em torno do qual, e sob cujo influxo, soldados pernambucanos foram, nos impervios sertões bahianos, mais uma vez avivar com o seu sangue o sello da exemplar bravura que os traz assignalados desde o alvorecer dos tempos coloniaes.

Foi-me então dado o ensejo de certificar-me de que, por mais pomposa e magnificente que seja a festividade destinada a commemorar um feito patriotico que os nossos corações alenta e envaidece, — a insufficiencia de um orador humilde encontra sempre amplo e seguro refugio na communhão e solidariedade de sentimentos, que é a feição caracteristica dessas publicas manifestações ao mesmo passo que constitue o seu mais vivo esplendor e a sua maior belleza.

Nessa confiança que me anima, tendes a explicação de minha temeridade, acceitando o encargo de dirigir-vos a palavra em nome do Instituto, na sua solemnidade de hoje.

Meus Senhores! Foi a 26 de Janeiro de 1654, após uma serie brilhantissima de feitos heroicos (que mereceram do notavel escriptor portuguez Oliveira Martins o honroso epitheto de *Nova Illiada*), que para sempre o valor pernambucano sacudio o jugo da dominação bátava, e de-

cidio assim da constituição definitiva do caracter nacional brazileiro, com a victoria de nossa raça, de nossa religião, de nossa lingua e de nossos costumes.

Mas foi propriamente no dia 27 do mesmo mez e anno que as tropas victoriosas fizeram a sua entrada triumphal pelas ruas da bella Mauricéa ao clangor percuciente das fanfarras, ao som de festivos hymnos marciaes, e por entre as acclamações delirantes de um povo inebriado pelo vinho capitoso da liberdade, então vertido a flux sobre milhares de corações della sequiosos.

Foi este o dia escolhido pelos fundadores do Instituto para a sua installação e é nelle que o mesmo costuma celebrar a sua festa anniversaria; se o faz hoje, no dia 26, é que, coincindindo esta ultima data em que se operou a rendição dos Hollandezes (definitivamente completada no dia seguinte), com o quarto centenario do descobrimento de Pernambuco, foi julgado de melhor alvitre que as duas festas se dessem as mãos e que uma lançasse sobre a outra o seu fulgido reflexo.

Ao relembrar-vos hoje o glorioso termino da invasão hollandeza, não me passa pela mente a pretenção de desenrolar perante vós a grandiosa téla onde se estampam as lutas gigantescas daquella geração nobre e varonil que com tanta bizarria e desassombro soube, em lances epicos de inexcedivel patriotismo, rechaçar e vencer a primeira potencia maritima do seculo dezesete.

Outros que se aventurem a tão arrojada empreza; a tenacidade de tão dilatada resistencia, o valor e heroismo dos vultos legendarios que se immortalisaram naquella campanha que parecia sem fim (e sel-o-ia de certo, se o anjo da victoria não se tivesse decidido alfim pelos nossos), os prodigios operados pelo patriotismo e amor da liberdade que inflammavam aquelles peitos viris de lutadores serenos e indomaveis: — não se relatam senão com a penna tersa e vibrante de um Plutarcho, embebida na eloquencia magestatica de Hugo!

Se, todavia, não vos posso referir inda que em breves traços, a epopéa dessa luta honrosissima para o Brazil, e em particular para Pernambuco, seja-me permittido ao menos pronunciar bem alto os nomes: de João Fernandes Vieira, cerebro que apparelhou e dirigiu o grande movimento; do valoroso Camarão, que symbolisa o arrojo e a dedicação em sua mais nobre e pura essencia; do indefesso

Henrique Dias, «dez vezes ferido e dez vezes renascendo do proprio sangue»; e, por fim, do altivo André Vidal de Negreiros, o genuino representante da nobreza colonial, em sua temeridade cavalheiresca.

A estes basta juntar o nome do inclyto mestre de campo general Francisco Barretto de Menezes, um dos immortaes heróes dos Montes Guararapes, para que fique devidamente representado em individualidades o glorioso feito que hoje commemoramos.

Assim como a historia da humanidade se pode resumir nos nomes dos grandes homens que a illustraram pelo seu saber, valor, talento e virtudes, ou pela influencia decisiva que exerceram sobre o seu seculo ao ponto de encherem-n'o com a sua memoria: — do mesmo modo a historia da libertação de Pernambuco do jugo hollandez se acha compendiada nos nomes daquelles bravos que disputaram dia a dia, palmo a palmo, haurindo na santidade da causa um alento sempre novo, o solo da bella patria que se lhes desenhava radiante e promittente, como estrella adamantina a tremeluzir por entre nuvens borrascosas!

E, senhores, tratava-se effectivamente naquelle augusto momento historico, da formação da patria brazileira que havia de sahir pujante da elaboração simultanea de tão variados elementos, para constituir-se em 1822 a grande nação sul americana a que, apezar das vicissitudes por que tem passado, nos devemos orgulhar de pertencer.

Como bem nos diz o nosso illustre consocio, o eminente homem de lettras M. de Oliveira Lima, em sua obra *Pernambuco, seu desenvolvimento historico*: — «Na sedição pernambucana apresenta-se-nos ainda separados, porém n'uma completa harmonia de intenção, os elementos componentes do brazileiro.»

De feito, alli nós vêmos alliados no mesmo pensamento, afagando o mesmo ideial, rivalisando no mesmo decidido empenho: o portuguez João Fernandes Vieira, o indio Felippe Camarão e o negro Henrique Dias.

Seria interessante, senhores, investigar, por outra parte, quaes os effeitos da longa occupação de Pernambuco pelos hollandezes, sob os pontos de vista material e moral: — não para fazer-lhes a injustiça de consideral-os totalmente máos e indignos da nossa generosidade de vencedores; — não, tão pouco, para cahir em extase ante as obras d'arte com que o principe Mauricio de Nassau dotou

esta formosa capital e, mesmo, desejar que se houvesse realisado a supplantação de nossa raça; — mas, para conhecer perfeitamente a influencia que aquelles dominadores exerceram sobre os nossos costumes, sobre a nossa lingua, sobre as nossas artes, e tirar d'ahi porventura ensinamentos que nos podessem conduzir a acertados alvedrios, ou desviar-nos de condemnados rumos.

Afigura-se-me que, sendo mais commercial do que colonisador o fito collimado pela poderosa Companhia das Indias Occidentaes, e tambem em consequencia da intolerancia de espirito de seita que dominava o conquistador hollandez, não teria sido de grande vantagem para nós a perduração da influencia bátava, de cujos beneficios apenas se acham apurados os melhoramentos materiaes da administração de Nassau. Mas, a julgar por estes e pelo que se sabe do espirito emprehendedor de nossos antigos inimigos, não hesito em crer que, desde muito, estariam realisadas pelo menos as importantes obras de cuja falta mais se resente esta bella Mauricéa se porventura mais copiosa houvesse sido a immigração hollandeza naquelle periodo, ou se houvesse a mesma continuado na constancia da dominação da metropole portugueza.

Refiro-me, exemplificativamente, a obra do porto do Recife, que tanto ha sido procrastinada, e que, digamos sem rebuços, para nossa confusão e emenda, já teria sido realisada, se dos inimigos que vencemos com tanto denodo e bizarria, houvessemos conquistado o louvavel afan de impulsionar o desenvolvimento da capital pernambucana.

Somos valorosos na guerra, até a loucura sublime do heroismo e da abnegação, —attestados gloriosos: — a campanha da independencia, a luta hollandeza, a guerra do Paraguay, e para Pernambuco em especial, as revoluções populares de 1817, 1824 e 18 8; mas porque havemos de ser assim negligentes na paz?!

Quasi dous seculos e meio são decorridos desde que entramos na posse indisputada do solo pernambucano, e ainda estamos bem longe de ver a objectivação dos ideaes de grandeza material e moral que lampejaram na mente, e inundaram de justos enthusiasmos os corações, dos heróes que hoje rememoramos. Não havemos, certo, correspondido aos patrioticos intuitos de nossos heroicos avoengos.

Meus senhores! Força é dizel-o: o edificio de nossa organisação social e politica assenta sobre a areia move-

diça de tres desertos: deserto de instrucção, deserto de liberdade, deserto de justiça. E se a acção conjuncta e solidaria de nossos esforços constantes e melhor orientados do que o têm sido até hoje, não tiver a força mirifica de fundir a massa vacillante e amorpha desse alicerce, no cimento indestructivel da liberdade, no granito da justiça e no reluzente pórphyro da instrucção popular: — esse grandioso edificio *« como a velha cortiça da arvore da vida, ha de ruir inevitavelmente. »*

Parecer-vos-á isso talvez descompassada objurgatoria, rebuscada declamação para effeitos theatraes de pompa tribunicia!

Eu mesmo vos confesso que seriam realmente exaggerados os meus conceitos, se fossem apenas derivados da contemplação dos nossos principaes centros populosos, dos nossos mais adiantados nucleos de civilisação.

Não é raro ver-se dahi surgirem legisladores que se inspirem no bem publico, magistrados que façam da justiça o objecto de extremado culto, mestres laureados que se compenetrem de sua evangelisação civilisadora!

Mas cumpre notar que Pernambuco não é o Recife, como o Rio de Janeiro não é o Brazil.

Se penetrardes um pouco mais fundo no coração da grande massa brazileira, se examinardes com o olhar attento o formigamento humano de analphabetos que em grandes proporções se exhibe nas feiras do interior, se vos lembrardes dos crimes de toda casta que se reproduzem por ahi além, engendrados por essa mesma ignorancia, e escapando á acção da justiça por multiplicadas causas: — vereis que o humilde orador se prevalece apenas da occasião para descortinar á vossa attenção os grandes males que nos opprimem, sem pretender leval-os á conta de governantes e governados, e antes attribuindo-os a uma successão de gerações, a todas as quaes cabe repartidamente igual somma de culpa, consistente antes em omissão descuidosa do que em acção directa e subversiva.

Meus senhores! Em nossa historia a *liberdade* tem os seus martyres; a *instrucção*, os seus apostolos; a *justiça* os seus arautos! Todos elles com a eloquente intimação do exemplo, estão-nos a indicar a tarefa indeclinavel de firmar uma vez por todas o imperio definitivo desses tres factores do progresso humano, — factores que se auxiliam e integralisam, na obra ingente do engrandecimento patrio!

Que vale, porventura, a liberdade quando não a guia e esclarece a Instrucção?

Que valem uma e outra, se a Justiça não paira acima dellas, norteando-lhes a acção fecunda e bemfazeja?!

Possa o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano ter por alguma forma avivado o sentimento do dever que nos é imposto pela contemplação de nossas condições sociaes, dous seculos e meio após a rendição do ultimo baluarte hollandez, e terá, sem contradicta, commemorado do melhor modo a aurea data, sob cujos auspicios se installou e tem vicejado!

Ah! Que os labios se podessem descerrar, daquellas effigies venerandas de João Fernandes Vieira, Henrique Dias e Camarão, que symbolisam o que o valor e o patriotismo já tiveram de mais selecto e puro, de mais nobilitante e digno, afim de deixarem repercutir neste recinto o motto electrisante do estandarte, que ha de guiar os combatentes da hora actual á conquista da bella patria que os olhos de meu espirito vêm desenhada no mappa daquelles corações!

Advinho que ouviriamos neste instante, e sentiriamos vibrar até aos ultimos recessos de nossa alma de brazileiros, o grito patriotico de rebate: — *Instrucção, Liberdade, Justiça!*

Daria por terminada a minha missão, neste ponto, se me não cumprisse obedecer ao preceito de nossos estatutos que põe ao orador desta sessão magna a' injuncção de fazer o elogio biographico dos socios fallecidos no decurso do anno social extincto.

Não vos fatigarei por largo tempo, não só porque seria imperdoavel abusar da nimia condescendencia, com que me tendes amparado, (condescendencia tanto mais generosa quanto justa seria a vossa impaciencia por ouvirdes as brilhantes orações que vos aguardam), como ainda porque escassos e incompletos são os dados de que disponho para levar a cabo esta merecida consagração.

Fallar-vos-ei em primeiro lugar da perda irreparavel que soffreu este Instituto com o fallecimento de seu antigo presidente, o inesquecivel socio benemerito Desembargador Manoel Clementino Carneiro da Cunha, cuja alma serena e

bondosa dentre nós se desprendeu a 15 de Fevereiro do anno proximo passado.

Os serviços de excepcional relevancia, por elle prestados durante muitos annos a este Instituto e que lhe valeram as provas de distincção que ao mesmo é dado conferir, como fossem a escolha para presidente desta associação, o titulo de socio benemerito, e a collocação do seu retrato no salão das sessões, — os serviços de tão conspicuo socio, devo dizel-o, fazem a sua memoria particularmente chara a este Instituto.

Na vida publica, como na vida particular, o illustre morto assignalou-se pela correcção sem falha de seu proceder sempre honesto e lealdoso, pela cultura de espirito e pureza de intuitos, reveladas no desempenho de sua fructuosa missão social.

Era formado em sciencias juridicas e sociaes; foi magistrado modelar; representou condignamente a provincia de Pernambuco como deputado provincial e geral; esteve a frente da administração publica provincial, e o seu governo primou pela cordura, pela rectidão, e pelo zelo da causa publica.

Após a quéda do regimen monarchico, e por escrupulos de todo o ponto respeitaveis, acolheu-se a modesto retrahimento, dedicando a melhor parte de seu tempo ao serviço deste Instituto.

Foi então que conseguiu por meio de uma gestão criteriosa, em que não foram poupados esforços e sacrificios, pol-o a salvo das difficuldades financeiras que lhe entravavam a marcha.

Quando a cruel enfermidade que ceifou aquella preciosa existencia, se havia avantajado ao ponto de mais não permittir que o illustre extincto nos prestasse a sua valiosa cooperação, e este Instituto lhe conferiu, em signal de reconhecimento, o diploma de socio benemerito, — fez o humilde orador parte da commissão que lhe foi fazer entrega daquelle titulo de benemerencia, e ainda tem presentes, as palavras magoadas com que elle, o modesto e operoso consocio, se referiu a sua passagem por aqui, — aos seus esforços desinteressados (e que elle era o unico a apoucar), — assim como tem bem viva a doçura de affecto, a transpor as raias das lagrimas, com que elle agradeceu aquella prova de distincção que tão suave balsamo ia derramar sobre a sua longa amargura. Era uma saudação,

e deixou-nos a funda impressão de uma despedida lancinante!

Eis, meus senhores, quem foi o cidadão prestante cujo nome o Instituto inscreve hoje em seu registro doloroso.

Em 17 de Abril de 1898 falleceu na cidade de Tabauté, Estado de S. Paulo, o preclaro socio deste Instituto o Arcebispo Conde de Santo Agostinho.

Attingiria as proporções de uma longa monographia a exposição da fructuosa vida e innumeraveis virtudes deste notavel principe da Egreja, semeador de tão-larga messe de beneficios, que para eternisar-lhe a memoria bastaria a referencia de um delles cada dia.

Bispo que foi da diocese de Olinda, D. José da Silva Barros soube impor-se aos affectos da sociedade pernambucana, pela impeccavel rectidão de sua administração, e bondade exuberante de seu coração magnanimo.

Até aos ultimos momentos aquella grande alma privilegiada revelou-se superior ás contingencias humanas, compenetrando-se, sem a lacuna de um desalento, da sua divina missão de amor e caridade, para encerral-a sómente, com a calma resignação dos justos, no memoravel testamento, com que se despediu da sociedade que tanto illustrou.

A 31 de Agosto do mesmo anno falleceu, na Capital Federal, o Conselheiro Luiz Felippe de Souza Leão, pernambucano illustre, que por muitos annos exerceu real e culminante influencia nos destinos politicos deste Estado, como chefe de uma das duas grandes aggremiações politicas em que se achava o mesmo scindido, na vigencia do velho regimen.

Membro de uma extensa e importante familia, gozando da estima respeitosa de seus concidadãos, que nelle viam um seguro penhor de alto criterio e honestidade de intuitos, o Conselheiro Luiz Felippe sempre correspondeu a confiança publica que o fortalecia, e deixou após si um nome que honra os nossos fastos politicos e sociaes.

Na phase republicana, recolhera-se á vida privada,

cercado entretanto do prestigio que lhe havia grangeado todo um passado de serviços dedicados a causa publica.

Era filho do Coronel Felippe de Souza Leao e da Exa. Sra. D. Ritta de Souza Leão, e nascera no municipio de Jaboatão a 20 de Julho de 1832.

Bacharel em direito, dedicou-se por alguns annos a agricultura; foi deputado provincial e geral, e finalmente senador do Imperio.

No notavel ministerio do Conselheiro José Antonio Saraiva, occupou a pasta da marinha.

Em 3 de Setembro de 1899 finou-se na capital da Republica o Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão.

Notavel pelo seu talento e aptidões politicas, este illustre socio do Instituto deixa aos seus concidadãos uma memoria honrosa a zelar.

Chefe politico prestigioso no regimen imperial, desempenhou com lustre para si e proveito para o paiz os cargos de presidente de provincia e de ministro de estado.

Deputado ao parlamento nacional, onde se distinguiu entre os seus pares pela influencia de sua palavra sempre inspirada no bem publico, recebeu o justo galardão de seu merecimento sendo eleito senador pelos suffragios dopartido liberal, em 29 de Outubro de 1882.

Ornavam-lhe o peito a commenda da Ordem de Christo, a Gran Cruz das Ordens de S. Leopoldo da Belgica e Aguia Branca da Russia, e a medalha boliviana Simão Bolivar. E' com toda a razão que este Instituto o contempla na galeria dos pernambucanos illustres.

E' tambem com pezar que esta associação registra o fallecimento do Dr. Augusto de Souza Leão, a quem merecidamente conferira a monarchia o titulo de Barão de Caiará.

Em 4 de Setembro de 1898, na cidade de Olinda onde se achava residindo, cedeu a lei fatal da contingencia humana esse estimado e considerado pernambucano, cheio

de serviços a seu estado natal, ao qual dedicou as melhores energias de sua capacidade politica.

Nasceu em 13 de Dezembro de 1830; formou-se no anno de 1857; dedicou consideravel parte de sua existencia á agricultura; e figurou por fim na politica liberal como deputado á assembléa provincial, de que tambem foi presidente.

Vice-presidente da provincia, achou-se por duas vezes em exercicio, sendo que sómente da segunda vez se demorou nesse cargo, naquella conjunctura verdadeiro posto de sacrificios. Depois da proclamação do novo regimen votara-se a circumspecto retrahimento.

Cumpre-me ainda relembrar daqui os nomes dos seguintes socios, de cuja efficaz collaboração foi este Instituto privado:

Dr. *Carlos Eugenio D. Mavignier.* — Em relação a este distincto socio fallecido em 17 de Fevereiro de 1898, nada me cumpre accrescentar á magistral noticia biographica a seu respeito elaborada pelo venerando Presidente deste Instituto, o Exm. Sr. Desembargador Adelino de Luna Freire, e que se acha transcripta no livro das actas desta casa.

Desembargador Miguel Archanjo Monteiro de Andrade, vulto respeitavel de nossa magistratura, fallecido em 19 de Fevereiro do mesmo anno.

Dr. Arminio Coriolano Tavares dos Santos, fallecido em 7 de Maio do mesmo anno.

Na impossibilidade de perlustrar a carreira social e politica deste cidadão conspicuo, limito-me a assignalar os principaes postos que elle honrou.

Ao tempo da monarchia desempenhou os cargos de promotor publico e juiz de orphãos. Teve assento nas assembléas provincial e geral, representando nesta ultima o terceiro districto.

No regimen republicano foi procurador geral do Estado e deputado ao Congresso Federal.

Dr. José Eustaquio Ferreira Jacobina. — Falleceu em 8 de Maio do mesmo anno.

Como deputado provincial e geral, firmou justos creditos de orador correcto e fluente, terçando brilhantemente as armas da palavra.

Como advogado, deixa em nosso fôro a tradição de um nome laureado.

Dr. Francisco Amynthas da Costa Barros. — Falleceu na cidade do Natal onde fixou a sua residencia, no dia 22 de Fevereiro de 1899. Era natural do Ceará, onde tambem foi magistrado. Nesta qualidade esteve em Alagôas e no Rio Grande do Norte, exercendo nesta ultima provincia o cargo de Chefe de Policia.

Assumiu ahi por duas vezes a administração, como 1º vice-presidente, e bem mereceu o applauso da opinião geral.

Por occasião da implantação do novo regimen coube-lhe prover á organisação do estado, como governador escolhido pelo poder central, pondo assim ao serviço das novas instituições o seu reconhecido tino administrativo. Gozava de legitima influencia no seio do partido a que se filiara, e de que era um dos mais fortes sustentaculos.

João Alves Mendes da Silva. — A deficiencia de dados biographicos não me permitte assignalar datas e factos em connexão com o respeitavel nome desse digno consocio, em quem o Instituto reconhecia elevadas qualidades de espirito a soldo de um apreciavel caracter.

E finalmente, o *Dr. Manoel Joaquim de Andrade Luna*, fallecido nesta capital apenas ha onze dias. O illustre moço cujo talento de escol e caracter de fina tempera pareciam indicar brilhantissima trajectoria em nosso firmamento

social, bem merece deste Instituto a demonstração de fundo pezar que nesta sessão é tributada á sua memoria.

Pondo ao serviço das ideias que esposara, a sua penna e a sua palavra, ambas palpitantes de vida e repassadas do calor das convicções sinceras, o joven advogado, tão cedo precipitado na voragem do tumulo, já soubera attrahir sobre o seu nome um como cortejo de sympathias desinteressadas e espontaneas, que lhe augurava logar conspicuo na galeria dos contemporaneos.

Como deputado da assembléa pernambucana e em sua modesta banca de advogado, o seu talento e aptidões tiveram occasião de revelar-se como promittentes ensaios de mais altanados vôos.

Mas, urge terminar a piedosa romaria aos tumulos dos nossos companheiros de trabalho, tombados no trecho do caminho sobre o qual ora volvemos um saudoso olhar.

Ao deixar a tribuna, após esta consagração de mortos e rodeado desta atmosphera de festa, acodem-me a mente perturbada as palavras que Thackeray põe na bocca de Esmond quando este descreve a sua peregrinação ao cemiterio: « Eu experimentei uma sensação sómente comparavel á daquelle que estivesse a caminhar por baixo do mar, e a pisar por entre ossadas de naufragios. » (*)

Urge concluir; é tempo e muito tempo de que a estas notas dolentes succedam cantos festivaes.

Dixi.

(*) I felt as one who had been walking below the sea and treading amidst the bones of shipwrecks.

DISCURSO

Lido na sessão magna do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano a 26 de Janeiro de 1900, commemorando a descoberta do Brazil e a rendição do dominio hollandez.

Senhores.

Hoje e amanhan.
26 e 27 de Janeiro.
1500 a 1900.
Ha quatro seculos !

São memoraveis aquelles dias e annos pelos acontecimentos, que recordam.

O primeiro é uma data nacional, que destaca na historia o descobrimento do Brazil, conquista civilisadora, que fez a remissão de uma parte do genero humano.

E o segundo é uma data propriamente pernambucana, lembrando o resgate desta terra querida, da mão do hollandez uzurpador, que rechassado nas pelejas do patriotismo pelo heroismo de bravuras inexcediveis, enrolou fugitivo a sua bandeira e deixou a presa preciosa, que não poude segurar por mais tempo.

Essas epochas teem os seus heróes, que deixaram nomes para serem venérados, pela posteridade, que présa os feitos gloriosos, que illuminam as lutas do trabalho e da liberdade :

26 de Janeiro recorda Vicente Yanez Pinzon.

E 27 — Mathias de Albuquerque, João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Martim Soares Moreno, Felippe Camarão e Henrique Dias.

Aquelle mostrou ao mundo a descoberta do Brazil, apontando para a terra a que deu o nome de Santa Maria da Consolação, hoje cabo de Santo Agostinho, e estes fizeram a libertação do Brazil do dominio da Hollanda.

São dois actos de heroismo, conquista de glorias, que são immorredouras.

---

26 de Janeiro.

O feito, que este dia assignala levantou uma larga polemica entre os historiadores, procurando nos archivos preciosos documentos, para deixar clara a verdade das narrações, que deviam ser atiradas a opinião para firmar crenças indeleveis.

Vós, senhores, tendes ouvido dizer por muitas vezes, que o Brazil foi descoberto pelos portuguezes.

Quem verificar os factos vê e observa, que essa affirmativa não é verdadeira.

Quando Portugal procurou no caminho dos mares a fama do seu estandarte, alargando-lhe a vida politica e social, que ainda hoje tem, a Hespanha victoriosa em Granada, na guerra contra os Mouros, atirou-se a egual emprehendimento, e affagando a idéa peregrina de Christovão Colombo pela descoberta da America, collocou-o a frente de uma flotilha, dando-lhe a patente de Almirante e tendo como seus subordinados os capitães Vicente e Alonso Pinzon.

O bom successo dessa arriscadissim empreza onde a agonia do receio do naufragio teve o tamanho do triumpho quando Alonso, commandante da Pinta, soltou o primeiro grito —*terra terra* «grito que repetiram todas as equipagens das caravellas, como salvação da vida e de triumpho, lançando-se de joelhos sobre os tombadilhos e entoando o hymno de Gloria a Deus no céo e sobre a terra» (Lamartine) despertou em Fernando e Izabel a bravura de outras conquistas, que deviam engrandecer o seu reinado.

Colombo, abrindo o caminho da America fez successivamente outras viagens e á sua sombra levantaram-se outros emulos pelo amor dos descobrimentos.

Vicente Yanez Pinzon organisou uma expedição aproveitando parte do pessoal que servira a Colombo em sua primeira viagem e partiu do porto de Palos a 19 de Novembro de 1499, procurou pelas Canarias o Archipelago de Cabo Verde, e da ilha de Santiago tomando o rumo SSO depois de 440 leguas descobriu o cabo de Santa

Maria da Consolação ou Rostro Hermoso e que os portuguezes chamaram cabo de Santo Agostinho, que é a ponta mais saliente da costa do Brazil e que é terra pernambucana, a 26 de Janeiro de 1500.

Diante dessa narrativa de muitos historiadores firmada em irrecusaveis documentos, a gloria da descoberta do Brazil pertence aos hespanhoes a Vicente Yanez Pinzon e não aos portuguezes, a Pedro Alvares Cabral, que por acaso e noventa e sete dias depois, a 2 de Maio do mesmo anno, viu a bahia de Porto Seguro.

Este Instituto para elucidar esse ponto encarregou um dos seus mais distinctos consocios o Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, que em um minucioso escripto — Quarto centenario do descobrimento de Pernambuco em 26 de Janeiro de 1500 — apurando opiniões, deixou firmado em provas completas, que essa conquista assignalada pertence aos hespanhoes, que foram os primeiros europeus, que viram e pisaram a terra brazileira.

Nesse trabalho já se haviam empenhado Bernardo Pereira de Berredo nos *Annaes historicos do Maranhão*, Francisco Solano Constancio em sua *Historia do Brazil*, J. J. Machado de Oliveira e J. Norberto da S. Silva em *Memorias* apresentadas ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e J. Capistrano de Abreu em seu trabalho *Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI*, e em todos elles a verdade firmou-se nas seguintes conclusões deste historiador:

« Em resumo:

« Está provado, que sahindo de Palos a 18 de Novembro de 1499, com 4 caravellas, Vicente Yanez Pinzon foi pelas Canarias ao archipelago do Cabo Verde;

« que de uma das ilhas deste archipelago a de Santiago, partindo ao rumo de SSO depois de 540 leguas, elle chegou a uma terra ao sul do Equador, a 26 de Janeiro de 1500;

« que esta terra é o Brazil e que o cabo a que elle deu o nome de Santa Maria de la Consolation é o de Santo Agostinho;

« que dahi seguiu para o norte beirando a costa é descobriu o rio mais tarde chamado das Amazonas, a que deu o nome de Mar Dulce;

« que dahi prolongando a costa, chegou até o cabo de

Orange, a que deu o nome de S. Vicente, e ao rio Oyapok, que se ficou chamando de Vicente Pinzon;

« que este ponto foi o ultimo do Brazil em que tocou.

« Todos os esforços até hoje feitos para recuar o descobrimento do Brazil para antes de 1500, não tem resistido a critica.

« A tradicção franceza da viagem de Cousin, que fixa o descobrimento do Brazil no anno de 1488, não está comprovada e tropeça em difficuldades insuperaveis.

« A viagem de João Ramalho em 1490, ou é uma invenção de Frei Gaspar da Madre de Deus, ou não passa de uma mystificação em que elle cahiu.

« A interpretação da viagem de Hojeda em 1499, que Vargnhagem dá baseando-se nas cartas de Vespucio, tem contra si o testemunho de Hojeda, de Juan de la Cosa, dos companheiros de Pinzon e todos os resultados apurados no estudo dos textos e na critica dos factos.

« E' portanto, com os documentos de que dispomos, incontestavel, que o descobrimento do Brazil foi em 1500.

« E foram os hespanhoes que o descobriram, porque Cabral viu terra mais de meado de Abril e Pinzon viu-a em Janeiro e Diogo de Sepe, quando Cabral ainda nem percebera signaes de terra, já dobrara o Cabo de Santo Agostinho para o sul e tornava para o norte.

« Esta é a solução chronologica.

« A solução sociologica é differente: nada devemos aos hespanhoes, nada influiram sobre nossa vida primitiva: prendem-se muito menos á nossa historia do que os francezes.

« Sociologicamente fallando, os descobridores do Brazil foram os portuguezes.

« Nelles inicia-se a nossa historia; por elles se continúa por seculos; a elles se deve principalmente os esforços que produziram uma nação moderna e civilisada em territorio antes povoado e percorrido por brancas tribus nomadas. »

Ahi está toda a verdade, mas não é em nome della, que se pretende festejar o quarto centenario da descoberta do Brazil.

O centenario da descoberta do Brazil tem o seu dia historico, 26 de Janeiro, mas o espirito falsificador dos

acontecimentos quer lhe dar outra data, e esta festa é um protesto pela verdade, que se quer ferir.

E não é só a data, mas o monumento, que se vai inaugurar na praça da Gloria na Capital Federal, onde se pretende rememorar o descobrimento do Brazil.

A imprensa dali dando conhecimento do monumento esculpido pelo afamado Rodolpho Bernardelli, segundo as photographias expostas na vitrina da casa Dreifus, assim o descreve:

« O monumento, diz *A Noticia*, tem como figura principal Pedro Alvares Cabral, que extasiado chanta o estandarte portuguez, ao pisar pela primeira vez o sólo brazileiro; aos lados, e pouco para traz em plano levemente inferior, figuram: Frei Henrique, o religioso que disse a primeira missa, e que está em attitude de agradecimento a Deus, e Pero Vaz de Caminha, que parece annunciar em alta voz aos seus companheiros das caravellas a grandeza e o valor deste mundo novo, que elles acabam de descobrir. »

Por essa descripção se vê, que o bronze não vai reproduzir a verdade historica apurada na pesquisa e na fidelidade dos documentos e no testemunho dos escriptores citados.

O descobrimento do Brazil não pertence a Pedro Alvares Cabral a 3 de Maio, mas a Vicente Yanez Pinzon a 26 de Janeiro de 1500, completando-se hoje quatro seculos da descoberta.

O cabo de Santo Agostinho foi a primeira terra do Brazil descoberta por Pinzon e não Porto Seguro por Cabral.

Se este não conhecia a descoberta daquelle e só o acaso lhe permittia ver a terra da Vera Cruz, a historia, apanhando os acontecimentos não pode oppor 3 de Maio a 26 de Janeiro de 1500.

Felizmente os que veem os monumentos e leem a historia do seu paiz procurarão distinguir os falsos dos verdadeiros.

Esta festa, commemorando hoje o quarto centenario da descoberta do Brazil, é um protesto contra a allegoria do monumento, contra o dia de sua inauguração e contra o Decreto do Governo Provisorio n. 155 B, de 14 de Janeiro de 1890, que declarou de festa nacional o dia 3 de Maio, *por ser consagrado á commemoração da descoberta do Brazil.*

O que está na lei, não é o que está na Histhoria e o

que está na Histhoria não é o que está no Brazil, nos monumentos levantados para celebrar os seus feitos assignalados.

A falta de verdade na expressão do bronze é um mal, que do imperio passou para a Republica.

Os aulicos para serem agradaveis ao segundo imperador levantaram no largo do Rocio na Capital Federal uma estatua a Pedro I, como fundador da independencia do Brazil, quando esse acontecimento estava nas manifestações populares, nos conselhos de João VI e foi por elle manifestado ao deixar a bahia do Guanabara nestas memoraveis palavras: — « *Pedro, o Brazil brevemente se separará de Portugal, se assim fôr põe a corôa sobre tua cabeça antes que algum aventureiro lance mão della.* »

A natureza do regimen, não permittiu reagir contra essa creação alem da palavra escripta, e Theophilo Ottoni lançou o protesto da Histhoria contra a mentira de bronze, offerecendo-a machucada aos olhos da opinião, muito embora cahisse em outro erro, dando a primasia desse acontecimento ao movimento da *Inconfidencia.*

Com a Republica, senhores, levou-se a effeito a proclamação de outra mentira.

Procurou-se o seu precursor, e como tal apresentaram em estatua —Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Neste regimen fomos mais felizes, atirando ao mundo a palavra e a acção; o protesto deste Instituto escripto pelo nosso venerando e benemerito consocio o patriotico Major José Domingues Codeceira, por ser essa gloria do sargento-mór Bernardo Vieira de Mello, e o Instituto de Olinda assentando a base de um monumento a esse heroico pernambucano e a seus leaes e valentes companheiros a 10 de Novembro de 1899, recordando o 10 de Novembro de 1710, no mesmo lugar em que elle proclamou a republica para o Brazil *ad instar* dos Venezianos.

De falsidade em falsidade vai levantar-se a 3 de Maio o monumento do quarto centenario da descoberta do Brazil pelos portuguezes.

A Historia apresenta:

Contra o dia 3 de Maio, o 26 de Janeiro de 1500;

Contra os portuguezes os hespanhoes;

Contra Pedro Alvares Cabral, Vicente Yanez Pinzon;

Contra Porto Seguro, o cabo de Santa Maria da Consolação, hoje cabo de Santo Agostinho.

Contra o Decreto do Governo Provisorio, os documentos colligidos pelos escriptores já citados.

E contra o monumento da commissão do centenario na Capital Federal, esta festa do Instituto, solemnisando hoje o quarto centenario da descoberta do Brazil, tendo em vista a legenda da justiça —*que dá a cada um o que é seu— Suum cuique tribuere.*

---

27 de Janeiro.

Esta data já corre o seu terceiro centenario e é um anniversario de que este Instituto faz a sua obrigatoria solemnidade, recordando o dia em que o General Francisco Barreto de Menezes tomou posse desta cidade e de todo o Brazil em nome do rei de Portugal pela capitulação dos hollandezes.

O dominio da Hollanda começou em 1624 e acabou em 27 de Janeiro de 1654.

Foram 30 annos de luta armada, de effervescencia patriotica e de actos de heroismo, que hoje e sempre levantarão a admiração dos coevos e dos posteros.

Em todas as lutas humanas, senhores, a victoria e a derrota são da sorte das armas, mas esta quando mostra o valor dos combatentes, a historia não a recebe, humilhando o vencido para elevar o vencedor.

No periodo da guerra brazileo-hollandez as nossas armas não se deslustraram, nem quando a sorte lhes foi adversa.

Os dois revezes de Rio Formoso e Tamandaré são antes paginas de glorias imperecíveis do que a entrega de armas, que podem ser manejadas com bravura.

Em Rio Formoso, no morro do Reducto Pedro de Albuquerque viu morrer os seus vinte companheiros, caindo elle ao lado daquelles bravos com o peito atravessado por mortifero ferimento.

E em Tamandaré, senhores, a destruição completa da esquadra portugueza ao mando de Jeronymo Serrão de Paiva, pelo almirante batavo Lichtard, depois da conferencia e união dos capitães — Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Moreno, Camarão e Henrique Dias, significou o despertar de brios para novas lutas, o atear do fogo do patriotismo, e pode-se dizer, que foi a abertura do caminho da victoria para os pernambucanos chegarem ao dia 27 de Janeiro.

Dahi por diante, senhores, começou uma cadeia de triumphos successivos em todos os encontros das armas brazileiras com as hollandezas, em Casa Forte, Itamaracá, Itaparica, Guararapes e Recife, dando aquelles illustres capitães as mostras de seu tino guerreiro na escolha do campo para a batalha, nas marchas e nos assaltos, até entoar o grito da victoria.

O animo dos Pernambucanos estava nesse laborar guerreiro, quasi no termino dessa luta gloriosa, quando a aquelles capitães reuniu-se o general Francisco Barreto de Menezes, que tomando o commando do exercito levou ao fim a luta encetada e obrigou o inimigo a capitulação entregando-lhe a cidade do Recife naquelle dia que a Histhoria sagrou como epilogo de um periodo de sangue e de morte, de indomita bravura, de patriotismo inexcedivel e de gloria perenne.

Tantos esforços, senhores, são hoje lembrados para avivar a memoria do povo, que não deve esquecel-os.

E este Instituto, que estuda os acontecimentos para expol-os com fidelidade em suas conferencias, saúda os heróes do passado com os emblemas de sua dignidade, para levantar heróes no presente e no futuro.

Esta casa, senhores, é o templo da Historia e os obreiros, que estudam e escrevem as suas narrativas, investigam e apuram a verdade e por isso affirmam:

Que o Brazil foi descoberto pelos hespanhos a 26 de Janeiro de 1500;

E que as glorias do dia 27, pertencem aos pernambucanos guiados por:

Mathias de Albuquerque Mello,
João Fernandes Vieira.
André Vidal de Negreiros,
Martim Soares Moreno,
Felippe Camarão,
Henrique Dias,
E Francisco Barreto de Menezes.

A patria venera a todos elles, que são os escudos do sua grandeza, que foram os baluartes de sua liberdade.

Deus salve os valentes!

Recife, 26 de Janeiro de 1900.

JOÃO COIMBRA.

INDICE

